

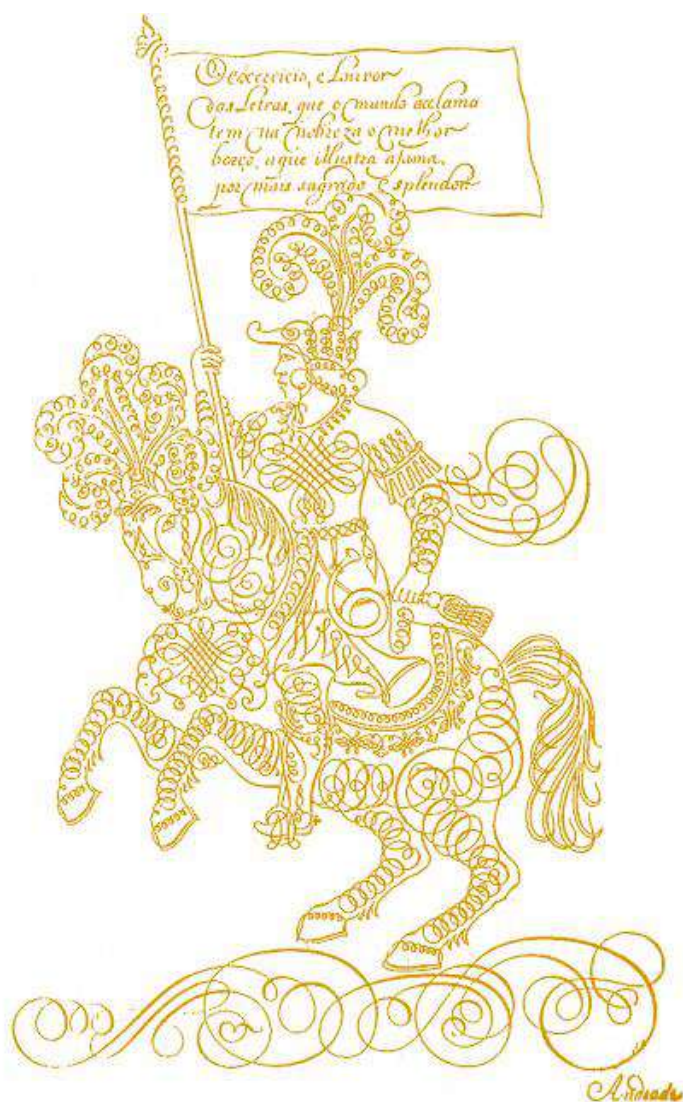
MAPA DA LITERATURA BRASILEIRA FEITA NO ESPÍRITO SANTO

REINALDO SANTOS NEVES

2ª EDIÇÃO



MAPA DA LITERATURA BRASILEIRA FEITA NO ESPÍRITO SANTO



SÉRIE ESTAÇÃO CAPIXABA, V. 20.

REINALDO SANTOS NEVES

MAPA DA LITERATURA BRASILEIRA FEITA NO ESPÍRITO SANTO



ESTAÇÃO CAPIXABA
NÚCLEO DE ESTUDOS E PESQUISAS DA LITERATURA DO ESPÍRITO SANTO
EDITORA CÂNDIDA

2019

© Copyright Reinaldo Santos Neves, Vitória, 2019.

Todos os direitos reservados. A reprodução não-autorizada desta publicação, por qualquer meio, seja ela total ou parcial, constitui violação da LDA 9610/98.

Universidade Federal do Espírito Santo

Reitor: Reinaldo Centoducatte

Pró-reitoria de Pesquisa e Pós-graduação

Pró-Reitor: Neyval Costa Reis Junior

Centro de Ciências Humanas e Naturais

Diretor: Renato Rodrigues Neto

Programa de Pós-graduação em Letras

Coordenadora: Arlene Batista da Silva

Núcleo de Estudos e Pesquisas da Literatura do Espírito Santo

Coordenador: Paulo Roberto Sodré

Capa: Do autor, baseada na ilustração do livro *Nova Escola para aprender a ler, escrever e contar*, de Manuel de Andrade Figueiredo, publicado em Portugal no ano de 1722 (1a. edição).

Revisão: Do autor

Catálogo: Saulo de Jesus Peres – CRB6 – 676/ES

Projeto gráfico e editoração eletrônica: Paulo R. Sodré (Neples)

Núcleo de Estudos e Pesquisas da Literatura do Espírito Santo

E-mail: neples.ppgl@gmail.com

Dados Internacionais de Catalogação-na-publicação (CIP)

(Centro de Documentação do Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade Federal do Espírito Santo, ES, Brasil)
B826

Mapa da literatura feita no Espírito Santo / Reinaldo Santos Neves. 2. ed. – Vila Velha; Vitória; Cariacica: Estação Capixaba; Neples; Cândida, 2019. Série Estação Capixaba, v. 20.
ISBN 978-65-80880-00-3

1. Literatura brasileira – Espírito Santo (Estado) – História e Crítica.
 2. Escritores brasileiros – Espírito Santo (Estado).
 3. Estudos literários. I. Neves, Reinaldo Santos.
- CDU: 821.134.3(815.2).09

Sumário

Apresentação | 5

Introdução: Questão de limites | 7

Primeira parte: Do século XVI ao *Poema Mariano* | 10

- A) As primeiras manifestações | 11
- B) José de Anchieta | 23
- C) Dois séculos de quase nada | 26
- D) O *Poema mariano* | 28

Segunda parte: O século XIX | 29

- E) Pré-romantismo | 30
- F) Romantismo | 31
- G) Parnasianismo e simbolismo | 34

Terceira parte: De 1901 a 1950 | 36

- H) Primeiras décadas do século XX | 37
- I) Os anos 30 e 40: os príncipes dos poetas capixabas | 44
- J) Os anos 30 e 40: pouca prosa | 52
- L) A Academia Capixaba dos Novos | 55

Quarta parte: De 1951 a 1978 | 58

- L) Cenário cultural dos anos 50 e 60 | 59
- M) A geração de 45 | 62
- N) Audifax e depois: a poesia dos anos 60 e 70 | 63
- O) A redescoberta do romance e outros sinais de prosa nos anos 60 e 70 | 70

Quinta parte: A modernidade | 77

- P) A época áurea: os anos 80 | 78
- Q) A década de 80: prosa de ficção | 84
- R) A década de 80: poesia | 93
- S) Os anos 90 | 101
- T) Outras contribuições institucionais | 109
- U) Outros autores da década de 90 | 112

Sexta parte: A atualidade | 122

- V) Os três primeiros anos do século XXI | 123

Referências | 130

APRESENTAÇÃO

Inicialmente publicado no site *Estação Capixaba*¹, esse precioso *Mapa da literatura brasileira feita no Espírito Santo*, de Reinaldo Santos Neves (2000-2003), pauta um assunto espinhoso, já que polêmico, pois coloca em questão diversos problemas da historiografia literária brasileira: a relevância de uma história da literatura nacional a partir de um horizonte localista, o eventual bairrismo que a locução “literatura capixaba” e seus congêneres (“literatura feita no Espírito Santo”, “literatura do Espírito Santo”, “literatura espírito-santense”) podem suscitar. Como pondera mais recentemente Maria Amélia Dalvi (2018),

Há uma discussão, bastante polarizada, sobre a existência ou não de uma “Literatura Capixaba” ou uma “Literatura do Espírito Santo”. De um lado, os que defendem que as expressões soam como provincianismos (e, em geral, preferem falar em uma “Literatura Brasileira feita no Espírito Santo”) e, de outro, os que defendem que, sem pautarmos nossa especificidade, “desaparecemos” no cenário nacional. Outra polêmica é sobre quem seria o autor capixaba: o nascido, o residente, o que pauta realidades locais? Nesse sentido, há perene desconforto: podemos reivindicar a produção de autores nascidos aqui, mas que alçaram voo fora e não fizeram nenhuma questão de remeter às suas origens? Podemos colher o quinhão de glória de autores que, não tendo nascido no Espírito Santo, desenvolveram a maior parte de suas carreiras literárias nestas bandas? Se parecem bobagens para quem não precisa falar em literatura carioca ou literatura paulistana, para nós, situados e sitiados entre Minas e o mar, essas são pautas quentes.

Entre um polo e outro dessa discussão insolúvel, Reinaldo Santos Neves se preocupou, todavia, em deixar aos interessados no assunto não uma *história*, como pretendeu o erudito Afonso Cláudio, ao concluir seu trabalho em 1907 mas vê-lo impresso cinco anos depois, em 1912, nem um “panorama”, como definiu José Augusto Carvalho, em 1982, sua pesquisa, percebendo incompleto o que deveria ser originalmente uma história, mas um “mapa” da produção literária brasileira realizada no Espírito Santo, seja por aquele(a)s aqui nascido(a)s, seja por aquele(a)s que, chegado(a)s ou de passagem, realizaram obras neste território quando capitania colonial, província monárquica, quando Estado da república.

Como explica Santos Neves,

¹ Disponível em: <http://www.estacaocapixaba.com.br/2016/01/mapa-da-literatura-brasileira-feita-no.html>.

Neste *Mapa* incluímos os autores nascidos no Espírito Santo, tanto aqueles que produziram sua obra no Estado natal como fora dele, embora admitamos que, dentre estes últimos, nem todos tenham permeado sua obra, como fizeram Rubem Braga e José Carlos Oliveira, de uma carga palpável de referencialidade regional. Seguindo a lição de Afonso Cláudio, incluímos também aqueles autores que, embora nascidos fora do Espírito Santo, produziram aqui uma parte importante de suas obras, contribuindo para “fecundar a seara intelectual” do Estado. Seguindo a lição de Oscar Gama Filho, tentamos dar uma idéia, no presente trabalho, do que seria um “conjunto de obras esteticamente significativas para o Espírito Santo”, aceitando como inevitável o alto grau de subjetividade que implica essa escolha, como bem acentua Oscar. Por fim, divergindo de Afonso Cláudio e de Oscar Gama Filho, preferimos acatar a opinião de José Augusto Carvalho e fugir de formulações como “literatura espírito-santense”, “literatura capixaba” e “literatura do Espírito Santo”. Cremos que o conceito “literatura brasileira feita no Espírito Santo” (apesar de não abarcar os autores capixabas escrevendo fora de seu Estado, presentes neste trabalho) é adequado para o que se produziu de literatura nesta que é “uma das menores circunscrições territoriais da pátria”. Quanto aos objetivos do presente trabalho, pode-se dizer que o *Mapa* pretende, primordialmente, oferecer uma atualização do *Panorama* de José Augusto Carvalho, publicado há quase vinte anos (2016).

Um dos objetivos de Santos Neves com seu *Mapa* foi, além de atualizar o “Panorama” de Carvalho, registrar sua contribuição como coordenador do Núcleo de Estudos e Pesquisas da Literatura do Espírito Santo (Neples) do Programa de Pós-graduação em Letras (PPGL) do Centro de Ciências Humanas e Naturais (CCHN) da Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes), no período de 1996 a 2012. O resultado foi uma publicação eletrônica disponibilizada no site *Estação Capixaba*, cujo repertório, isto é, acervo de estudos e obras referentes à cultura e, em especial, à literatura capixaba, é importantíssimo.

Diante dessa relevância, e preocupados com um registro tradicional dessa contribuição de Santos Neves, decidimo-nos por publicar o *Mapa* em formato de livro eletrônico, de maneira a facilitar o manuseio e a citação das informações nele contidas. O propósito é proporcionar ao leitor sensível à história da literatura aqui produzida uma edição que lhe sirva de guia para suas investigações sobre literatura *feita* no Espírito Santo.

Paulo Roberto Sodré
Coordenador do Neples

INTRODUÇÃO: QUESTÃO DE LIMITES

Afonso Cláudio de Freitas Rosa (1859-1934) foi o primeiro estudioso a produzir uma análise sistematizada da produção literária do Espírito Santo. Figura de muitas faces, como político chegou à presidência do Estado e como homem de estudo deixou obras pioneiras, entre elas *Insurreição do Queimado*, *Trovas e cantares capixabas* e *História da literatura espírito-santense*. Esta última, que é a que interessa aqui, foi concluída em 1907 mas impressa somente em 1912, nas Oficinas do *Comércio do Porto*; a razão – de cunho político – por que a impressão foi feita na Europa, em vez de na Imprensa Nacional, como estava previsto, o autor dá numa “Explicação preliminar” que integra o livro. Uma segunda edição fac-similada inaugurou, em 1981, a Biblioteca Reprográfica Xerox, com tiragem de 2.000 exemplares e apresentação de Clóvis Ramalhete. Quais os autores classificáveis, na opinião de Afonso Cláudio, como pertencentes à “literatura espírito-santense”? Ele o diz na introdução à sua obra:

[...] incluí entre os nomes de quantos contribuíram para a formação e desenvolvimento literários, os de muitos que não tiveram a região por berço de nascimento, mas nela formaram interesses por tempo mais ou menos longo.

A consideração a que atendi parece-me justificada por todos os motivos.

No caso sujeito, os estímulos trazidos por outros brasileiros ao desenvolvimento local, influíram no curso das idéias.

Foram espíritos que alentaram a cultura por dilatados anos e conquanto no território não tivessem o berço, todavia aí constituíram família, aí tiveram amigos, aí assistiram ao êxito ou ao descalabro de suas aspirações, à efetividade dos seus anelos e desilusões; consequentemente, aí atuaram de qualquer modo.

Justo é, portanto, que os reivindique ao berço do nascimento — aliás arbitrário e ocasional — o berço da afeição ou da adaptação, elegível, deliberado e adotado por uma série de atos inequívocos.

Não seria obra meritória, preterir por um requinte de nativismo irritante, quem quer que do país ou do estrangeiro, viesse com a sua cooperação profícua fecundar a seara intelectual de uma das menores circunscrições territoriais da pátria (CLÁUDIO, [1912], p. xxxiii/xxxiv).

O próximo a fazer um estudo abrangente da produção literária do Espírito Santo foi José Augusto Carvalho, que em 1982 publicou, nos números 21, 22 e 23 da *Revista de Cultura* da Ufes, o seu *Panorama das letras capixabas*, título que

acabou prevalecendo sobre o do projeto de pesquisa original, que era *História da literatura no Espírito Santo*. Ao justificar as razões do título adotado, diz o autor:

Chamar “literatura capixaba” à produção literária local seria uma temeridade que faria pressupor a existência no Espírito Santo de uma atividade poética autônoma que a tornasse diferente e distante da literatura brasileira como um todo. Ora, como não se pode falar em “literatura baiana”, “carioca” ou “paulista”, também não se pode falar em “literatura capixaba”. E o nome *História da literatura no Espírito Santo*, se não omitisse o caráter incompleto de nossa abordagem (sempre e sempre um tonel das Danaides, pelo fato de haver a constante pressuposição de que nem tudo se pode dizer a respeito de coisa alguma) pelo menos poderia enganar o leitor com a promessa de um trabalho mais completo. Assim, o título *Panorama* já dá uma ideia de incompletude, e a continuação — das letras capixabas — sugere uma abordagem mais ampla que poderia incluir até mesmo o que não é necessariamente literário. Mais que um rótulo cômodo, pela possibilidade de eliminar teorizações, *Panorama das letras capixabas* pode sugerir o conjunto da produção dos autores locais, sem que isso implique um bolsão literário independente e presunçosamente sui-generis, mas que deixe claro o caráter específico de nossa abordagem (CARVALHO, 1982, p. 53-54).

Oscar Gama Filho, no prefácio do mesmo *Panorama*, não deixou de especular sobre a questão:

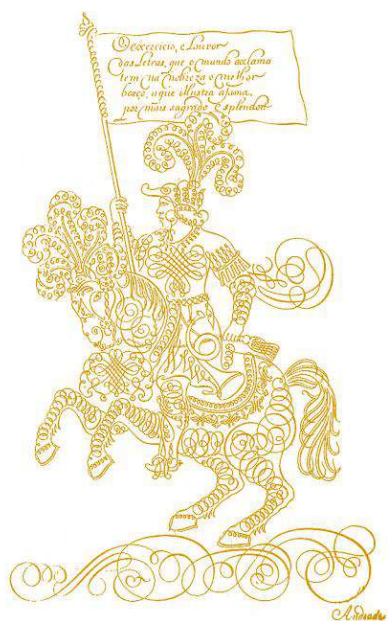
Em primeiro lugar surge uma indagação: o que é literatura capixaba? É o conjunto das obras produzidas no Espírito Santo? É o conjunto das obras escritas por capixabas natos? É o conjunto das obras que versam sobre o Espírito Santo? É o conjunto das obras esteticamente significativas para o Brasil? É o conjunto das obras esteticamente significativas para o Espírito Santo? Não é verdadeira a primeira opção porque, caso contrário, deveriam ser omitidos autores capixabas que escreveram a maior parte dos seus livros fora do Espírito Santo, como é o caso de Rubem Braga. Não é verdadeira a segunda opção porque, caso contrário, muitos que aqui passaram parte de sua vida não seriam mencionados, como é o caso de Ciro Vieira da Cunha (paulista de nascimento). Não é verdadeira a terceira opção porque, caso contrário, deveriam ser incluídos os viajantes estrangeiros, como Saint-Hilaire e Biard, e seus livros informativos sobre o Estado. Não é verdadeira a quarta porque temos poucos nomes ocupando posição de destaque no cenário nacional. Parece que apenas a última é adequada, apesar do grau de subjetividade que encerra (GAMA FILHO, 1982, p. 48).

Neste *Mapa* incluímos os autores nascidos no Espírito Santo, tanto aqueles que produziram sua obra no Estado natal como fora dele, embora admitamos que, dentre estes últimos, nem todos tenham permeado sua obra, como fizeram Rubem Braga e José Carlos Oliveira, de uma carga palpável de referencialidade regional. Seguindo a lição de Afonso Cláudio, incluímos também aqueles autores que, embora nascidos fora do Espírito Santo, produziram aqui uma parte importante de suas obras, contribuindo para “fecundar a seara intelectual” do Estado. Seguindo a lição de Oscar Gama Filho, tentamos dar uma idéia, no presente trabalho, do que seria um “conjunto de obras esteticamente significativas para o Espírito Santo”, aceitando como inevitável o alto grau de subjetividade que implica essa escolha, como bem acentua Oscar. Por fim, divergindo de Afonso Cláudio e de Oscar Gama Filho, preferimos acatar a

opinião de José Augusto Carvalho e fugir de formulações como “literatura espírito-santense”, “literatura capixaba” e “literatura do Espírito Santo”. cremos que o conceito “literatura brasileira feita no Espírito Santo” (apesar de não abarcar os autores capixabas escrevendo fora de seu Estado, presentes neste trabalho) é adequado para o que se produziu de literatura nesta que é “uma das menores circunscrições territoriais da pátria”. Quanto aos objetivos do presente trabalho, pode-se dizer que o *Mapa* pretende, primordialmente, oferecer uma atualização do *Panorama* de José Augusto Carvalho, publicado há quase vinte anos. Diferente do *Panorama*, não inclui amostra da obra dos autores citados, mesmo porque isso será feito em verbetes dedicados a autores específicos e também destinados a veiculação nesta página. Se a estrutura do trabalho pode por vezes parecer de relevo acidentado, isso se deve, em parte, à opção de se agregarem ao texto certas informações de acesso mais difícil para o leitor possivelmente interessado, como os dados sobre o caso sui-generis do poeta Antônio Dias Tavares Bastos e os detalhes sobre o concurso do príncipe dos poetas capixabas. Deu-se ênfase, ainda, à transcrição de textos pontuais para o estudo de tendências diversas, como editoriais de revistas e manifestos de grupos literários. A apreciação crítica foi feita em doses homeopáticas, sobretudo na base de citações, já que ensaios críticos deverão integrar os verbetes individuais dos autores. Entendemos este trabalho como tendo função essencialmente informativa sobre a literatura brasileira feita no Espírito Santo. Aqui o interessado – desde o curioso pertinente até o estudante de qualquer grau de ensino – poderá encontrar *pistas* para o que de mais significativo se produziu no Estado como contribuição, aliás, não só à literatura brasileira mas também àquilo que Wilson Martins chamou de “inteligência brasileira”. Caberia até, não fosse a presunção do conceito, sugerir que o que está aqui é um roteiro da inteligência espírito-santense. Lembramos que o *Mapa* foi produzido especificamente para divulgação na internet, onde foi ao ar no primeiro semestre de 2001. Esta publicação compreende uma versão corrigida do texto original e atualizada até o ano de 2003 inclusive. Por fim, registramos nosso agradecimento à colaboração preciosa que, na composição deste trabalho, recebemos de Renato Pacheco, Oscar Gama Filho e Fernando Achiamé, pesquisadores associados do Neples.

PRIMEIRA PARTE

DO SÉCULO XVI AO POEMA MARIANO



A) AS PRIMEIRAS MANIFESTAÇÕES

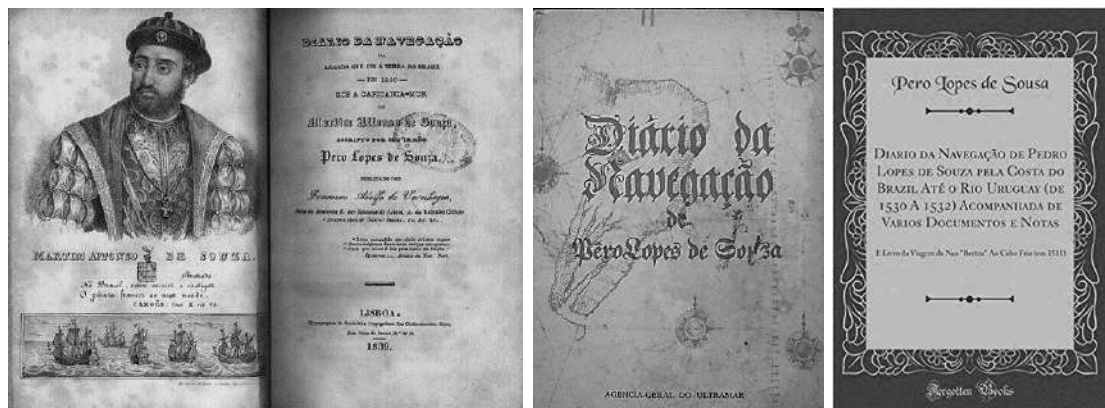
Os habitantes do Brasil à época da chegada dos navegantes e colonizadores europeus eram povos indígenas de cultura ágrafa, ou seja, que não conheciam a escrita nem precisavam dela.

Sua literatura – composta de histórias, mitos e lendas – era essencialmente oral. Registrada na memória coletiva, transmitia-se de uma geração a outra pela via da oralidade.

São os portugueses, portanto, que vão dar início à construção de registros escritos neste canto do mundo. Não estavam preocupados em fazer literatura, mas em consignar informações de caráter geográfico, etnológico, botânico, zoológico, que pudessem ser úteis para o projeto de conquista e colonização da terra brasileira.

De qualquer forma, é aí que se encontram os primeiros textos que se produziram sobre o Brasil e, conseqüentemente, sobre o Espírito Santo. Dentre os navegantes pode-se citar Pero Lopes de Souza, com seu *Diário da navegação*; dentre os cronistas, Pero de Magalhães Gândavo, Fernão Cardim e Gabriel Soares de Souza; dentre os epistológrafos, os jesuítas empenhados na tarefa de catequese dos aborígenes, notadamente Manoel da Nóbrega e José de Anchieta.

Em seu *Diário da navegação* **Pero Lopes de Souza** pouco diz sobre a costa do Espírito Santo, que bordejou em 21 de abril de 1531.



Folha de rosto e capa de edição moderna do *Diário da navegação*, de Pero Lopes de Souza¹.

A terra espriada ante seus olhos nesse dia nem nome tinha, já que a fundação da capitania só se daria com a chegada do donatário Vasco Fernandes Coutinho em 1535. As anotações relativas a essa passagem de Pero Lopes de Souza ao largo do Espírito Santo são de caráter puramente marítimo:

¹ Boa parte das imagens aqui reproduzidas foi recolhida na internet, em que, lamentavelmente, os créditos são raros, imprecisos ou inexistentes. Contamos, assim, com a compreensão gentil dos autores, cujos trabalhos não puderam ser devida e justamente creditados (Nota do editor).

Quinta-feira 21 d'abril ao meo dia tomei o sol em 19 graos menos 1 terço [Aproximadamente ao largo de Conceição da Barra ou São Mateus.]: fazia-me de terra 20 leguas. O vento se nos fez leste, e com elle faziamos o caminho do sul com totalas velas. De noite se fez o vento lesnordeste, e com as bolinas largar faziamos o dito caminho, levando resguardo, que cada relógio sondavamos; porque todos os pilotos se faziam ir por riba dos baxos d'Abrolho, que lançam ao mar 30 leguas, e o começo delles está em altura de 19 graus [Na verdade, 18 graus.] E assi fomos toda esta noite com mui bom tempo, sem podermos tomar fundo com 60 braças (SOUSA, 1979, p. 32).

Ou seja, nada chamou a atenção de Pero Lopes de Souza na costa do Espírito Santo. Na sexta-feira, dia 22, o navegador já está na latitude de 21 graus e três quartos, portanto, na altura do cabo de São Tomé:

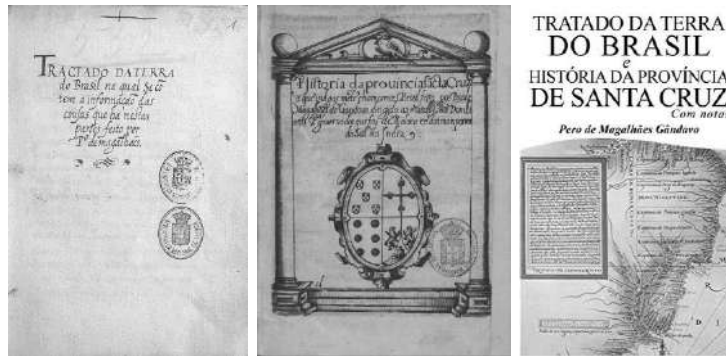
Sesta-feira pela manhã se nos fez o vento nordeste, e com totalas velas faziamos o caminho ao sul. Ao meo dia tomei o sol em 21 graos e 3 quartos; e como foi noite se nos fez o vento noroeste (SOUSA, 1979, p. 32-33).

No sábado desaba sobre os navios da expedição uma grossa tempestade; citemos aqui o registro desse dia nem que seja pela referência ao vento sul, que se tornaria um verdadeiro ícone climático da cultura capixaba:

Sábado no quarto d'alva se fez o vento sudoeste; e veio tam supito e furioso, que quasi nam deu lugar a amainar as velas; e ventou com tanta força (o qual ainda nesta viagem o nam tinhamos assim visto ventar) que as naos sem velas metiam no bordo por debaxo do mar: era tamanha a escuridam e relampagos, que era meo dia e parecia de noite: á tarde se fez o vento sul. Andava o mar tam grosso e tam feo que nos entrava por totalas partes. No quarto da prima ao sair da lua abonançou mais o vento; ficou o mar tam grande que nos nam podiamos ter na nao. Da banda de bombordo me arrebentaram os aparelhos, com o jogar da nao (SOUSA, 1979, p. 33).

Pero de Magalhães Gândavo, ou Gandavo, é autor do *Tratado da terra do Brasil*, escrito, segundo Capistrano de Abreu, antes de 1573, e da *História da província de Santa Cruz, a que vulgarmente chamamos Brasil*, impressa em 1576. Eis o capítulo 7 do *Tratado*, dedicado à “Capitania do Spirito Santo”:

A Capitania do Spirito Santo está cincoenta legoas de Porto Seguro em vinte graos, da qual é Capitão e governador Vasco Fernandes Coutinho. Tem hum engenho somente, tira-se delle o melhor assucre que ha em todo o Brasil. Pode ter até cento e oitenta vizinhos. Ha dentro da povoação hum mosteiro de padres da Companhia de Jesus. Tem hum rio mui grande onde os navios entrão, no qual se achão mais peixes bois que noutro nenhum rio desta Costa. No mar junto desta Capitania matão grande copia de peixes grandes e de toda maneira, e também no mesmo rio ha muita abundancia delles. Nesta Capitania ha muitas terras e mui largas onde os moradores vivem mui abastados assi de mantimentos da terra, como de fazendas. E quando se tomou a fortaleza do Rio de Janeiro desta mesma Capitania do Spirito Santo sustentarão toda a gente e proverão sempre de mantimentos necessarios enquanto estiverão na terra os que defendião (GÂNDAMO, 1980).



Fac-símile e edição moderna do *Tratado da terra do Brasil* e da *História da província de Santa Cruz*, de Pero Magalhães Gândavo.

Na *História da província de Santa Cruz* Gândavo repete mais ou menos essas informações, de modo ainda mais sucinto:

A sexta Capitania he a do Spirito Santo, a qual conquistou Vasco Fernandes Coitinho. Sua povoaçam está situada em huma Ilha pequena, que fica distante das povoações de Porto Seguro sessenta legoas em altura de vinte graos. Esta Ilha jãz dentro de hum rio mui grande, de cuja barra dista huma legoa pelo sertam dentro: no qual se mata infinito peixe e pelo conseguinte na terra infinita caça, de que os moradores continuamente sam mui abastados. E assi he esta a mais fertil Capitania, e melhor provida de todos os mantimentos da terra que outra alguma que haja na costa (GÂNDAMO, 1980).

No mesmo trabalho, pode-se dizer que Gândavo já ensaia alguma literatura ao referir alguns casos notáveis ocorridos na capitania:

Outro caso de nam menos admiraçam aconteceu entre Porto-Seguro, e o Espirito Santo, naquelas guerras onde mataram Fernam de Sá, filho de Men de Sá, que entam era Governador geral destas partes [na altura do rio Cricaré, ou São Mateus]. E foi que tendo os Portuguezes rendida huma aldêa com favor dalguns Indios nossos amigos, que tinham de sua parte, chegaram a huma casa pera fazerem presa aos immigos, como já tinham feito em cada huma das outras. Mas elles deliberados a morrer, nam consentiram que nenhum entrasse dentro: e os de fora vendo sua determinaçam, e que por nem huma via se queriam entregar, disseram-lhes que se logo á hora o nam faziam, lhes haviam de pôr fogo á casa sem nenhuma remissam. E vendo os nossos que com elles nam aproveitava este desengano, antes se punham de dentro em determinaçam de matar quantos podessem, lhes puzeram fogo: e estando a casa assi ardendo o principal delles vendo que já nam tinham nenhum remedio de salvaçam nem de vingança e que todos começavam de arder, remeteu de dentro com grande furia a outro principal dos contrarios, que passava por defronte da porte da banda de fora e de tal maneira o abarcou que sem se poder livrar de suas mãos, o meteu consigo em casa, e no mesmo instante se lançou com elle na fogueira, onde arderam ambos com os mais que lá estavam, sem escapar nenhum.

Neste mesmo tempo e lugar, deu hum Portuguez huma tam grande cutilada a hum Indio, que quasi o cortou pelo meio: o qual caindo no chão já como morto antes que acabasse de espirar lançou a mão a huma palha que achou diante de si, e a tirou com ella ao que o matara, como que dixerá: recebe-me a vontade, que te nam posso mais fazer que isto que te faço em signal de vingança, donde verdadeiramente se

pode inferir que outra nenhuma cousa os atormente mais na hora da sua morte que a magoa que levam de se nam poderem vingar de seus inimigos (GÂNDAMO, 1980).

O padre **Fernão Cardim** (c. 1549-1625) também deixou alguns textos informativos sobre o Brasil quinhentista: *Do clima e terra do Brasil e de algumas cousas notáveis que se acham assim na terra como no mar*, *Do princípio e origem dos índios do Brasil e de seus costumes, adoração e cerimônias* e *Narrativa epistolar de uma viagem e missão jesuítica pela Bahia, Ilhéus, Porto Seguro, Espírito Santo, Rio de Janeiro, São Vicente (São Paulo), etc., desde o ano de 1583 ao de 1590*.



Edições modernas da *Narrativa epistolar de uma viagem e missão jesuítica*, de Fernão Cardim.

Desta última eis o trecho referente à passagem de Cardim e seus companheiros pela capitania do Espírito Santo:

Aos 14 de Novembro [de 1584] partimos [da Bahia] para as partes do Sul oito padres e quatro irmãos. E aquella tarde e dia seguinte navegamos sessenta leguas com bom tempo, e logo nos deu tal vento pela prôa, que as tomámos quasi todas as desandar. E tornando Nosso Senhor continuar com sua misericordia, nos favoreceu de maneira que aos 21 tomámos a capitania do Espirito Santo, que dista 120 leguas da Bahia. Fomos recebidos dos padres com muita caridade, e do Sr. Administrador, que estava na nossa cêrca esperando o padre visitador, com grande alvoroço e alegria; e logo mandou dous perús, e os da terra mandaram vitellas, porcos, vaccas e outras muitas cousas, conforme possibilidade e caridade de cada um. Logo aos 25 se celebrou em casa a festa de Santa Catharina; disse missa nova um dos padres que vinha de Pernambuco, filho do governador do Paraguay; o qual sendo unico e herdeiro daquella governança, fugiu ao pai, e entrou na Companhia. O Sr. Administrador foi seu padrinho, e fez officiar a missa pelos de sua capella, e os indios tambem ajudaram com suas frutas. Toda a manhã houve muitas confissões, communhões e prêgação.

Em quanto aqui estivemos foram os nossos mui ajudados com a visita e exhortações do padre visitador; fizeram com elle suas confissões geraes. O padre lhes fez praticas, e com ellas e mais avisos espirituaes ficaram em extremo consolados.

Têm os padres nesta capitania tres leguas da villa, duas aldêas de indios a seu cargo, em que residem os nossos, que terão tres mil almas christãs, afora outras aldêas que estão ao longo da costa, as quaes visitam algumas vezes, que terão algumas duas mil pessoas entre pagãos e christãos. Vespera da Conceição da Senhora, por ser orago

da aldêa mais principal, foi o padre visitador fazer-lhe a festa. Os índios também lhes fizeram a sua: porque duas leguas da aldêa em um rio mui largo e formoso (por ser o caminho por agua) vieram alguns índios murubixába, sc. principaes, com muitos outros em vinte canoas mui bem esquipadas, e algumas pintadas, enramadas e embandeiradas, com seus tambores, pifanos e frautas, providos de mui formosos arcos e frechas mui galantes; e faziam a modo de guerra naval muitas ciladas em o rio, arrebetando poucos e poucos com grande grita, e prepassando pela canoa do padre lhe davam o *Ereiupe* [saudação], fingindo que o cercavam e o captivavam. Neste tempo um menino, prepassando em uma canoa pelo padre visitador, lhe disse em sua lingua: *Pay, marápe guarinîme nande popeçoari?* sc. em tempo de guerra e cerco como estás desarmado e metteu-lhe um arco e frechas na mão. O padre assim armado, e elle dando seus alaridos e urros, tocando seus tambores, frautas e pifanos, levaram o padre até à aldêa, com algumas danças que tinham prestes. O dia da Virgem disse o Sr. Administrador missa cantada, com sua capella, e o padre visitador pela manhã cedo antes da missa baptisou setenta e tres adultos, em o qual tempo houve bôa musica de vozes e frautas, e na missa casou trinta e seis em lei de graça, e deu a communhão a trinta e sete. Por haver jubileu concorreu toda a terra, e toda a manhã confessamos homens e mulheres portuguezes. Houve muitas communhões, e tudo se fez com consolação dos moradores índios e nossa. Acabada a missa houve procissão solemne pela aldêa, com danças dos índios a seu modo e à portugueza; e alguns mancebos honrados também festejaram o dia dançando na procissão, e representaram um breve dialogo e devoto sobre cada palavra da Ave Maria, e esta obra dizem compoz o padre Alvaro Lobo e até ao Brasil chegaram suas obras e caridades.

Era para vêr os novos christãos, e christãs sairem de suas ócas como conumis [o mesmo que curumins, meninos], acompanhados de seus parentes e amigos, com sua bandeira diante e tamboril, e depois do baptismo e casamentos tornarem assim acompanhados para suas casas; e as índias quando se vestem vão tão modestas, serenas, direitas e pasmadas, que parecem estatuas encostadas a seus pagens e a cada passo lhes caem os pantufos, porque não têm de costume. Ao dia seguinte fomos à aldêa de S. João, dahi meia legua por agua por um rio acima mui fresco e gracioso, de tantos bosques e arvoredos que se não via a terra, e escassamente o Céu. Os meninos da aldêa tinham feito algumas ciladas no rio, as quaes faziam a nado, arrebetando de certos passos com grande grita e urros, e faziam outros jogos e festas n'agua a seu modo mui gratiosos, umas vezes tendo a canoa, outras mergulhando por baixo, e saindo em terra todos com as mãos levantadas diziam: Louvado seja Jesus Christo! – e vinham tomar a benção do padre, os principais davam seu *Ereiupe*, prégrando da vinda do padre com grande fervor. Chegámos à igreja acompanhados dos índios, e os meninos e mulheres com suas palmas nas mãos, e outros ramalhetes de flores, que tudo representava ao vivo o recebimento do dia de Ramos. Porém neste tempo ainda que os índios fazem a festa, tudo é pasmar maxime as mulheres do Payguaçú. Acabado o recebimento houve outra festa das laranjadas, e não lhes faltam laranjas, nem outras fructas semelhantes com que as façam. Logo começaram com suas dadivas, e tão liberaes que lhes parece que não fazem nada senão dão logo quanto têm. E é grande injuria para elles não se lhes aceitar, e quando o dão não dizem nada, mas pondo perús, gallinhas, leitões, papagaios, tuins reaes, etc., aos pés do padre se tornavam logo.

Ao dia seguinte baptisou o padre visitador trinta e tres adultos, e casou

na missa outros tantos em lei de graça, e tudo se fez com as mesmas festas. Estavam estes índios em ruim sítio, mal acomodados, e a igreja ia caindo: fez o padre que se mudassem à outra parte, o que fizeram com grande consolação sua.

Ha nesta terra mais gentio para converter que em nenhuma outra capitania; deu o padre visitador ordem, com que fossem dous padres dahi vinte e oito leguas à petição dos índios, que queriam ser christãos: espera-se grande fructo desta missão, e descerão logo quatro ou cinco mil almas, e ficará porta aberta para descer grande multidão de gentios; para o qual effeito o governador desta terra Vasco Fernandes Coutinho (filho daquelle Vasco Fernandes Coutinho que fez as maravilhas em Malaca detendo o elefante que trazia a espada na tromba) deu grande provisões sob graves penas que ninguém os fosse saltar ao caminho; deu-lhes tres leguas de terra que os índios pediam, e perdão d'algumas mortes de brancos e alevantamentos que tinham antigamente feito, e quando foi ao assignar da provisão não na quiz ler, nem viu o que dizia, antes vindo-a sellar a nossa casa, disse que tudo o que o padre visitador puzesse havia por bem, e que pedisse tudo quanto quizesse em favor dos índios, que elle o approvaria logo.

Os portuguezes têm muita escravaria destes índios christãos. Têm elles uma confraria dos Reis em nossa igreja, e por ser antes do Natal quizeram dar vista ao padre visitador de suas festas. Vieram um domingo com seus alardos à portugueza, e a seu modo, com muitas danças, folias, bem vestidos, e o rei e a rainha ricamente ataviados, com outros principais e confrades da dita confraria: fizeram no terreiro da nossa igreja seus caracões, abrindo e fechando com graça por serem mui ligeiros, e os vestidos não carregavam muito a alguns, porque os não tinham. O padre lhes mandou fazer uma pregação na lingua, de como vinha a consola-los e trazer-lhes padre para os doutrinar, e do grande amor com que Sua Magestade lhos encommendava. Ficaram consolados e animados, e muito mais com os relicarios que o padre deitou ao pescoço do rei, da rainha, e outros principaes. Os portuguezes recebem o padre nesta terra com tantas honras e mostras d'amor, que não ha mais que pedir. O Sr. Governador e mais principaes da terra o visitaram muitas vezes, e porque o padre lhe trazia carta d'El-Rei, e aos mais da camara e governo da villa, fizeram quanto o padre lhes pediu para bem da christandade; e não contentes com as dadivas passadas, levando o padre a suas fazendas lhe deram muitos banquetes de muitas esquisitas e várias iguarias. E em um delles, depois de sermos seis da Companhia bem servidos, tirando as toalhas de cima, começou o segundo, e este acabado o terceiro, tudo com tanta ordem, limpeza, concerto e gasto, que nos espantava, e enquanto comemos não faziam senão mandar canôas equipadas com várias iguarias aos padres, que ficavam em casa, e por o caminho ser por agua e breve tudo chegava a tempo. Este é o respeito que por cá se tem ao padre e aos mais da Companhia. Nosso Senhor lho pague.

Na barra deste porto está uma ermida de N. Senhora, chamada da Pena, e certo que representa a Senhora da Pena de Cintra, por estar fundada sobre uma altíssima rocha de grande vista para o mar e para a terra. A capella é de abobada pequena, mas de obra graciosa e bem acabada. Aqui fomos em romaria dia de S. André, e todos dissemos missa com muita consolação, e V. Ra. foi bem encommendada à Senhora com toda essa Província, o que tambem faziamos em as mais romarias e continuamente em nossos sacrificios, e eu sou o que ganho pela muita consolação que tenho com tal lembrança; e pois a devo a V. Ra. e aos mais padres e irmãos dessa Província por tantas vias.

Este dia nos agasalhou o Sr. governador com muita caridade. Esta capitania do Espírito Santo é rica de gado e algodões. Tem seis engenhos de assucar e muitas madeiras de cedros e páus de balsamo, que são arvores altissimas: picam-se primeiro e deitam um oleo suavissimo de que fazem rosarios, e é unico remedio para feridas. A villa é de Nossa Senhora da Victoria: terá mais de 150 vizinhos, com seu vigario. Está mal situada em uma ilha cercada de grandes montes e serras, e se não fôra um rio muito formoso que lhe corre pelo pé, ainda fôra mais manencolisada do que é, porque pouco mais vista terá que a do rio.

Os padres têm uma casa bem acomodada com sete cubiculos, e uma igreja nova e capaz. A cerca é cheia de muitas lrangeiras, limeiras doces, cidreiras, acajús e outras fructas da terra, com todo genero de hortaliça de Portugal. Vivem os nossos d'escolas, e são muito bem providos, e o collegio do Rio os ajuda com as cousas de Portugal, como tambem faz ás duas casas de Piratininga e S. Vicente, por serem a elle annexas e entrarem no numero das cincoenta para que tem dote. Do Espírito Santo partimos para o Rio de Janeiro, que dista alli oitenta leguas. Dois ou tres dias tivemos bom tempo, e logo, nos deu um temporal tão forte, que foi necessario ficarmos arvore secca quasi dois dias com muito perigo, por estarmos sobre uns baixos dos Guaitacazes mui perigosos, e não muito longe da costa. Alli estivemos a Deus misericordia, e cada um se encommendava a Nossa Senhora quanto podia por vermos perto a morte. Deste perigo nos livrou Deus por sua bondade, e aos 20 [dezembro de 1584], vespera de S. Thomé, arribamos ao Rio (CARDIM, 1978, p. 203-207).

Gabriel Soares de Souza (morto em 1592) é, cronologicamente, o terceiro cronista a escrever sobre o Brasil quinhentista. No dizer de Francisco Adolfo de Varnhagen, que lhe editou o *Tratado descritivo do Brasil em 1587*, a obra de Gabriel Soares é “talvez a mais admirável de quantas em português produziu o século quinhentista”.



Capas de edições modernas do *Tratado descritivo do Brasil*, de Gabriel Soares de Sousa.

O *Tratado* se divide em duas partes: “Roteiro geral da costa brasílica” e “Memorial e declaração das grandezas da Bahia”. Os capítulos XXXIX a XLIII do “Roteiro geral” tratam especificamente da capitania do Espírito Santo, e vão transcritos abaixo, junto com o fecho do capítulo XXXVIII, que trata de território hoje pertencente ao Estado.

[Capítulo XXXVIII: Em que se declara a terra que há do rio das Caravelas até Cricaré]

[...]

Deste rio de Mocuripe ao de Cricaré são dez léguas, e corre-se a costa do rio das Caravelas até Cricaré norte sul, e toma da quarta nordeste sudoeste, o qual rio Mocuripe está em dezoito graus e três quartos; pelo qual entram navios de honesto porto, e é muito capaz para se poder povoar, por a terra ser muito boa e de muita caça, e o rio de muito pescado e marisco, onde se podem fazer engenhos de açúcar, por se meterem nele muitas ribeiras de água, boas para eles. Este rio vem de muito longe, e navega-se quatro ou cinco léguas por ele acima; o qual tem na barra, da banda do sul quatro abertas, uma légua e mais uma da outra, as quais estão na terra firme por cima da costa, que é baixa e sem arvoredos, e de campinas. E quem vem do mar em fora parecem-lhe estas abertas bocas de rios, por onde a terra é boa de conhecer. Até aqui senhorearam a costa os Tupiniquins, de quem é bem que digamos neste capítulo que se segue antes que cheguemos à terra dos Guaitacazes.

Capítulo XXXIX: Em que se declara quem são os Tupiniquins e sua vida e costumes

Já fica dito como o gentio Tupiniquim senhoreou e possuiu a terra da costa do Brasil, ao longo do mar, do rio de Camamu até o rio de Cricaré, o qual tem agora despovoado toda esta comarca fugindo dos Tupinambás seus contrários, que os apertaram por uma banda, e aos Aimorés que os ofendiam por outra: pelo que se afastaram do mar, e fugindo ao mau tratamento que lhes alguns homens brancos faziam por serem pouco tementes a Deus. Pelo que não vivem agora junto do mar mais que os cristãos de que já fizemos menção. Com este gentio tiveram os primeiros povoadores das capitâneas dos Ilhéus e Porto Seguro e dos do Espírito Santo, nos primeiros anos, grandes guerras e trabalhos, de quem receberam muitos danos; mas pelo tempo adiante vieram a fazer pazes, que se cumpriram e guardaram bem de parte a parte, e de então para agora foram os Tupiniquins muito fiéis e verdadeiros aos portugueses. Este gentio e os Tupinambás descendem todos de um tronco, e não se têm por contrários verdadeiros, ainda que muitas vezes tivessem diferenças e guerras, os quais Tupinambás lhe ficavam nas cabeceiras pela banda do sertão, com quem a maior parte dos Tupiniquins agora estão misturados. Este gentio é da mesma cor, baço e estatura que o outro gentio de que falamos, o qual tem a linguagem, vida e costumes e gentilezas dos Tupinambás, ainda que são seus contrários, em cujo título se declarará mui particularmente tudo o que se pode alcançar. E ainda que são contrários os Tupiniquins dos Tupinambás, não há entre eles na língua e costumes mais diferença, da que têm os moradores de Lisboa dos da Beira; mas este gentio é mais doméstico, e verdadeiro que todo outro da costa deste Estado. É gente de grande trabalho e serviço, e sempre nas guerras ajudaram aos portugueses, contra os Aimorés, Tapuias e Tamoios, como ainda hoje fazem esses poucos que se deixaram ficar junto ao mar e das nossas povoações, com quem vizinham muito bem, os quais são grandes pescadores de linha, caçadores e marinheiros, são valentes homens, caçam, pescam, cantam, bailam, como os Tupinambás, e nas cousas de guerra são mui industriais, e homens para muito, de quem se faz muita conta a seu modo entre o gentio.

Capítulo XL: Em que se declara a costa de Cricaré até o Rio Doce, e do que se descobriu por ele acima, e pelo Aceci

Do rio de Cricaré até o Rio Doce são dezessete léguas, as quais se correm pela costa norte sul; o qual Rio Doce está em altura de dezenove graus.

A terra deste rio ao longo do mar é baixa e afastada da costa; por ela dentro tem arrumada, uma serra, que parece a quem vem do mar em fora, que é a mesma costa. A boca deste rio é esparcelada bem uma légua e meia ao mar mas tem seu canal, por onde entram navios de quarenta tonéis, o qual rio se navega pela terra dentro algumas léguas, cuja terra ao longo do rio por ali acima é muito boa, que dá todos os mantimentos acostumados muito bem, onde se darão muito bons canaviais de açúcar, se os plantarem, e se podem fazer alguns engenhos, por ter ribeiras muito acomodadas a eles. Este Rio Doce vem de muito longe e corre até o mar quase leste oeste, pelo qual Sebastião Fernandes Tourinho, de quem falamos, fez uma entrada navegando por ele acima, até onde o ajudou a maré, com certos companheiros, e entrando por um braço acima, que se chama Mandi, onde desembarcou, caminhou por terra obra de vinte léguas com o rosto a les-sudoeste, e foi dar com uma lagoa, a que o gentio chama boca do mar, por ser muito grande e funda, da qual nasce um rio que se mete neste Rio Doce, e leva muita água. Esta lagoa cresce às vezes tanto, que faz grande enchente neste Rio Doce. Desta lagoa corre este rio a leste, e dela a quarenta léguas tem uma cachoeira; e andando esta gente ao longo deste rio, que sai da lagoa mais de trinta léguas, se detiveram ali alguns dias; tornando a caminhar andaram quarenta dias com o rosto a loeste; e no cabo deles chegaram, aonde se mete este rio no Doce, e andaram neste quarenta dias setenta léguas pouco mais ou menos. E como esta gente chegou a este Rio Doce, e o acharam tão possante, fizeram nele canoas de casca, em que se embarcaram, e foram por ali acima, até onde se mete neste rio outro a que chamam Aceci, pelo qual entraram e foram quatro léguas, e no cabo delas desembarcaram e foram por terra com o rosto ao noroeste onze dias, e atravessaram o Aceci, e andaram cinqüenta léguas, ao longo dele da banda ao sul trinta léguas. Aqui achou esta gente umas pedreiras, umas pedras verdoengas, e tomam do azul, que tem que parece turquescoas, e afirmou o gentio aqui vizinho, que no cimo deste monte se tiravam pedras muito azuis, e que havia outras que segundo sua informação têm ouro muito descoberto. E quando esta gente passou o Aceci a derradeira vez, dali cinco ou seis léguas da banda do norte achou Sebastião Fernandes uma pedreira de esmeraldas e outra de safiras, as quais estão ao pé de uma serra cheia de arvoredos do tamanho de uma légua, e quando esta gente ia do mar por este Rio Doce acima sessenta ou setenta léguas da barra acharam umas serras ao longo do Rio de Arvoredo, e quase todas de pedra, em que também acharam pedras verdes; e indo mais acima quatro ou cinco léguas da banda do sul está outra serra, em que afirma o gentio haver pedras verdes e vermelhas tão compridas como dedos, e outras azuis todas mui resplandescentes.

Desta serra para a banda de leste pouco mais de uma légua está uma serra, que é quase toda de cristal muito fino, a qual cria em si muitas esmeraldas, e outras pedras azuis. Com estas informações que Sebastião Fernandes deu a Luís de Brito, sendo governador, mandou Antônio Dias Adorno, como já fica dito atrás, o qual achou ao pé desta serra da banda do norte as esmeraldas, e da de leste as safiras. Umas e outras nascem no cristal, donde trouxeram muitas e algumas muito grandes, mas todas baixas; mas presume-se, que debaixo da terra as deve de haver finas, porque estas estavam à flor da terra. Em muitas partes achou esta gente pedras desacostumadas de grande peso, que

afirmam terem outro e prata, do que não trouxeram amostras, por não poderem trazer mais que as primeiras e com trabalho: a qual gente se tornou para o mar pelo Rio Grande abaixo, como já fica dito. E Antônio Dias Adorno, quando foi a estas pedras, as recolheu por terra atravessando pelos Tupinaês e por entre os Tupinambás, e com uns e outros teve grandes encontros, e com muito trabalho e risco de sua pessoa chegou à Bahia e fazenda de Gabriel Soares de Sousa.

Capítulo XLI: Em que se declara a costa do Rio Doce até o do Espírito Santo

Do Rio Doce ao dos Reis Magos são oito léguas; e faz a terra de um rio ao outro uma enseada grande; o qual rio está em dezenove graus e meio, e corre-se a costa de um a outro nordeste sudoeste. Na boca deste rio dos Reis Magos estão três ilhas redondas, por onde é bom de conhecer; em o qual entram navios da costa, cuja terra é muito fértil, e boa para se poder povoar; onde se podem fazer alguns engenhos de açúcar, por ter ribeiras que nele se metem, mui acomodadas para isso. Navega-se neste rio da barra para dentro quatro ou cinco léguas, em o qual há grandes pescarias e muito marisco; e no tempo que estava povoado de gentio, havia nele muitos mantimentos que aqui iam resgatar os moradores do Espírito Santo, o que causava grande fertilidade.

Da terra dos Reis Magos ao rio das Barreiras são oito léguas, do qual se faz pouca conta; do rio das Barreiras à ponta do Tubarão são quatro léguas, sobre o qual está a serra do Mestre Álvaro; da ponta do Tubarão à ponta do morro de João Moreno são duas léguas, onde está a vila de Nossa Senhora da Vitória; entre uma ponta e outra está o rio do Espírito Santo, o qual tem defronte da barra meia légua ao mar uma lagoa, de que se não de guardar. Em direito desta ponta da banda do norte, duas léguas pela terra dentro, está a serra do Mestre Álvaro, que é grande e redonda, a qual está afastada das outras serras; esta serra aparece, a quem vem do mar em fora, muito longe, que é por onde se conhece a barra; esta barra faz uma enseada grande, a qual tem umas ilhas dentro, e entra-se nordeste sudoeste. A primeira ilha, que está nesta barra, se chama de D. Jorge, e mais para dentro está outra, que se diz de Valentim Nunes. Desta ilha para a Vila Velha estão quatro penedos grandes descobertos; e mais para cima está a ilha de Ana Vaz; mais avante está o ilhéu da Viúva; e no cabo desta baía fica a ilha de Duarte de Lemos, onde está assentada a vila do Espírito Santo, a qual se edificou no tempo da guerra pelos Guaitacazes, que apertaram muito com os povoadores da Vila Velha. Defronte da vila do Espírito Santo, da banda da Vila Velha está um penedo mui alto a pique sobre o rio, ao pé do qual se não acha fundo; é capaz este penedo para se edificar sobre ele uma fortaleza, o que se pode fazer com pouca despesa, da qual se pode defender este rio ao poder do mundo todo. Este rio do Espírito Santo está em altura de vinte graus e um terço.

Capítulo XLII: Em que se declara como El-Rei fez mercê da capitania do Espírito Santo a Vasco Fernandes Coutinho, e como ele a foi povoar em pessoa

Razão tinha Vasco Fernandes Coutinho de se contentar com os grandes e heróicos feitos que tinha com as armas acabado nas partes da Índia, onde nos primeiros tempos de sua conquista se achou, no que gastou o melhor de sua idade; e passando-se para estes reinos em busca do galardão de seus trabalhos, pediu em satisfação deles a S. A. licença para entrar em outros maiores, pedindo que lhe fizesse mercê de uma capitania na costa do Brasil, porque a queria ir povoar,

e conquistar o sertão dela, a cujo requerimento El-Rei D. João III de Portugal satisfez, fazendo-lhe mercê de cinquenta léguas de terra ao longo da costa no dito Estado, com toda a terra para o sertão, que coubesse na sua demarcação, começando onde acabasse Pedro do Campo, capitão de Porto Seguro. Contente este fidalgo com a mercê que pediu, para satisfazer à grandeza de seus pensamentos, ordenou à sua custa uma frota de navios mui provida de moradores e das munições de guerra necessárias, com tudo o que mais convinha a esta empresa, em a qual se embarcaram, entre fidalgos e criados d'el-Rei, sessenta pessoas, entre as quais foi D. Jorge de Menezes, o de Maluco, e D. Simão de Castelo Branco, que por mandado de S. A. iam cumprir suas penitências a estas partes. Embarcado este valoroso capitão, com sua gente na frota que estava prestes, partiu do porto de Lisboa com bom tempo, e fez sua viagem para o Brasil, onde chegou a salvamento à sua capitania; em a qual desembarcou e povoou a vila de Nossa Senhora da Vitória, a que agora chamam a Vila Velha, onde se logo fortificou, a qual em breve tempo se fez uma nobre vila para aquelas partes. De redor desta vila se fizeram logo quatro engenhos de açúcar mui bem providos e acabados, os quais começaram de lavrar açúcar, como tiveram canas para isso, que se na terra deram muito bem. Nestes primeiros tempos teve Vasco Fernandes Coutinho algumas escaramuças com o gentio seu vizinho, com a qual se houve de feição que, entendendo estes índios que não podiam ficar bem do partido, se afastaram da vizinhança do mar por aquela parte, por escusarem brigas que da vizinhança se seguiam. A este gentio chamam Guaitacazes, de quem diremos adiante.

Como Vasco Fernandes viu o gentio quieto, e a sua capitania tanto avante, e em termos de florescer de bem em melhor, ordenou de vir para Portugal a se fazer prestes do necessário (para ir conquistando a terra pelo sertão até descobrir ouro e prata) e a outros negócios que lhe convinhão; e concertando suas cousas, como relevava, se partiu, e deixou a D. Jorge de Menezes para em sua ausência a governar; ao qual os Tupiniquins, de uma banda e os Guaitacazes, da outra, fizeram tão crua guerra que lhe queimaram os engenhos e muitas fazendas, o desbarataram e mataram às flechadas; o que também fizeram depois a D. Simão de Castelo Branco, que lhe sucedeu na capitania, e a outra muita gente; e puseram a vila em cerco e em tal aperto que, não podendo os moradores dela resistir ao poder do gentio, a despovoaram de todo e se passaram à ilha de Duarte de Lemos, onde ainda estão; a qual ilha se afasta da terra firme um tiro de berço.

Esta vila se povoou de novo com o título do Espírito Santo, e muitos dos moradores, não se havendo ali por seguros do gentio, se passaram a outras capitanias. E tornando-se Vasco Fernandes para a sua capitania, vendo-a tão desbaratada, trabalhou todo o possível por tomar satisfação deste gentio, o que não foi em sua mão, por estar impossibilitado de gente e munições de guerra, e o gentio mui soberbo com as vitórias que tinha alcançado; antes viveu muitos anos afrontado dele naquela ilha, onde a seu requerimento o mandou socorrer Mem de Sá, que naquele tempo governava este Estado; o qual ordenou na Bahia uma armada bem fornecida de gente e armas, que era de navios da costa mareáveis, da qual mandou por capitão a seu filho Fernão de Sá, que com ela foi entrar no rio de Cricaré, onde ajuntou com ele a gente do Espírito Santo, que lhe Vasco Fernandes Coutinho mandou; e, sendo a gente toda junta, desembarcou Fernão de Sá em terra, e deu sobre o gentio de maneira, que o pôs logo em desbarate nos primeiros encontros, o qual gentio se reformou e ajuntou logo, e apertou com Fernão de Sá, de maneira que o fez recolher para o mar; o que fez com tamanha desordem dos seus, que, antes de poder

chegar às embarcações, mataram a Fernão de Sá, com muita da sua gente ao embarcar; mas já agora esta capitania está reformada com duas vilas, em uma das quais está um mosteiro dos padres da companhia, e tem seus engenhos de açúcar e outras muitas fazendas. No povoar desta capitania gastou Vasco Fernandes Coutinho muitos mil cruzados que adquiriu na Índia, e todo o patrimônio que tinha em Portugal, que todo para isso vendeu, o qual acabou nela tão pobremente, que chegou a darem-lhe de comer por amor de Deus, e não sei se teve um lençol seu, em que o amortilhassem. E seu filho do mesmo nome vive hoje na mesma capitania tão necessitado que não tem mais de seu que o título de capitão e governador dela.

Capítulo XLIII: Em que se vai declarando a costa do Espírito Santo, até o cabo de S. Tomé

Do rio do Espírito Santo ao Guarapari são oito léguas; e faz-se entre um e outro rio uma enseada. Chegando a este rio de Guarapari estão as serras, que dizem de Porocão, e corre-se a costa do morro de João Moreno até este rio norte sul; e defronte do morro de João Moreno está a Ilha Escalvada. Do rio de Guarapari à ponta de Leritibe são sete léguas; e corre-se a costa nordeste sudoeste, cuja terra é muito alta: esta ponta tem, da banda do norte, três ilhas, obra de duas léguas ao mar e a primeira está meia légua da terra firme, as quais têm bom surgidouro; e estão estas ilhas defronte do rio Guarapari. A terra deste rio até Leritibe é muito grossa e boa para povoar como a melhor do Brasil, a qual foi povoada dos Guaitacazes. Esta ponta de Leritibe tem um arrecife ao mar, que boja bem uma légua e meia, a qual ponta é de terra baixa, ao longo do mar. De Leritibe até Tapemerim são quatro ou cinco léguas, cuja costa se corre nordeste sudoeste, a qual está em vinte graus e três quartos (SOUSA, 1938, p. 70-80).

Para arrematar, cite-se ainda **Ambrósio Fernandes Brandão**, autor de *Diálogos das grandezas do Brasil*. Pouco se sabe sobre sua vida. Viveu seguramente no Brasil entre 1583 e 1618, ano em que teria escrito na Paraíba o seu livro, compondo-o em forma dialogal, comum na época. A parte referente à capitania do Espírito Santo é brevíssima:

Alviano: Pois disse-me desta capitania.

Brandonio: A capitania do Espirito Santo está situada em 20 grãos da banda do Sul da equinocial. É de senhorio, e de presente se intitula capitão della, por sua Magestade, Francisco de Aguiar Coutinho; contém em si alguns engenhos de fazer assucares; é terra larga e abundante de mantimentos, e de muito balsamo, de que seus moradores se aproveitam, lavrando com elle contas e outros brincos, que mandam pera a Espanha, onde são estimados por serem cheirosos.

Desta capitania foi Marcos de Azeredo ao descobrimento das minas de esmeraldas, que havia fama haver no sertão; em effeito chegou a ellas, e trouxe grande cópia de pedras que no principio se tiveram por perfeitas, mas depois se acharam faltas de muitas calidades que deviam ter pera serem verdadeiras esmeraldas.

Alviano: Foi pouco venturoso esse descobridor em perderem essas pedras a primeira estimação, porque sem isso ficaram sendo para elle tesouro. E assim passemos avante correndo pela demais costa, porque já sei que tem também essa capitania do Espirito Santo mosteiros de Religiosos que a enobrecem (BRANDÃO, 1943, p. 74).



Capas de edições modernas de *Diálogos das grandezas do Brasil*, de Ambrósio Fernandes Brandão.

B) JOSÉ DE ANCHIETA

A José de Anchieta (1534-1597) se atribui a inauguração da literatura de modelo europeu em terras brasileiras. Em latim escreveu os poemas épicos *De Gestis Mendi de Saa* e *De Beata Virgine Dei Matre Maria*; em português, espanhol e tupi escreveu pequenos poemas líricos de feição popular e ainda doze autos, peças teatrais de criação medieval em que se destacam personagens alegóricos. Seus poemas em latim são textos de exaltação dos valores militares ou religiosos dos europeus, e seus autos têm propósito eminentemente didático e doutrinário, compostos que foram para servir de instrumentos no processo de conversão dos indígenas e de doutrinação dos colonos².



Apógrafo de apresentação da poesia lírica e edição moderna de *Teatro*, de José de Anchieta.

Dentre os doze autos escritos por Anchieta, oito apresentam temas ligados à capitania do Espírito Santo e aqui foram encenados pela primeira vez: *Na aldeia de Guaraparim*; *Recebimento que fizeram os índios de Guaraparim ao padre provincial Marçal Beliarte*; *No dia da Assunção, quando levaram sua imagem a Reritiba*; *Recebimento do padre Bartolomeu Simões Pereira*; *Recebimento do padre Marcos da Costa*; *Quando, no Espírito Santo, se recebeu uma relíquia das Onze Mil Virgens*; *Na Vila de Vitória*; *Na visitação de Santa Isabel*.

Nem todos esses títulos de feição cartorial aparecem nos manuscritos originais

² Oscar Gama Filho analisa criteriosamente a poesia latina e os autos de Anchieta, a quem considera “figura máxima do pré-barroco brasileiro” (1991, p. 21-28; 1981, p. 39-64).

dos autos. Dois autos, sem títulos nos manuscritos, foram denominados posteriormente *Na Aldeia de Guaraparim* e *Na Vila de Vitória*, o que permitiu que este último fosse também conhecido como *Auto da Vila de Vitória* ou *Auto de São Maurício*.

Os oito autos citados acima, como também os demais do mesmo autor, foram, segundo os estudiosos, escritos entre 1578 e 1596. O auto *Na Vila de Vitória*, por exemplo, foi representado pela primeira vez entre 1584 e 1586 no pátio da igreja de Santiago, em Vitória, onde hoje está o Palácio Anchieta, do Governo do Estado (PINTO, 1978, p. 199).

Os autos de Anchieta eram dramatizações em verso bem ao gosto popular, com partes para serem cantadas e com a presença de santos e demônios. Crêem os estudiosos que o “elenco” dos autos era formado por estudantes e um ou outro colono mais desembaraçado. Quanto aos índios, revela Edith Pimentel Pinto,

Anchieta, na sua intuição pedagógica, procurava sempre aproveitá-los na representação, quer como atores, quer como dançarinos e cantores. Para tal, ou lançava mão do tupi [...], ou incluía um canto, uma dança, uma procissão, atividades bem do agrado deles, e que não requeriam sutilezas de interpretação (PINTO, 1978, p. 201).

Da obra de Anchieta diz Oscar Gama Filho:

Medieval segundo alguns, humanista segundo outros, na verdade as aparentes antíteses da obra de Anchieta talvez só possam ser compreendidas se aceitas como manifestações do Barroco primitivo ou Pré-Barroco, fruto do conflito dualístico entre Renascença e Idade Média. É inegável, porém, que suas peças eram herdeiras dos autos e dos mistérios medievais (GAMA FILHO, 1990, p. 558).

No que diz respeito ao Espírito Santo, se podemos considerar como parte da produção literária local uma obra composta aqui e (ou) versando assunto local, a maioria dos autos de Anchieta pode ser incluída nessa classificação. Assim, tem cabimento dizer que foi ele o primeiro autor a produzir literatura no Espírito Santo. Sua ligação com o Espírito Santo ainda se estreita pelo fato de ter ele vivido nesta capitania os três últimos anos de vida e ter morrido na aldeia de Reritiba, hoje Anchieta, no sul do Estado. Dali, em 6 de março de 1596, ele enviou ao padre Manuel Viegas, catequista dos índios maromomis, a última carta que dele se conserva, pela qual se sabe que continuava seu ofício de escritor, compondo uma história da Companhia de Jesus no Brasil, obra que não chegou até nós:

Eu escrevo agora a história da Companhia de Jesus destas nossas partes cá, e tenho tirado um traslado em limpo para mandar a Roma, como de lá pedem. E nele faço menção do princípio da conversão dos Maromomis e do bom progresso deles e de quantos estão já na glória e caminham para lá cada dia, e da arte, vocabulário e doutrina, que está feita em sua língua por V. Rev., nomeando-o em particular e do grande fruto que se espera. V. Rev. tenha mão, Deus diante em tudo. *Tene quod tenes. Nemo tollat candelabrum tuum de loco suo*, pois é posto por lucerna destes pobres cegos, *ut videant lucem Dei per te*, grande Apóstolo dos Maromomis, para entregar muitos deles a Cristo Nosso Senhor, que por eles morreu, e *elegit te ad tantum opus*.

Do Espírito Santo, 6 de março 1596, de V. Rev. *frater in Cto*, José (apud NEVES, G., 1997, p. 94-95).

O companheiro mais velho e menos carismático de Anchieta, **Manoel da Nóbrega**, também deixou um documento literário inspirado no trabalho da catequese, o *Diálogo da conversão do gentio*, escrito, assim se supõe, em 1559.



Capas de edições modernas do *Diálogo sobre a conversão do gentio*, de Manoel da Nóbrega.

Não há qualquer registro do local onde teria sido escrito, mas é lícito tentar puxar a brasa para a nossa sardinha e especular sobre as possibilidades de que o foi na capitania do Espírito Santo ou, pelo menos, de que é ela o cenário nuclear de onde Nóbrega constrói as suas reflexões sobre as dificuldades de converter os nativos brasileiros ao cristianismo. A primeira pista está na apresentação dos interlocutores, em que Nóbrega cita Gonçalo Álvares como companheiro “a quem Deus deu graça e talento para ser trombeta de sua palavra na Capitania do Espírito Santo” (DOURADO, 1958, p. 175). A segunda, logo a seguir, na primeira e única didascália do diálogo: “Entra logo o Irmão Gonçalo Álvares, tentado dos negros do Gato e de todos os outros; e, meio desesperado de sua conversão, diga” (DOURADO, 1958, p. 175) – a que se segue a fala inicial de Álvares. “Negros”, aí, é termo aplicado aos indígenas, e os “negros do Gato” só podem ser os índios da tribo dos temiminós do Espírito Santo chefiada pelo cacique Maracajaguaçu, ou Gato Grande – fato não mencionado pelo editor do *Diálogo*, Mecenass Dourado. Maracajaguaçu, por sinal, acabou convertido e batizado, tendo como padrinho o donatário da capitania, assumindo-lhe o nome, Vasco Fernandes. Uma terceira pista estaria na seguinte passagem do diálogo:

Gonçalo Álvares: Ora isso deve ser, porque não sei a qual ouvi, que quando vinham na nau imaginavam-se um S. João Baptista junto de um rio Jordão a batizar quantos a eles viessem...

Mateus Nogueira: Se foram tainhas do Piraiqué pudera ser!... (DOURADO, 1958, p. 177).

Aí se pode admitir a possibilidade de que o rio citado fosse o Piraquê-açu, que deságua no Atlântico cerca de cem quilômetros ao norte de Vitória. Além disso, Serafim Leite teria sugerido (LEITE, [1938], v. I, p. 575) o ano de 1559 como data de composição do *Diálogo* devido à presença de Gonçalo Álvares, nesse ano, na capitania do Espírito Santo (DOURADO, 1958, p. 12). A tudo isso se podem somar informações como as de Afonso Brás sobre as dificuldades de conversão

dos indígenas dessa capitania (o que, é claro, não lhes dá o monopólio da esquivança à doutrinação dos missionários):

Não ousou aqui [na capitania do Espírito Santo] batizar estes gentios tão facilmente, ainda que o pedem muitas vezes, porque me temo de sua inconstância e pouca firmeza, senão quando estão em artigo de morte. Tem-se cá muito pouca confiança neles porque são mui mudáveis, e parece aos homens impossível poder estes vir a ser bons cristãos, porque aconteceu já batizar os cristãos alguns, e tornarem a fugir para os gentios, e andam lá piores que dantes, e tornaram-se a meter em seus vícios e em comer carne humana (DOURADO, 1958, p. 68-69).

Caso o *Diálogo da conversão do gentio* tenha sido composto no Espírito Santo, passa a ser Manoel da Nóbrega, e não Anchieta, o primeiro autor a produzir literatura no Espírito Santo.

C) DOIS SÉCULOS DE QUASE NADA

Se a produção literária desenvolvida no Espírito Santo no século XVI já não é (nem poderia ser) volumosa – basicamente reduzida aos oito autos de Anchieta –, menor ainda seria nos dois séculos seguintes.

Um dos poucos autores que podem ser citados – sem ter produzido, contudo, obras literárias – é **Pero de Castilho**, nascido na capitania do Espírito Santo em 1572, que começou seu noviciado como jesuíta em 1587 na Bahia, tendo tido longa e destacada carreira na Companhia de Jesus. Participou de entradas no sertão, escrevendo sobre uma delas a *Relação da Missão do Rio Grande: 1613-1614*. Dominava perfeitamente a língua indígena, que aprendera em menino; é tido como possível autor de um *Vocabulário da língua brasílica*, manuscrito datado de 1621. Após esse ano não se tem mais notícia de Castilho³.

Outra figura digna de nota é a de **Manoel de Andrade de Figueiredo** (c.1674-1735). Nascido na capitania do Espírito Santo (segundo informação de Diogo Barbosa na *Biblioteca Lusitana*), Figueiredo foi autor de um texto didático, *Nova escola para aprender a ler, escrever e contar*, e de poemas visuais.



Retrato, folha de rosto de *Nova escola para aprender a ler, escrever e contar* e caligrafia de Manuel de Andrade de Figueiredo.

³ Félix Pacheco (1935), em que transcreve carta de Serafim Leite dando-lhe informações sobre Pero de Castilho.

Sobre ele informa Oscar Gama Filho que foi calígrafo e educador da corte portuguesa, e que seu pai, Antônio Mendes de Figueiredo, ocupou o cargo de capitão-mor do Espírito Santo de 1667 a 1671. E define:

O único representante do barroco maduro, voluptuoso, no Espírito Santo, é *Manuel de Andrade de Figueiredo*, primeiro capixaba nato a ser poeta, escritor, calígrafo e educador. Esse pioneirismo múltiplo foi conquistado graças à publicação da sua *Nova escola para aprender a ler, escrever & contar*, em Lisboa, no ano de 1722 (156 pp.). Ana Hatherly [in *A experiência do prodígio*, pp. 247-9] nos informa que Figueiredo, juntamente com Manuel Barata, foi um dos principais cultores da escrita e da caligrafia do barroco português.

Na *Nova escola para aprender a ler, escrever & contar*, há, entre os exercícios para os alunos, dois poemas visuais assinados por Andrade. O primeiro deles está escrito no estandarte que um cavaleiro carrega. É uma quintilha em redondilha maior:

O exercício, e louvor
das letras, que o mundo aclama
tem na nobreza o melhor
berço, a que ilustra a fama,
por mais sagrado esplendor.

Ainda que possamos fazer objeção a serem barrocos os versos, compostos na medida velha, lembramos ao leitor que deve ser considerado o conjunto de verso e gravura, elementos que transformam as obras de Figueiredo em poemas visuais bem ao gosto dos autores barrocos, dignos de serem incluídos – como realmente o foram – na já citada *A experiência do prodígio*. Encontramos de novo duas quintilhas na gravura 21, também com a assinatura de Andrade. Estão dispostas em vinhetas guardadas por dois soldados:

A perfeição da harmonia
na mais doura solfa está
o sol é gala do dia;
e a discreta ortografia
é quem alma às letras dá.

A pena que é mais polida
tanto aumenta à fama a glória,
que na pedra endurecida,
ou na estampa mais luzida
faz mais eterna memória.

Assegurando a autoria destes poemas, encontramos escrito na última gravura, a de número 44: “Manuel de Andrade de Figueiredo fez, escreveu e inventou na era de 1718” (GAMA FILHO, 1991, p. 28; p. 31).

Quanto a **Gonçalo Soares da França**, que muitos autores consagraram como primeiro poeta nascido no Espírito Santo, Oscar Gama Filho provou que se trata do poeta baiano Gonçalo Soares da Franca (1676 ou 1677-1724?) (GAMA FILHO, 1984).

D) O *POEMA MARIANO*

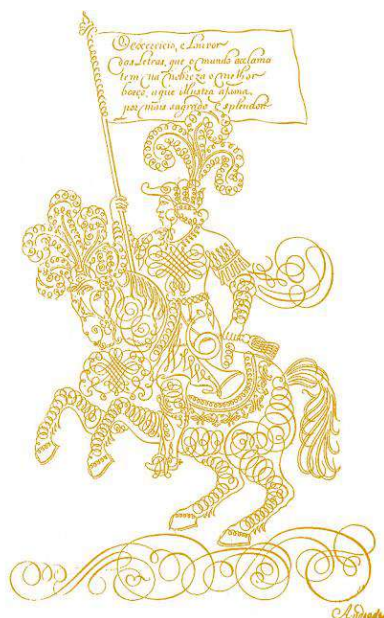
Se **Domingos Caldas** é ou não o mesmo poeta arcádico Domingos Caldas Barbosa (1740-1800), autor da *Viola de Lerenó*, é assunto que intriga os estudiosos desde Afonso Cláudio a Oscar Gama Filho. Também há informações contraditórias quanto ao ano (1738 ou 1740) e ao local (Rio de Janeiro ou Bahia) do seu nascimento. Não sendo natural da capitania do Espírito Santo, nem tendo aqui residido, a inclusão de seu nome nos tratados sobre a literatura local se deve exclusivamente a um dos textos a ele atribuídos, o *Poema Mariano*, datado de 1770, que Afonso Cláudio considera “a primeira composição poética sobre assunto local” (CLÁUDIO, 1912, p. 42)⁴. Trata-se de um longo poema de 126 estrofes em oitava rima em que o autor descreve o convento de Nossa Senhora da Penha, em Vila Velha, e faz o relato dos milagres da santa. Bem no estilo da poesia épica, Caldas inclui no poema a presença de entidades mitológicas como Saturno, Netuno e Plutão, que comparecem como inimigos da Virgem, empenhados na sua perda. Ainda segundo Afonso Cláudio, esse poema teria circulado no Espírito Santo em cópias transcritas em cadernos de particulares até ser publicado em 1854 pelo padre Inácio Félix de Alvarenga Sales — edição de que não se conhece nenhum exemplar — e em 1888 por Joaquim José Gomes da Silva Neto (1818-1903) como parte do seu *As maravilhas da Penha* (CLÁUDIO, 1912, p. 43-44). Em 1934 foi impressa uma terceira edição, prefaciada e anotada pelo padre Ponciano Stenzel. Domingos Caldas, com seu *Poema Mariano*, foi quem inaugurou, portanto, o vasto ciclo — erudito e popular — de literatura em louvor de Nossa Senhora da Penha. Não foi à toa que, a partir de meados do século XX, alguns críticos irreverentes passaram a rotular a literatura do Espírito Santo como “literatura do convento da Penha”.



Capa de edições modernas de *Viola de Lerenó* e *Poema mariano*, de Domingo Caldas Barbosa.

⁴ Oscar Gama Filho também analisa o poema – que considera pré-romântico – e a questão de sua autoria (1991, p. 54-7).

SEGUNDA PARTE O SÉCULO XIX



E) PRÉ-ROMANTISMO

Marcelino Duarte (1788-1860), além de sacerdote, político e gramático (foi, como Andrade de Figueiredo, autor de um manual de alfabetização, a *Arte de ler e de escrever em pouco tempo*), incursionou pela literatura, tendo escrito peças de teatro (*Drama; O Cônego e Inês*) e poesia (Derrota de uma viagem feita para o Rio de Janeiro no ano de 1817, incluída na coletânea *Jardim poético*). Oscar Gama Filho classifica Marcelino como autor pré-romântico e analisa-lhe criteriosamente a obra em seu *Razão do Brasil* (GAMA FILHO, 1991, p. 57-69).

Do que escreveram José Gonçalves Fraga (1793-1855) e o padre João Luís Fraga Loureiro (1805-1878) restam-nos os poemas incluídos nos dois volumes da coletânea *Jardim poético*. A ambos considera Oscar Gama Filho seguidores menores de Marcelino Duarte: neles ressurgem “seus [de Marcelino] recursos técnicos, seu sentimentalismo, seu nacionalismo, seu patriotismo e seus lugares-comuns de falso árcade” (GAMA FILHO, 1991, p. 70). Dentre os poemas preponderantemente bajulatórios de Gonçalves Fraga — nove deles dedicados a aniversários do imperador Pedro II — talvez se salve a “Glosa” que fez, em homenagem a Nossa Senhora da Penha, a partir de uma trova popular. Já de Fraga Loureiro, famoso em sua época como improvisador, disse Afonso Cláudio que “o padre poeta merece a especial consignação de haver sido o primeiro que interpretou no verso a vida popular do seu tempo, no que ela tinha de mais interessante para nós — as tradições, os usos e costumes locais” (CLÁUDIO, 1912, p. 125).

Falar no *Jardim poético* exige referência a **José Marcelino Pereira de Vasconcelos** (1821-1874). Na verdade, Vasconcelos merece registro menos por seu *Ensaio sobre a história e estatística da província do Espírito Santo*, de 1858, do que pelos dois volumes do *Jardim poético* (primeira série, 1856; segunda série, 1860), coletânea a que deu o subtítulo de Coleção de poesias antigas e modernas, compostas por naturais da província do Espírito Santo. Apesar de um sem-número de imperfeições editoriais, os dois volumes do *Jardim poético* são inestimáveis como fonte de pesquisa das manifestações literárias no Espírito Santo oitocentista, já que preservam material que, de outra forma, certamente se teria perdido.

O único poema que se conhece de **Domingos José Martins** (1781-1817), um soneto escrito às vésperas de sua execução como participante na revolução pernambucana de 1817, autoriza classificá-lo como poeta pré-romântico (GAMA FILHO, 1991, p. 70n). Afonso Cláudio, em nota de rodapé, contesta informação de João Ribeiro, que dava Martins como natural da Bahia, e cita-lhe os dados biográficos constantes da *Historiografia da Província do Espírito Santo*. Nem uma palavra é dita sobre Martins poeta (CLÁUDIO, 1912, p. xxvii). Oscar Gama Filho nega-lhe lugar entre os autores capixabas, já que, embora nascido em Itapemirim, pouco tempo residiu no Espírito Santo (GAMA FILHO, 1991, p. 70n).

F) ROMANTISMO

Oscar Gama Filho situa o movimento romântico no Espírito Santo entre 1840 e 1900, aproximadamente. Nesse período tiveram circulação na província nada menos que 143 periódicos que, embora grande parte deles tivesse duração efêmera, exerceram grande influência em termos culturais.

O aparecimento dos jornais tornar-se-ia decisivo para a boa acolhida que teve o romantismo, graças aos folhetins que, estampados em cada número, seriam acompanhados, como as novelas de hoje, avidamente pela população. Serviriam, ademais, de púlpito para as discussões político-filosóficas e estéticas dos intelectuais da província (GAMA FILHO, 1991, p. 40).

Dentre os principais autores românticos da província figuram:

Luís da Silva Alves de Azambuja Susano (1791-1873). Nascido no Rio de Janeiro, radicou-se em Vitória em 1811 e aqui viveu até a sua morte. Uma tradução em prosa que fez do *Orlando Furioso*, de Ariosto, ficou, depois de sua morte, segundo Afonso Cláudio, em poder de um de seus genros, ainda inédita (CLÁUDIO, 1912, p. 140); segundo o *Dicionário Bibliográfico* de Sacramento Blake, porém, foi impressa no Rio de Janeiro, em 1833, em quatro volumes (BLAKE, 1970). Talvez essa tradução inédita a que se refere Afonso Cláudio fosse a das *Odes de Anacreonte*, também atribuída a Susano. Além de grande número de trabalhos didáticos e jurídicos, Susano publicou as obras de ficção *Um roubo na Pavuna* (1843), *O capitão Silvestre e frei Veloso* ou *A plantação de café no Rio de Janeiro* (1847) e *A baixa de Matias*, ordenança do conde dos Arcos, vice-rei do Rio de Janeiro (1858), todas impressas no Rio de Janeiro. Da primeira não se tem conhecimento da existência de nenhuma cópia. A segunda constitui uma espécie de tratado sobre as vantagens da cultura do café. Já *A baixa de Matias*, reeditada em 1988 pela Fundação Ceciliano Abel de Almeida/Ufes em parceria com o Instituto Nacional do Livro, é uma novela em que as falhas de estruturação não chegam a comprometer as suas qualidades, como o clima de romance de costumes, a linguagem coloquial, as narrativas vicárias. Oscar Gama Filho faz uma análise da obra literária de Azambuja Susano em seu *Razão do Brasil* (GAMA FILHO, 1991, p. 76-83).



Edições de *A baixa de Matias*, de Azambuja Susano, e ilustração do autor.

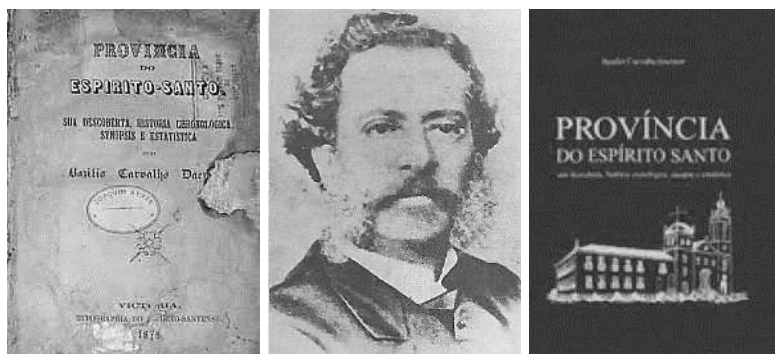
Antônio Cláudio Soído (1822-1889). Fez carreira na marinha do Brasil, tendo participado da guerra do Paraguai e chegado ao posto de chefe de esquadra. Traduziu *O Corsário*, de Byron, e escreveu poesia, de que se conhecem “A menina oriental” e “O batel”. Está incluído no *Jardim poético* de Pereira de Vasconcelos com essas três obras. Oscar Gama Filho analisa ambos os poemas de Soído em seu *Razão do Brasil*, aí transcrevendo o segundo deles (GAMA FILHO, 1991, p. 83-88).

Francisco Antunes de Siqueira (1832-1897). Padre e filho de padre, Siqueira foi autor de peças de teatro (*D. Minhoca*, impressa em 1860), poeta (*Poemeto descritivo sobre a Província do Espírito Santo*, de 1884) e ensaísta (*Esboço histórico dos costumes do povo espírito-santense*, de 1893, reeditado em 1944). Fernando Achiamé demonstrou ser Siqueira também o autor das *Memórias do passado: a Vitória através de meio século*, texto publicado em folhetim no jornal *A Província do Espírito Santo* entre 22 de março e 7 de maio de 1885, de onde extrairia parte do material que utilizou na composição do *Esboço histórico*. Com edição de texto, estudo e notas de Fernando Achiamé, as *Memórias do passado* foram editadas em livro em 1999.

Basílio Carvalho Daemon (1834-1893). Nascido no Rio de Janeiro, Daemon radicou-se ainda jovem no Espírito Santo, residindo primeiro em Cachoeiro de Itapemirim e depois em Vitória. Em ambas as cidades exerceu com afinco o jornalismo, defendendo o ideário conservador. É autor de um romance histórico, *Arcanos* (1877), e de *Reminiscências* (1888), trabalhos que, na visão de Afonso Cláudio,

nem uma recomendação lhe trazem ao nome; o romance é um preito à memória de José de Alencar, de quem Basílio Daemon foi fervoroso admirador. [...] Seu último livro [*Reminiscências*] é, pois, mais um testemunho do seu temperamento de jornalista dominado pelo cansaço, do que uma nota capaz de interessar a quem o folheia (CLÁUDIO, 1912, p. 208).

A obra mais significativa de Daemon é uma história do Espírito Santo em forma de anais, *Província do Espírito Santo: sua descoberta, história cronológica, sinopse e estatística* (1879).



Capas antiga e moderna de *Província do Espírito Santo*, de Basílio Carvalho Daemon.

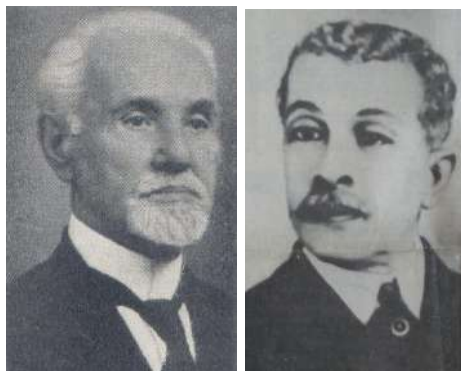
Aristides Freire (1849-1922) e **Amâncio Pereira** (1862-1918) foram os principais

dramaturgos românticos do Espírito Santo. Escreveram vários dramas e comédias, alguns dos quais se encontram reproduzidos no *Teatro romântico capixaba*, de Oscar Gama Filho. Pereira, segundo Oscar Gama Filho, “foi o primeiro dramaturgo brasileiro a escrever peças destinadas especificamente ao público infantil (*Ano Novo*, escrita e encenada em 1915; e *Vitória de relance*, escrita e encenada em 1916)” (GAMA FILHO, 1990, p. 558). Ambos foram poetas, deixando alguma coisa publicada em jornais. **Amâncio Pereira** foi também autor de novelas (*Beatriz ou A cruz do juramento*, *Jorge ou Perdição de mulher*, ambas de 1896), e contos (*Folhas dispersas*, 1896, *Humorismos*, 1897). Oscar Gama Filho estuda a obra de ambos em seu livro fundamental para o entendimento das manifestações literárias no Espírito Santo nos séculos XVI-XIX (GAMA FILHO, 1990, p. 90-96).

Manuel da Silva Borges (1851-1896). Afonso Cláudio diz ter conhecido este poeta “habitando uma casinha de palha, no caminho de Jacaraípe, desprotegido, ignorado, pouco acessível ao convívio social, por um motivo que lhe abonava os sentimentos: — o pudor da indigência” (CLÁUDIO, 1912, p. 258). Era lavrador e fazia, ocasionalmente, biscates como encarregado da correspondência em pequenas casas comerciais. Afonso Cláudio preservou, em sua *História da literatura espírito-santense*, dois poemas desse autor, cognominado “poeta prata” pelo uso freqüente desse substantivo em seus textos. Dele diz Oscar Gama Filho: “Borges registra fatos do cotidiano de uma maneira espontânea, singela e quase realista, destoante da alienação, da artificialidade e do exagero de seus contemporâneos. Em um deles, lamenta o desaparecimento de seu gato de estimação” (GAMA FILHO, 1991, p. 97).

Manuel Jorge Rodrigues (1863-1886). Poeta, publicou *Fugitivas* e *Manhãs de estio*. Segundo Oscar Gama Filho, “temas como a ironia, o amor, a morte, a sensualidade e a melancolia permeiam a obra de Manuel Jorge Rodrigues, conferindo-lhe traços de um individualismo romântico diluído, ultrapassado e sem mais razão de ser” (GAMA FILHO, 1991, p. 99).

Adelina Tecla Correia Lírio (c. 1863-1938). A importância de Adelina Lírio está em que, sendo mulher, foi pioneira em publicar poemas de sua autoria em jornais, o que fez a partir de 1881. Esses poemas não foram reunidos em livro, mas Adelina Lírio é objeto de estudo de Letícia Nassar Matos Mesquita (1999).



Retratos de Aristides Freire e Amâncio Pereira.

G) PARNASIANISMO E SIMBOLISMO

Dentre os autores espírito-santenses representativos do parnasianismo estão **Virgílio Vidigal** (1866-1907), autor de *Cantos e prantos* e *Irídeas*, e **Ulisses Sarmento** (1875-1923), autor de *Clâmides*, *Torturas do ideal*, *Contemplações* e *Ode aos franceses*. Afonso Cláudio comenta a obra de um e de outro em sua *História da literatura* (CLÁUDIO, 1912, p. 325-338 [Vidigal]; p. 339-359 [Sarmento]).

Dentre os simbolistas destacam-se **Colatino Barroso** (1873-1931) e **Narciso Araújo** (1877-1944), que participaram, ambos, de grupos simbolistas no Rio de Janeiro. Barroso colaborou ali nos periódicos *Rosa-Cruz* e *Revista Contemporânea* e dirigiu a revista *Tebaida*; publicou *Anátemas* (1895), contos, e *Jerusa* (1896), poemas em prosa (CLÁUDIO, 1912, p. 361-372).



Capas dos livros *Ex-libris* e *Da sugestão do bello e do divino na natureza*, de Colatino Barroso.

Araújo colaborou também em periódicos do Rio mas ficou inédito em formato de livro até 1942. Escolhido como “príncipe dos poetas capixabas” em concurso promovido por *A Tribuna* em 1941, Araújo teve como prêmio a edição de seu livro, *Poesias*, pela José Olympio em 1942.

Neo-simbolista foi **Maria Antonieta Tatagiba** (1895-1928); publicou, em 1927, seu único livro, *Frauta agreste*, que se destaca, pelo domínio tanto da técnica como da emoção, entre os livros de poesia escritos no Espírito Santo na primeira metade do século. Mendes Fradique escreveu sobre Maria Antonieta e seu livro uma crônica em que, no estilo derramado da época, lamenta que *Frauta agreste* tenha passado inteiramente despercebido à crítica nacional. Diz ele:

Maria Antonieta morreu num recanto de província, longe do cartaz da livraria, longe do bracejamento dos “après-midi”, longe da intriga dos grupinhos literários; morreu para as bandas da terra simples, entre a paisagem que tão bem cantou em sua *Frauta agreste*, entre as cores ameníssimas das aquarelas do campo, que tão magistralmente esbateu, nos seus poemas, nas suas baladas, nos seus sonetos. E não pudera morrer em melhor sítio. Ela que fez da natureza o seu manancial de emoções estéticas; ela que teve nas coisas de seu torrão natal outros tantos motivos de arte sua; ela que sorria à luz louçã das manhãs serranas, e tanta vez chorou a melancolia das tardes chuvosas; ela que hauria no oxigênio quente dos arvoredos a fragrância de seu estro encantador; ela que viveu a poesia dos vales

sertanejos e pulsou com a natureza aos mesmos latejos da mesma seiva — não poderia, morrendo, ser mais feliz do que foi, pois morreu dentro da mesma vida, entre tudo quanto na vida mais havia amado (MENDES FRADIQUE, 1928, p. 276)



Capa de *Fruta agreste*, de Maria Antonieta Tatagiba, e publicação de seu poema “Angelus” na *Vida Capichaba* (1927, n. 84).

TERCEIRA PARTE DE 1901 A 1950



H) PRIMEIRAS DÉCADAS DO SÉCULO XX

O que de mais notável produziu o Espírito Santo nas três primeiras décadas do século XX está na sátira, no humorismo e na poesia fescenina.

Em 1901 o médico **Graciano dos Santos Neves** (1868-1922), ex-presidente do Estado, cargo a que renunciou em 1897, publicou com o pseudônimo de M. Guedes Júnior a *Doutrina do engrossamento*, um tratado sobre o puxa-saquismo, sobretudo o praticado nos meios políticos. Escrita em tom austero, como se tivesse realmente intenções didáticas, a *Doutrina* chegou a ser interpretada seriamente por alguns de seus resenhistas. Foi reeditada em 1935, em 1978 e, pelo Instituto Histórico e Geográfico do Espírito Santo, em 1999. Uma edição – que seria a terceira – chegou a ser cogitada nos anos 60 com prefácio de Guilherme Figueiredo, mas não chegou a se concretizar. Dela fala Figueiredo em carta a Guilherme Santos Neves:

Grande honra me deu V. Sa. com a remessa de *A doutrina do engrossamento* [...] e li-a, ontem, domingo, com o maior entusiasmo. Que sério, que grande, que delicioso humorista – e que estupendo moralista era Graciano Neves! Claro que farei o prefácio, se acha que mereço tanto! [...] Quanto ao meu *Vade mecum do puxa-saco*, ainda está pelos primeiros capítulos. Mas depois que li o *Doutrina do engrossamento*, palavra, sinto muito pouca vontade de continuar... Talvez consiga fazer alguma coisa de mais atualizado; mas não conseguirei fazer melhor¹.

Guilherme Figueiredo tratou do livro de Graciano Neves em sua coluna “Um dia depois do outro”, onde transcreveu trecho da *Doutrina* e a declarou superior à *Teoria e prática do engrossamento*, de Eurico Ferreira, publicada em 1923². Graciano Neves foi também autor de poemas satíricos, dois dos quais Elmo Elton incluiu em sua antologia *Poetas do Espírito Santo*.



Primeira e moderna edições de *Doutrina do engrossamento*, de Graciano Neves.

Outro médico, **José Madeira de Freitas** (1893-1944), radicado no Rio de Janeiro, fez grande sucesso nos anos 20 como humorista e cronista.

¹ Carta de Guilherme Figueiredo a Guilherme Santos Neves, datada de 17 de junho de 1963.

² Recorte sem data de *O Jornal*, do Rio de Janeiro, mas provavelmente de 1963, ano em que Figueiredo recebeu o exemplar da *Doutrina*.

Publicou: *Hipocratéia* (1916), sonetos humorísticos, com prefácio de Emílio de Menezes, *História do Brasil pelo método confuso* (1922), *Contos do vigário* (1922), *Feira livre* (1923), *A lógica do absurdo* (1925), *O bom-senso da loucura* (1927), *Gramática portuguesa pelo método confuso* (1928), *Idéias em ziguezague* (1928). É autor de um romance, *Dr. Voronoff* (1926), em que sua veia satírica conflita com uma trama quase melodramática; os capítulos que descrevem uma visita do personagem a Vitória são valiosos pela evocação da cidade naquela época.



Capa de *Gramática portuguesa pelo método confuso* e *Doutor Voronoff*, de José Mdeira de Freitas (Mendes Fradique).

Uma reedição fac-similada da *Gramática* foi feita em 1984 pela Fundação Ceciliano Abel de Almeida/Ufes em parceria com a Editora Rocco. Destaque-se alguns trechos do texto escrito por Oscar Gama Filho para as orelhas dessa reedição:

O prazer e a constância com que [Mendes Fradique] utilizava do *nonsense* fez com que seus contemporâneos o considerassem um “humorista excêntrico”, sem perceberem que Fradique era um antecipador de estilos, um artista que bebia direto na fonte do futuro, fonte que em breve passaria a ser alimentada – como já acontecia na Europa – pelas grossas águas do absurdo. Na *Grammatica Portuguesa pelo Methodo Confuso* (cuja primeira edição é de 1928), os momentos máximos de *nonsense* ocorrem no “Apêndice Antológico” e nas muitas notas de rodapé sem relação aparente com o texto (contendo informações úteis para a vida doméstica). A explicação de ambos os fatos passa pelo caráter de paródia da *Grammatica*, que, centrada na sátira da vida cultural, faz uma gigantesca colagem de seus elementos, reunindo-os em um painel amplo [...].

A *Grammatica* antecipa muitos dos recursos que viriam a ser usados pelas vanguardas visuais das décadas de 50 e de 60. A exploração concretista do espaço em branco está presente com toda sua força. [...]

Mesmo sem ter participado do modernismo e sem manifestar seu apoio às vanguardas européias (em especial o futurismo, o cubismo e o surrealismo), seus trabalhos, curiosamente, constituem um retrato que não destoa nem de um e nem de outro (GAMA FILHO, 1984b).

Em seu posfácio à mesma reedição, Luiz Busatto endossa as observações de

Oscar Gama Filho:

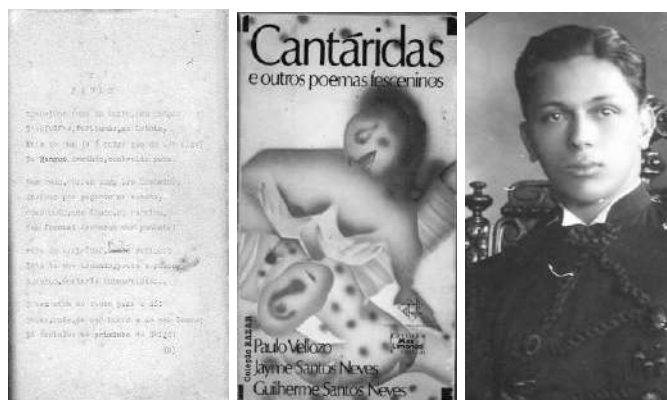
Deve-se salientar a importância da utilização do espaço tipográfico na composição do texto. Nisto o capixaba José Madeira de Freitas, se não foi o primeiro a utilizar-se deste recurso, foi um dos muitos que se antecipou aos movimentos de vanguarda datados de 1956, como a Poesia Concreta, Práxis e Poema-processo. Em *Feira Livre*, de 1923, Mendes Fradique apresenta O TAPETE PERSA como obra atribuída a Augusto de Lima, uma brincadeira que se aproveita dos tipos gráficos e do formato visual. Na *História do Brasil pelo Método Confuso*, de 1922, ele espalha aleatoriamente os pronomes no espaço em branco e acrescenta: “Peço encarecidamente ao Dr. Laudelino Freire a fineza de colocar esses pronomes nos respectivos lugares.” Ainda nesta mesma obra, no capítulo XXXIX “Cartuchos de Festim”, distribui palavras, aparentemente sem nexos, pela página. Não se pode também deixar de mencionar a página 13 da 1a. edição da *Gramática* com a Fórmula empírica da feijoada completa, sátira que, com dezenas de anos de antecedência, ridiculariza recursos empregados por determinada crítica literária estruturalista que usa chaves, divisões e esquemas opositivos (BUSATTO, 1984).

O crítico Affonso Romano de Sant’Anna também se referiu ao caráter revolucionário da obra de Mendes Fradique:

Comparado com Mendes Fradique, os modernistas eram, aliás, senhores sisudos. Seu deboche começa no pseudônimo, que é uma inversão do nome Fradique Mendes, que por sua vez era o pseudônimo comum de vários escritores portugueses da geração de 1870 (Quental, Eça, Ortigão, etc.). [...] [A *História do Brasil pelo Método Confuso*] é um verdadeiro samba do crioulo doido. A carnavalização da nossa cultura. Muito mais radical que as histórias do Brasil, em versos, de Murilo Mendes e Oswald de Andrade. Mendes Fradique é o pai espiritual de Stanislaw Ponte Preta e Carlos Eduardo Novaes (SANT’ANNA, 1985).

Ao estudo da obra de Mendes Fradique dedicou-se a socióloga Isabel Lustosa, que publicou em 1993 o livro *Brasil pelo método confuso: humor e boemia em Mendes Fradique*.

A poesia fescenina está muito bem representada nos poemas de *Cantáridas e outros poemas fesceninos* que, escritos em sua maior parte entre 1933 e 1935, só foram editados em forma de livro em 1986, pela Fundação Ceciliano Abel de Almeida/Ufes em parceria com a Editora Max Limonad. Guilherme Santos Neves (1906-1989), Paulo Vellozo (1909-1977) e Jayme Santos Neves (1909-1998) são os autores desse livro, que Oscar Gama Filho descreve como “uma genial reunião de poemas fesceninos que antecipa recursos, técnicas e temas que apenas décadas após seriam comumente empregados na literatura” (GAMA FILHO, 1990, p. 559).



Original de poema de autoria de Guilherme Santos Neves, em *Cantáridas e outros poemas fesceninos*.

Nesse mesmo período foram também criadas duas importantes instituições ligadas à cultura e à literatura do Espírito Santo: o Instituto Histórico e Geográfico do Espírito Santo, fundado em 1916, e a Academia Espírito-santense de Letras, fundada em 1921. Ambas continuam em atividade hoje, mas o elenco de realizações do Instituto é mais sólido e volumoso, até porque mantém em circulação, desde 1917, a sua *Revista* de que saíram até hoje quase sessenta números.

Em abril de 1923 foi lançada a revista *Vida Capichaba*, anunciada no expediente como revista quinzenal – ilustrações, literatura, mundanismo. Tinha como diretor Garcia de Rezende e, como secretário, Escobar Filho. Sua proposta aparece no editorial desse primeiro número, em que se dedica a revista à mulher espírito-santense:

A *Vida Capichaba* aí está. Não é ainda a revista que idealizamos. Do terceiro número em diante é que ela vestirá a sua roupagem definitiva. Por enquanto, ainda estamos na trabalhosa fase de organização. Passada, porém, essa época de singulares tropeços, a *Vida Capichaba* estará em condições de realizar os seus grandes ideais, de vencer as terríveis hostilidades que se nos profetizam.

E os ideais da *Vida Capichaba* são os formosos ideais de todos nós, trabalhadores ingênuos e honestos pela grandeza do Espírito Santo. Não se justifica a falta de uma revista nesta Capital, que já é uma linda e encantadora cidade de muitos milhares de habitantes.

Toda a cidade linda tem uma revista linda, que conta a sua história, que perpetua as suas emoções, que perfuma a sua galanteria, que exalta a sua elegância e que guarda, como num pequenino livro de horas, as ânsias sutis de sua vida sentimental...

Embora pessoas experimentadas, embora velhos peregrinos da quimera, que ficaram pelo caminho, nos digam que a nossa iniciativa, devido à famosa indiferença do público espírito-santense pelas coisas de arte e literatura, terá efêmera duração, aqui estamos para enfrentar o monstro...

A nossa inquieta mocidade gosta, justamente, das empresas difíceis, ama os grandes gestos de audácia...

Não acreditamos, porém, na má vontade do nosso público com a revista que hoje começa a desempenhar a função que lhe cabe na vida espírito-santense.

O Espírito Santo não pode ser pessimista, não tem essa tão salientada ojeriza pelo progresso literário.

O Espírito Santo é um Estado de belas mulheres, de criaturas suavíssimas, para as quais o espírito e a graça, a inteligência e a finura, são os mais caros requisitos de beleza moral.

E onde há esplêndidas mulheres, há arte, há poesia, e onde há poesia, há sonho, há êxtase, há embevecimento, há perfumadas atitudes de crédulo e romântico otimismo...

Dedicamos a nossa revista à mulher espírito-santense. A mulher ainda é, na vida, a mais ardente protetora da arte e a mais requintada amiga do sonho... (VIDA CAPICHABA, 1923).

Contrariamente aos prognósticos dos “velhos peregrinos da quimera”, *Vida Capichaba* teve vida longa: circulou, sob vários proprietários e editores, até 1959. Contém em seus mais de 760 números grande quantidade de poemas, contos, crônicas e ensaios de autores capixabas. Entre os cronistas que colaboraram na revista no início dos anos 50 estão Eugênio Sette e o jovem José Carlos Oliveira.



Capas da revista *Vida Capichaba* (respectivamente, anos 192[5], 1930 e 1940).

O movimento modernista, iniciado em 1922, teve tímidos reflexos no Espírito Santo. Oscar Gama Filho arrola os nomes de **Sezefredo Garcia de Rezende** (1897-1978) e **João Calazans** (1910-1976). Rezende era diretor do *Diário da Manhã*, em que se editava uma página de divulgação das idéias modernistas. Publicou um livro de contos, *Fogo de palha*, que mereceu resenha altamente depreciativa de Alceu Amoroso Lima, e, no final da vida, *Memórias 1897-1978*. Calazans, autor da novela *Pequeno burguês* (José Olympio, Rio, 1952), defendeu o modernismo em suas colunas literárias no *Diário da Manhã* e na *Vida Capichaba*. No *Diário da Manhã* Calazans publicou em 1929 o “Bonde circular”, uma espécie de manifesto antropofágico local. Em 1941 atuou como redator-chefe de *A Tribuna Ilustrada*, suplemento dominical do jornal *A Tribuna*; contraditório em suas convicções, nas páginas desse suplemento Calazans realizou o concurso para a escolha do “príncipe dos poetas capixabas”, iniciativa

bem pouco compatível com sua cruzada modernista de doze anos antes. Ainda nos anos 40, concebeu a Coleção Autores Capixabas para publicar, com recursos do governo estadual, 32 títulos de autores capixabas clássicos; dessa coleção saiu apenas o primeiro volume, em 1944: uma reedição do *Esboço histórico* de Francisco Antunes de Siqueira.

Mencione-se ainda, como autor capixaba ligado ao modernismo, **Aquiles Vivacqua** (1900-1942), embora quase toda a sua atividade literária se tenha desenvolvido em Belo Horizonte, onde se radicou, tuberculoso, a partir dos vinte anos. Vivacqua deixou apenas um livro, na verdade uma plaqueta, com apenas seis poemas, a que deu o nome de *Serenidade* (1928). Fernando Correia Dias publicou uma notícia sobre o poeta³. Já o modernismo no Espírito Santo é tema do livro *Modernismo antropofágico no Espírito Santo*, de Luiz Busatto.



Poema “Longe”, de Aquiles Vivacqua, publicado na *Vida Capixaba* (1927, n. 92), retrato do poeta e capa do periódico modernista mineiro *Leite Criolo*, de que participou.

Figura inusitada na década de 20 é a de **Antônio Dias Tavares Bastos** (1900-1960), de que Manuel Bandeira dá notícia na crônica “Coração de criança”:

A. D. Tavares Bastos, nascido no Espírito Santo, nasceu poeta, e com ser brasileiro cem por cento, com uma tocante paixão pela França. Esse poeta capixaba não sabia exprimir-se poeticamente senão em francês. Onde o aprendeu? Creio que consigo mesmo. O certo é que escrevia em francês como um francês. Os seus versos franceses não são como os da quase totalidade dos brasileiros que se metem a poetar em francês. A prosódia poética de Tavares Bastos obedecia rigorosamente aos cânones banvillianos.

Foi ao tempo do movimento modernista que apareceram os volumes do poeta, intrigando-nos a todos sob o pseudônimo estranho de Charles Lucifer. Quem seria esse luciferino vate francês perdido nos trópicos? – perguntávamos. Quando autenticamos o autor na figura pequenina, cordial e doce do brasileiro do Espírito Santo, logo principiamos a tratá-lo por Lúçifer, com acento na primeira sílaba, porque achávamos graça de assim chamar o menos demoníaco dos homens. Lúçifer, o mais orgulhoso dos anjos, o revel por excelência e por isso precipitado no Inferno – com ele nada tinha de parecido, por mais remoto que fosse, o bom, o simples, o cândido Tavares Bastos. Um rapaz que nunca vi dizer mal de ninguém, uma criatura

³ “Relembrando Achilles Vivacqua”. Cf. *Suplemento Literário de Minas Gerais*, n. 64, outubro de 2000. Inclui fac-símiles de algumas páginas do livro *Serenidade* e de cartas dirigidas a Vivacqua por Guilhermino César, Ascenso Ferreira, Gilberto Câmara e Antônio de Alcântara Machado.

completamente despida de orgulho, incapaz de inveja ou de qualquer outro sentimento menos nobre.

O ideal de Tavares Bastos era viver em Paris. Logo que pôde, arrumou as malas e partiu. Só voltou a visitar o Brasil uma vez. Em Paris se fixou, lá se casou com francesa, lá acaba agora de morrer. Em 57 tive ocasião de vê-lo pela última vez. A impressão que me deu foi penosa; meses antes fora acometido de derrame cerebral, recuperara-se, mas articulava mal. Era, apesar de tudo, o mesmo Tavares Bastos de 30 – bom, simples, bem-humorado, cômico. Um coração de criança, sem o menor veneno.

A paixão pela França nunca lhe embotou o constante amor pelo Brasil. Ao Brasil serviu sempre em Paris, e no setor literário foi quem revelou ao francês a poesia contemporânea brasileira. A sua *Anthologie de la Poésie Brésilienne Contemporaine* alcança a geração chamada de 45 e foi publicada em 54 pelas Éditions Pierre Tisné. Finas traduções, precedidas de um breve histórico da nossa poesia desde as suas origens.

A estranha aventura do poeta está terminada. “*De l’autre côté des aubes allumées, là-bas, c’est le salut*”. Tenho certeza de que o encontrou, porque ele sempre trouxe nos lábios a palavra pura “*qui fait s’écrouler les falaises de glâce*”. [23.X.1960] (BANDEIRA, 1966, p. 292-293).

Ao contrário do que diz Bandeira, Tavares Bastos não nasceu no Espírito Santo mas no Estado do Rio, tendo-se radicado muito cedo em Vitória devido à remoção, para cá, do seu pai, juiz federal. Numa relação impressa de suas obras constam *Ballades brésiliennes* e *Les poèmes défendus*, ambos editados por La Pensée Latine, Paris, em 1924, e *Cynismes, suivis de Sensualismes*, no prelo em 1927. Nessa relação constam ainda, como a publicar, três títulos de poesia – *Les exaltations*, *Les paroxysmes*, *Surfaces ou Le pays de l’absence* –, três de prosa – *Marie l’égyptienne* (romance), *Cahiers de voyage* e *Humoresque* (novela) – e três de teatro – *L’amante*, *Isabelle* e *Personne*⁴.

Sua viúva, Georgette Tavares Bastos, deu as seguintes informações sobre o poeta:

Recebi sua carta de 22 de abril p.p. e espero poder fornecer-lhe os dados úteis sobre meu marido Antônio Dias Tavares Bastos. Nasceu em Campos em 7 de julho de 1900. O pai era juiz federal em Campos, depois foi designado para Rezende, onde nasceu o segundo filho, Aureliano. Depois foi [para] Vitória, onde Antônio e Aureliano passaram os anos de mocidade.

Formado em Direito, o primeiro posto de Antônio foi o de promotor público em Vitória. Depois resolveu ser advogado no Rio de Janeiro onde ficou alguns anos (até 1937). Aí conheceu escritores, poetas, jornalistas, e começou a reunir e traduzir poemas para o francês (a língua francesa era a grande paixão dele). Como advogado, defendia de verdade “a viúva e o órfão”, de maneira que não enriqueceu... Era poeta mesmo!

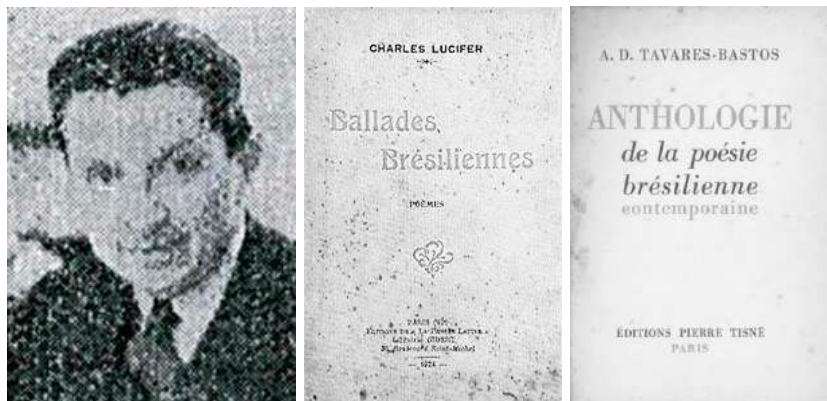
⁴ Cf. Leão de Vasconcelos [1927]. Charles Lucifer (Tavares Bastos) foi quem traduziu para o francês o livro de Leão de Vasconcelos, e na p. 2 consta a relação de suas obras.

Realizou o sonho dele quando embarcou para a França em 1937. Em Paris trabalhou no rádio, depois (ainda em 1940) na Embaixada do Brasil em Vichy (Paris fazia parte da zona ocupada pelos hitlerianos). Conheci Antônio em Vichy, onde casamos em 17-12-42, o embaixador Souza Dantas sendo padrinho dele. Depois de 14 meses à beira do Reno (em Bad Godesberg), 3 semanas em Lisboa, 6 meses em Argel, voltamos a Paris em outubro de 1944. Quando foi criada a Unesco, Antônio foi designado para trabalhar na delegação brasileira junto ao novo organismo.

Publicou a *Anthologie de la poésie brésilienne contemporaine* em 1954. (Em 1966, foi reeditada pelas Éditions Seghers). Seghers havia publicado antes, em 1946, uma plaqueta de poemas em francês, *L'école des disparus*.

Antônio faleceu em Paris em 15 de outubro de 1960. A segunda edição da antologia foi então depois da morte dele.

Em 1956 traduzimos juntos (foi assim que “entrei” na tradução) dois contos brasileiros publicados pela Seghers no volume *Les vingt meilleures nouvelles de l'Amérique Latine*: de Guimarães Rosa (“A hora e a vez de Augusto Matraga”) e de Mário de Andrade (“Nisa Figueira, pour vous servir”). Depois traduzi um livro de contos de Monteiro Lobato, *O instinto supremo* de Ferreira de Castro, homenagem ao marechal Rondon, e *Dona Flor e seus dois maridos*, de Jorge Amado. Em 1973, a NRF [*Nouvelle Revue Française*] publicou um número especial, *30 nouvelles du monde entier*, entre os quais três “nouvelles brésiennes” de Jorge Amado, de Adonias Filho e de Osman Lins. Espero que esses dados poderão ser úteis. Peço desculpa pela minha letra, estou com problema de vista que vou ter que resolver⁵.



Capas de *Ballades brésiennes* e *Anthologie de la poésie brésilienne contemporaine*, de Tavares Bastos.

I) ANOS 30 E 40: OS PRÍNCIPES DOS POETAS CAPIXABAS

A literatura feita no Espírito Santo no período que se seguiu à revolução de 30 se caracteriza pelo maciço predomínio quantitativo da poesia sobre a prosa. Acotovelam-se, nas páginas de *Vida Capixaba* e nos suplementos literários dos jornais, incontáveis poetas, diferentes entre si mais pela idade do que pelo estilo.

⁵ Carta inédita de Georgette Tavares Bastos a Renato Pacheco, datada de 25 de maio de 1994.

Em sua maior parte mantêm-se tenazmente simbolistas e parnasianos, e fazem das formas fixas, sobretudo do soneto, o seu principal meio de expressão. Uns poucos aderem ao modernismo pela via do verso livre. Quase todos se assemelham pela falta de brilho e de originalidade; pode-se sugerir que seus textos compõem uma literatura feita em série. Alguns partem dos periódicos para um primeiro livro, no máximo para um segundo, onde reúnem a produção veiculada nos suplementos literários. Raros dentre eles têm talento, força ou disposição para se tornarem poetas de longo curso.

Os jovens intelectuais, quase todos estudantes de Direito, se distribuíam em duas coortes rivais, a Academia Espírito-santense dos Novos, liderada por Beresford Martins Moreira, e o Grêmio Literário Rui Barbosa, à cuja frente estava Mauro de Araújo Braga. Ambas tiveram efêmera duração.

Carlos Nicoletti Madeira, juntamente com Adelfo Monjardim e Luís Derenzi, funda a revista *Chanaan*, que durante alguns anos será concorrente da *Vida Capixaba*. Entre os colaboradores de *Chanaan* estão Eurípedes Queiroz do Valle, com a coluna “Micrólogos”, e o jovem Clóvis Ramalhete. O mesmo Carlos Madeira, em 1939, demonstrando gana editorial, publica, numa tiragem de 20.000 exemplares, o *Anuário do Espírito Santo e Norte do Brasil*.

Com o patrocínio da interventoria do Estado, lança-se em 1936 o Concurso Científico e Literário do Espírito Santo, dividido em várias categorias. O prêmio Estado do Espírito Santo, de ciência, é conquistado por Almeida Cousin; o Cidade de Vitória, de romance e teatro, por Carlos Madeira; o Muniz Freire, de contos e novelas, por Adelfo Monjardim, Clóvis Ramalhete e Arnulfo Neves; o Domingos Martins, de poesia, por Salvador Thevenard, Newton Braga e Alvimar Silva; e o Misael Pena, de história, erudição e crítica, por Carlos Madeira.



Foto da Avenida Capixaba nos anos 1940 com o prédio de *A Tribuna* à direita.
Acervo Arquivo Geral da Prefeitura de Vitória.

Cinco anos depois, realizou-se um concurso que pela própria natureza de seus objetivos mobilizou, de forma direta ou indireta, praticamente toda a legião de poetas capixabas em atividade na década de 30, a ponto de representar um verdadeiro painel da poesia da época. Trata-se do concurso para escolha do “príncipe dos poetas capixabas”, que João Calazans, redator-chefe de *A Tribuna Ilustrada*, suplemento dominical do jornal *A Tribuna*, também conhecido como *A*

Tribuna – Suplemento, lançou em 1941 com a assessoria de Eugênio Sette. Eis o regulamento do concurso:

- I - Fica instituído pela “A Tribuna – Suplemento” o Concurso para a escolha do “Príncipe dos Poetas Capixabas”.
- II - O voto apresentará duas características. A primeira, intelectual. A segunda, popular. O voto intelectual, será dado indicando justificativa. O popular, por meio de “coupons” que serão publicados diariamente em “A Tribuna” e dominicalmente no Suplemento.
- III - Fica estabelecido que só serão aceitos os votos dados aos poetas cuja relação vem sendo publicada em nossos números.
- IV - Foi adotado o seguinte princípio, para a relação a que se refere a cláusula terceira: é considerado poeta capixaba, aquele cuja atividade intelectual foi ou é desenvolvida em todo o nosso Estado.
- V - Em nossos números, também será publicada a relação dos intelectuais que deverão apresentar os votos devidamente justificados.
- VI - Com o intuito de não ferir vaidades, perfeitamente naturais, resolvemos que, não só os poetas como, também os votantes intelectuais, terão os seus votos publicados por ordem rigorosamente alfabética.
- VII - Como em todos os concursos semelhantes, o voto intelectual prevalece sobre o popular. Nesse caso, o voto intelectual corresponde a 100 “coupons” populares.
- VIII - Homenageando cinco figuras do nosso passado, estabelecemos as seguintes denominações para os prêmios: 1º – Virgílio Vidigal; 2º – Ulisses Sarmento; 3º – Jonas Montenegro; 4º – Aristides Freire; e 5º – Vieira da Mota.
- IX - Os votos dos intelectuais, à medida que forem recebidos, serão publicados em “A Tribuna – Suplemento”, observando-se a mais rigorosa ordem alfabética e cronológica.
- X - O concurso para a escolha do “Príncipe dos Poetas Capixabas” deverá ser encerrado, salvo motivo de força maior, impreterivelmente a 31 de dezembro de 1941.
- XI - Todos os votos, inclusive os justificados, deverão ser dirigidos a Eugênio Sette, Secretário do concurso, para a redação de “A Tribuna – Suplemento” (A TRIBUNA, 1941)⁶.

A relação dos poetas elegíveis incluía 51 nomes, entre os quais dez mulheres. A relação dos intelectuais votantes incluía 147 nomes, dentre eles 42 dos 51 poetas elegíveis. Não foram considerados intelectuais votantes os poetas Arlete Cipreste, Climério Borges da Fonseca, Grinalson Medina, Hercília Valverde, Haydée Nicolussi, Leonor Pereira, Lourdes Cupertino de Castro, Luís Moreira e Violeta Costa. Os prêmios previstos para os cinco poetas mais votados eram: para o primeiro lugar, a edição das poesias completas, em um ou mais volumes, pela Editora José Olympio, às expensas da interventoria do Estado; para o segundo lugar, a edição de um volume de poesias escolhidas, pela mesma editora, às expensas da Prefeitura de Vitória; para o terceiro lugar, a edição “extramercado” de um volume de poesias escolhidas, pela mesma editora, às expensas de *A Tribuna – Suplemento*; para o quarto lugar, “um lindo aparelho de rádio R.C.A. Victor, tipo alcova”, oferta da firma Moreira Rocha & Cia.; e para o quinto lugar, “um valioso estojo ‘Parker’ completo”, oferta da firma Moacyr Barbosa & Cia. Ltda. (A TRIBUNA, 1941).

⁶ Enquanto durou o concurso o seu regulamento foi publicado no suplemento dominical.

As justificativas dos votos intelectuais eram publicadas dominicalmente, às vezes até meia dúzia delas. Podiam ser meras declarações de voto, como a de Aurino Quintais – “Voto em João Bastos para príncipe dos poetas capixabas” (A TRIBUNA, 4 jan. 1942) –, sóbrias e formais, como a de Clóvis Ramalhete:

O destino dos poetas sempre foi o dos músicos. Antigamente, menestrel era poeta e músico. E cantos e rimas cumprem seu fim quando logram andar por aí, nos lábios de qualquer... Dos bons poetas que o Espírito Santo tem dado (e aqui recorro Newton Braga, Nilo Aparecida Pinto, Salvador Thevenard, Abílio de Carvalho...), nenhum alcançou a espalhada glória de um único, rabiscador dos versos famosos e perfeitos da “Salamandra”, tornados o Confeitor geral dos sentimentais desiludidos, nesta terra: “Dezesseis anos, trinta e dois amores, / trinta e dois corações desiludidos”... É esse o motivo que me faz dar voto em João Bastos – já que não se trata de indicar uma predileção pessoal, mas sim de assinalar, para Príncipe dos Poetas Espírito-santenses, qual deles é o representante da sensibilidade do nosso povo (A TRIBUNA, 4 jan. 1942).

ou viscerais, rasgados em estilo coloquial, como o de José Sette:

Calazans:

V. e Eugênio estão fora da época! Ninguém, nestes tempos de força e violência, cuida mais de versos, de poetas e de poesia! Talvez somente a [obra] do Camões, aquele d’Os *Lusíadas*, ainda fuja à total destruição. Isto porque o zarolho escreveu o poema, ali em Macau, em terras da China, onde pipocam fuzis e estrondam canhões. Mas se V. e Eugênio estão fora do momento, porque moços, nascidos sob o signo da força, comigo é diferente, como o *lero-lero* e o clima nacional. Vivi a mocidade quando era doce viver. Quando os rapazes liam versos e os decoravam, para repeti-los, baixinho, às namoradas, sem esgares à moda Berta Singermann, e gestos de mãos, à moda Margarida Lopes de Almeida. Os versos que me ficavam na memória eram líricos, daquele lirismo que perfuma toda a poesia brasileira, inclusive a parnasiana, a simbolista e a modernista. Porque, meus caros amigos, a gente aqui, apesar das aparências, ainda não foi muito além de Gonçalves Dias e Castro Alves, com passagens por Junqueira Freire e Casimiro de Abreu. Tenho assim de votar, acudindo às suas insistências. Voto no Ciro [Vieira da Cunha]. Não é ele lírico? Não tem nos versos música e ternura? Não recorda aqueles grandes precursores pela suavidade, pela perfeição artística? Não fala ao coração? Não parece um romântico retardatário, entre as agrestias atuais? Meu voto é dele. Recorda-me o tempo que passou (A TRIBUNA, 4 jan. 1942).

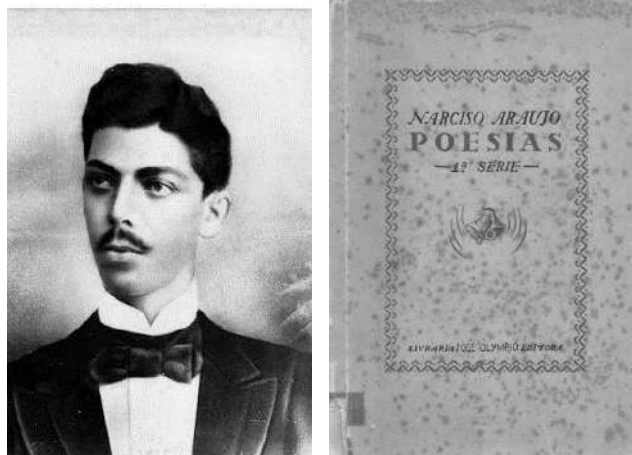
Houve também um voto declarado em branco, de Joaquim Ramos, que, apreciador de Casimiro de Abreu e dos ultra-românticos, assim conclui sua justificativa:

Do exposto, conclui-se que, não havendo na relação dos candidatos ao título de Príncipe dos nossos Poetas um, ao menos, com essa característica ultra-romântica, eu não poderia votar em outro, a menos que renunciasse às minhas convicções em matéria de estética (A TRIBUNA, 23 nov. 1941).

Os vencedores do concurso foram **Narciso Araújo**, com 4.423 votos; **Ciro Vieira da Cunha**, com 3.767; **João Bastos**, com 3.145; **Newton Braga**, com 2.365; e **Willis Cunha**, com 906 votos. Em sua edição de 4 de janeiro de 1942 o suplemento estampou o resultado geral do concurso, com uma epígrafe de Celso Calmon no pé da página: “Bem haja a hora feliz da iniciativa de João Calazans e Eugênio Sette, fazendo desfilar diante do Espírito Santo a figura dos seus vates.” A mesma edição traz na capa, sob o cabeçalho “VOTO DE HONRA”, um fac-símile de mensagem do interventor João Punaro Bley, nos seguintes termos:

Aos Governos cabe apoiar todas as iniciativas que, em qualquer setor das atividades humanas, visem o alevantamento do Estado ou do país, sejam elas de caráter industrial ou desportivo, econômico ou cultural. Demos, por isso, nosso aplauso ao concurso instituído pela *Tribuna Ilustrada* – que tem, como redatores, jovens literatos espírito-santenses – assumindo a Interventoria o compromisso de fazer editar as obras poéticas completas do vencedor do certame.

E porque desejam os dirigentes do prélio o nosso voto, aqui o entregamos a *Narciso Araújo*, figura expressiva da intelectualidade capixaba, envelhecida em voluntário insulamento mas que se rejuvenesce, todas as horas, nas rimas de ouro e ritmos de luz com que continua enriquecendo o patrimônio espiritual deste abençoado pedaço do Brasil (A TRIBUNA, 4 jan. 1942).



Narciso Araújo, Príncipe dos Poetas, e seu livro *Poesias*.

Os poetas classificados nos três primeiros lugares tiveram, efetivamente, de acordo com o regulamento do concurso, seus livros publicados pela Editora José Olympio durante o ano de 1942. De Narciso Araújo foi editado *Poesias* (Primeira Série), reproduzindo-se aí o “Voto de honra” do interventor; de **Ciro Vieira da Cunha**, *Alguma poesia*; e de **João Bastos**, *Caminhos da vida*.

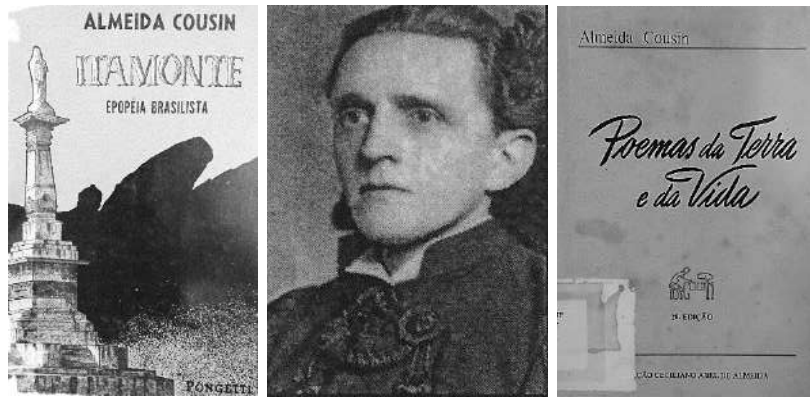
O concurso da *Tribuna Ilustrada* abrangeu, na sua lista de poetas elegíveis, os poetas capixabas mais em evidência na década de 30, e resultou na eleição, como “príncipe dos poetas capixabas”, de um simbolista histórico, Narciso Araújo, que – ao contrário do que se lê no fecho do “Voto de honra” de Bley – havia décadas não publicava um só verso, e que, recluso em sua cidade natal, merecera o epíteto de “solitário de Itapemirim”.

Dos 51 poetas elegíveis, 32 receberam votos, e apenas 21 receberam acima de 100 votos, o que pressupõe pelo menos um voto de intelectual. Dentre esse elenco da primeira linha da poesia capixaba da época podem-se citar: **Ciro Vieira da Cunha** (1897-1976), autor de *Espera inútil* (1933) e *Alguma poesia* (1942), além de ensaios como *A correspondência de Machado de Assis* (1940), a que se somariam, mais tarde, outros ensaios, *No tempo de Paula Ney* (1950), e *No tempo de Patrocínio* (1960), e uma autobiografia, *Memórias de um médico da roça* (1965); **João Bastos Bernardo Vieira** (1898-1962), autor de *Caminhos da vida* (1942); **Newton Braga** (1911-1962), adepto do modernismo, autor de *Lirismo perdido* (1945), *Histórias de Cachoeiro* (1946) e *Poesia e prosa* (1963, edição póstuma, reeditada em 1993), participou do movimento “Leite Criolo” em Belo Horizonte, onde se formou em Direito em 1932; **Benjamim Silva** (1886-1954), autor de *Escada da vida* (1938), em que descreve, em vários sonetos, as belezas naturais do sul do Estado, principalmente de Cachoeiro de Itapemirim, onde nasceu; **Kosciuszek Barbosa Leão** (1889-1979), autor de *Meditações* (1940), *JTM* (1940; reeditado em 1977), *Travos e trovas* (1973) e *Meu inverno* (1979); **Augusto Lins** (1892-1982), autor de *Zorobabel* (1921; reeditado em 1957), *Pranto e canto de amor filial* (1955) e *Variações estéticas do Canaã* (1966), além de *Graça Aranha e o Canaã* (1967), no qual encerrou os resultados da pesquisa de uma vida inteira sobre o romance *Canaã*;



Capa de *JTM* e *Meu inverno*, de Kosciuszek Barbosa Leão.

José Coelho de Almeida Cousin (1897-1991), mineiro de nascimento, radicou-se nos anos 30 em Vitória, onde publicou *Itamonte* (1932; reeditado em 1958), *Naufrágios* (1937), *O amor de Don Juan* (1938), *Poemas da terra e da vida* (1983);



Capa de *Itamonte* e *Poemas da terra e da vida*, de Almeida Cousin.

Otávio José de Mendonça (1901-1975), autor, sob o pseudônimo de Mesquita Neto, de *Rua do coração* (1957); Hilário Soneghet (1904-1969), autor de um livro publicado postumamente, *Por estradas curvas* (1971), de quem José Augusto Carvalho editou, em 1999, *Quase toda a poesia*; e Alvimar Silva (1911-1943), autor de *Clarões* (1935) e *Música de Longe*.

De toda essa legião de poetas mais ou menos competentes tecnicamente, só uma voz destoa, produzindo uma poesia original de alto nível. É **Haydée Nicolussi** (1905-1970), figura apaixonante, que trocou Vitória pelo Rio de Janeiro no início dos anos 30, colaborou no *Diário de Notícias*, em *O Jornal*, em *A Noite*, no *Diário da Noite* e em *O Estado de São Paulo*, traduziu Bukarin e Gladkov, e acabou presa pelo Estado Novo: Graciliano Ramos cita o seu nome numa passagem das *Memórias do cárcere*. Publicou um só livro, *Festa na sombra*, em 1943, no Rio. Não recebeu nenhum voto no concurso da *Tribuna Ilustrada*, mas mereceu um necrológico de ninguém menos que Drummond:

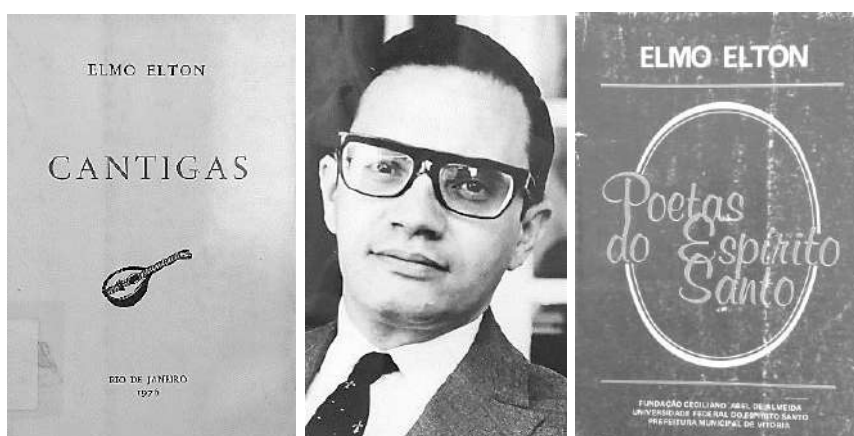
A bonita moça loura, desenhada por Arpad Szenes, que nos anos 40 chegava ao Ministério da Educação para protestar contra a in justiça, a deslealdade e a burrice no curso que vinha fazendo e na repartição onde lhe deram um vago emprego de escriturário interino; que tinha relâmpagos de raiva escondendo a ternura machucada; que oferecia seu livro de versos “com intenção de carícia mesmo no mais leve arranhão”; que queria viver cem anos de amor com o mesmo homem, em casa própria, com filhos, livros, alguns amigos, viagens (era bem burguês o seu ideal de revolucionária romântica e tradutora de Bukharin, que comeu cadeia sob o Estado Novo); a moça que de repente sumiu, literalmente sumiu, nunca mais ninguém a encontrou nas exposições de pintura, nos concertos, nos bares, não publicou mais uma palavra; abro o jornal e vejo o retângulo tarjado: “Sepulta-se hoje às 16 horas”; a vida não foi uma festa para Haydée Nicolussi, que entretanto chamou o seu livro “Festa na Sombra”. (“Notícia vária”, *Jornal do Brasil*, 21/02/1970) (apud ELTON, 1982, p. 132).



Capa do livro de Haydée Nicolussi, *Festa na sombra*, e o desenho de Arpad Szenes.

Em 1947, por iniciativa de Augusto Lins, realizou-se de 5 a 20 de dezembro a Quinzena de Arte Capixaba, que incluiu conferências, récitas poéticas, audição de música, recitais de canto e espetáculos coreográficos com escritores, intelectuais, artistas e músicos capixabas. No âmbito da Quinzena realizou-se um concurso para eleger o sucessor de Narciso Araújo, morto em 1944, como príncipe dos poetas capixabas. **Geraldo Costa Alves** foi eleito em primeiro lugar, ficando em segundo **Elmo Elton Santos Zamprogno** e, em terceiro, repetindo sua colocação no primeiro concurso, João Bastos. A novidade foi a eleição das três melhores poetisas do Espírito Santo, tendo sido eleitas Virgínia Tamanini, Maria José Albuquerque de Oliveira e Arlette Cypreste de Cypreste (CARVALHO, 1982).

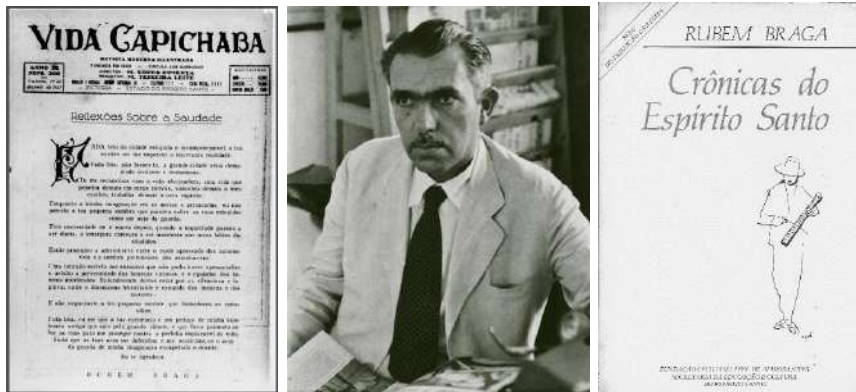
Geraldo Costa Alves (1922-1973), autor de *Jardim das Hespérides* (1943), *Cem quadras* (1968) e *A árvore* (1969), e **Elmo Elton Santos Zamprogno** (1925-1988), autor de *Marulhos* (1946), *Heráldicos* (1952; reeditado em 1968), *Dona Saudade* (1954), *Cantigas* (1976), *Poemas* (1976), *Anchieta* (1984), além de ensaios como *O noivado de Bilac* (1954), *Amélia de Oliveira* (1977) e *A família de Alberto de Oliveira* (1979) e uma coletânea, *Poetas do Espírito Santo* (1982), são legítimos representantes da poesia capixaba surgida na década de 40, e em pouco diferem dos seus colegas da década anterior.



Capa de *Cantigas* e *Poetas do Espírito Santo*, de Elmo Elton.

J) ANOS 30 E 40: POUCA PROSA

Rubem Braga (1913-1990) saiu de Cachoeiro de Itapemirim para se tornar, no Rio de Janeiro, um dos melhores cronistas do país. Estreando na crônica em 1928, tem extensa bibliografia no gênero: *O conde e o passarinho* (1936), *Morro do isolamento* (1944), *Com a FEB na Itália* (1945, reeditado com o título *Crônicas da guerra na Itália*), *Um pé de milho* (1948), *O homem rouco* (1949), *A borboleta amarela* (1953), *A cidade e a roça* (1957), *Ai de ti, Copacabana* (1960), *A traição das elegantes* (1967), *200 crônicas escolhidas* (1978), *Recado de primavera* (1984), *Crônicas do Espírito Santo* (1984) e *As boas coisas da vida* (1988). Publicou também poesia, *Livro de versos*, lançado originalmente em 1944 junto com as crônicas de *Morro do isolamento* e separadamente em 1993.



Crônica publicada na *Vida Capichaba*
e capa de *Crônicas do Espírito Santo*, de Rubem Braga.

Na primeira metade do século XX, a literatura feita em prosa no Espírito Santo é sobretudo a crônica, já que os suplementos literários dos jornais também se alimentavam de textos curtos, descartáveis. **Nelson Abel de Almeida** (1905-1990) iniciou-se como cronista em 1925 no jornal *Folha do Povo*, e nos anos 50 manteve em *A Gazeta* uma coluna intitulada “Para ler no bonde”. Uma amostra da sua produção inicial, publicada entre 1925 e 1929 nos jornais *Folha do Povo*, *Jornal do Comércio* e *A Gazeta*, e na revista *Vida Capichaba*, está no livro *De seta e bodoque* (1982). **Jair Tovar** (1896-1985), auto-exilado no Rio de Janeiro depois da revolução de 30, aí publicou *Trigo velho* (1951), reunindo crônicas escritas na década de 20 em Vitória. **Eurípedes Queiroz do Valle** (1897-1979) reuniu no livro *Micrólogos* (1968) cerca de duzentas crônicas que, com o pseudônimo de Beneventino, publicara em jornais entre 1935 e 1968. O já citado Almeida Cousin, da mesma forma, reuniu sob o título *Cartões a Lálace* (1984) as crônicas que publicou em *Vida Capichaba*, com o pseudônimo Célio, nos anos de 1928 e 1929.

Eugênio Sette (1918-1990), cronista da *Vida Capichaba* na virada das décadas de 40 e 50, difere dos cronistas anteriores pela linguagem simples, coloquial, e por uma temática combinando nostalgia, melancolia, e pessimismo. Suas crônicas foram reunidas no livro *Praça Oito* (1953; reeditado em 2001 como título inaugural da Coleção Gráfica Espírito Santo de Crônicas), e é ele autor, ainda, de *Pretos e brancos: poemas traduzidos* (1952).

Celso Bomfim (1917-1981), que colaborou assiduamente nos jornais de Vitória e em *O Estado de Minas*, de Belo Horizonte, onde se radicou a partir dos anos 50, só deixou um livro de crônicas, *Salvanêlo, a montanha e o vento* (1975), em que se concentra na colonização italiana no Espírito Santo, na sua meninice e no amor a Santa Teresa, sua cidade natal.

Até a metade do século XX poucos são os autores capixabas que se aventuraram seriamente pelo conto e pelo romance. Num período em que o romance brasileiro eclodia com Graciliano Ramos, José Lins do Rego, Marques Rebelo, Érico Veríssimo e Jorge Amado, no Espírito Santo o nome de **Carlos Nicoletti Madeira** (1909-1969) desponta quase isolado nesse gênero, com *O romance de Teresa Maria* (1937), que recebeu o Prêmio Cidade de Vitória e foi editado pela Imprensa Oficial. Cristiano Fraga descreveu assim esse romance:

É o transbordar de confidências de uma mulher, deixadas em páginas de um diário, sem datas precisas, e apenas para desafogar os momentos de maior crise dolorosa, numa verdadeira volúpia de sofrimento. Carlos Madeira penetra profundamente o íntimo de um coração feminino, que sangra por um amor proibido. Antes dele muitos tentaram essa aventura psicológica sem o mesmo sucesso (FRAGA, 1972, p. 23).

Clóvis Ramalhete (1914-1995) aparece como cronista da revista *Chanaan* já em 1937. Radicado no Rio de Janeiro, publica em 1941 o romance *Ciranda*, laureado com o Prêmio Vecchi de Romance; em 1942 publicaria o ensaio *Eça de Queiroz*, premiado pela Academia Brasileira de Letras e, em 1966, *O anjo torto*, contos. Sobre *Ciranda* Cristiano Fraga informa:

Narra o cotidiano dos hóspedes de uma pensão carioca do Catete. Casados e solteiros, de várias idades e ocupações. E entre eles o próprio moço romancista, escritor já feito, a caracterizá-los todos no correr da ação, a mostrar que cada vida é um romance, desde que seja contada com arte. Aclamado no Rio como romance criador de novos rumos realistas e discutido em São Paulo como livro de contos entreligados (FRAGA, 1972, p. 24).



Capa de *Ciranda* e *O anjo torto*, de Clóvis Ramalhete.

Adelpho Poli Monjardim (1903-2003) publica, na mesma década de 40, um romance infanto-juvenil, *O tesouro da ilha de Trindade* (1942), e textos de

aventura em *Novelas sombrias* (1944, premiado no Concurso Científico e Literário de 1936), voltando à mesma veia de ação e aventura em moldes clássicos em *Torre do silêncio* (sem data), contos, e *Sob o véu de Ísis* (1978), romance. Em 1949, fechando a década, Paulo Alves (1921–) publica um livro de contos, *Albertina*; em dois dos contos emprega recursos metalingüísticos, antecipando, num deles, “O autor e o personagem”, situações que seriam exploradas mais tarde por Fernando Tatagiba. **João Calazans**, já citado anteriormente, publica em 1952 o romance *Pequeno burguês*, escrito em 1933. Segundo Renato Pacheco, Calazans “narra episódios vividos em São Paulo por Leandro de Albuquerque, jovem nordestino de Propiá que se filia, medrosamente, ao Partido Comunista” (PACHECO, 1988). Dentre esses episódios estão a arregimentação de tecelões no Brás ou no Ipiranga, prisões, deportação para o Uruguai, amor com uma trotskista, Clemência, que depois se bandeia para os integralistas, até o recebimento da herança de um padrinho, que depois lhe é retirada, pois o padrinho não morrera. “Não é a obra que seus conterrâneos esperavam de Calazans”, comenta Renato Pacheco (1988). Depois de deixar Vitória em meados dos anos 40, Calazans editou, em Belo Horizonte, a revista literária Panorama. Radicado posteriormente em Recife, ali morreu em 1976.

O romance capixaba moderno só teria início nos anos 60, com Renato Pacheco; o conto capixaba moderno, só nos anos 80, com Fernando Tatagiba e Bernadette Lyra.

No campo da análise literária, merece destaque o nome de **Tulo Hostílio Montenegro** (1916-1996), que lançou em 1949 *Tuberculose e literatura: notas de pesquisa*, que teve em 1971 uma segunda edição revista e aumentada. Trata-se de um vasto levantamento de textos literários referentes à tuberculose, tanto na poesia como na prosa, tanto de autores típicos – abordados na seção “A tuberculose na primeira pessoa do singular” – como de personagens típicos – abordados em “A tuberculose transferida”. A primeira edição do livro foi acolhida com entusiasmo pela crítica brasileira. Dele disse, por exemplo, Sérgio Milliet em *O Estado de São Paulo*: “Nossa literatura crítica carece de obras do gênero dessa que escreveu Tulo Hostílio Montenegro. Elas ajudam a compreender melhor a criação artística” (MONTENEGRO, 1971, p. 407). E Rachel de Queiroz em *O Cruzeiro*:

E fechando-se a última página, nós que vamos morrer do coração ou vamos morrer do fígado, não podemos fugir a um singular complexo de inferioridade, como se descobríssemos de repente que somos feitos de material mais grosseiro, menos nobre, ou que, por falta de títulos, estamos excluídos de uma aristocracia de eleitos, que sempre nos fascinou misteriosamente (MONTENEGRO, 1971, p. 405).

Estatístico do IBGE e, posteriormente, secretário geral do Instituto Interamericano de Estatística em Washington, onde se radicou até o final da vida, Tulo Hostílio Montenegro ainda é autor de estudos pioneiros no Brasil como aplicação de instrumentos científicos à elucidação de problemas literários: *O comprimento do período como característica estatística de estilo* (1955) e *A análise matemática do estilo* (1956).

Guilherme Santos Neves, um dos autores da obra *Cantáridas e outros poemas fesceninos*, começou, na década de 40, a divulgar em jornais e revistas os resultados de suas pesquisas sobre o folclore capixaba. Nessa década, em 1949, fundou o boletim *Folclore*, que circulará até 1982. Seu livro mais importante, no campo da literatura oral, é *Romanceiro capixaba*, publicado em 1981, cuja segunda edição saiu em 2000 pela Prefeitura de Vitória. Dentre outros livros, é autor de *Visão de Anchieta* (edição póstuma, 1997).

K) A ACADEMIA CAPIXABA DOS NOVOS

A exemplo da Academia Espírito-santense dos Novos, fundada em 1932, que pouco tempo durou, os jovens da década de 40 envolvidos com a literatura fundaram em 1946 a sua agremiação, a que chamaram Academia Capixaba dos Novos.



Rômulo Salles de Sá (presidente na época), João Francisco de Almeida, Valdir Ribeiro do Val, Orlando Cariello, José Carlos Lindember Coelho, Christiano Dias Lopes Filho, José Cupertino de Almeida, Antenor de Carvalho, Mário Gurgel⁷.

Renato Pacheco, um de seus fundadores, deu sobre ela o seguinte depoimento:

A Academia Capixaba dos Novos, fundada em 1946 e que comandou a cultura vitorense nos últimos anos da década de 40, nada tinha a ver com suas antecedentes [A Academia Espírito-santense dos Novos e o Grêmio Literário Rui Barbosa], de que seus membros não tinham nem consciência. Foi fundada por Antenor de Carvalho, Renato Pacheco e Nélío Faria Espíndula, numa quadra de esportes que havia na praça Costa Pereira, onde hoje é o edifício do INPS. Os três lamentavam o marasmo literário vitorense e logo arregimentaram Rômulo Salles de Sá, Orlando Cariello, Cristiano Dias Lopes Filho, Durval Cardoso, Waldir Magalhães Pires, Valério Leão de Lima, Waldir Ribeiro do Val, Alvino Gatti, José Carlos Fonseca, José Garajau da Silva, Setembrino Pelissari, Guilherme Monteiro de Sá, Renato Bastos Vieira, João

⁷ Fotografia e identificação dos acadêmicos veiculadas no site Morro do Moreno, dirigido por Walter de Aguiar Filho.

Francisco Gonçalves, José Wandevaldo Hora, Carlos Augusto de Góes, Hermínio Blackman, a mocidade estudiosa de então, principalmente saída dos quadros dos primeiros anos da Faculdade de Direito e dos últimos anos do Colégio Estadual do Espírito Santo, militares, radialistas e bancários, situando-se seus componentes na faixa etária dos 18 aos 25 anos.

O primeiro presidente da Academia foi Orlando Cariello, seguido de Renato Pacheco, Rômulo Salles de Sá e Waldir Ribeiro do Val. Entre as realizações da Academia, naqueles primeiros anos de atividade, destacamos:

- Palestras sobre Jorge de Lima [por Renato Pacheco], Walt Whitman [por Eugênio Sette], Novos Rumos [por Clóvis Rabello], *Macunaíma* [por Guilherme Santos Neves], Rui Barbosa [por Rosendo Serapião], Cinquenta anos de literatura brasileira [por Ciro Vieira da Cunha], Shakespeare [por Renato Pacheco];
- Cursos de Português e Literatura, de Cultura Histórica, de Retórica;
- Comemorações da promulgação da Constituição, do quarto centenário de Cervantes, do centenário de Joaquim Nabuco;
- Concurso sobre Anchieta;
- Recitais de Margarida Lopes de Almeida, Carmen Vitis Adnet e Maria Filina Salles de Sá.

Seus membros publicaram livros, como *Pobres crianças do Brasil*, de Renato Bastos Vieira, Renato Pacheco, Rômulo Salles de Sá, Setembrino Pelissari e Luiz Caetano de Oliveira, buscando uma poesia nitidamente social; *Fragmentos*, de Antenor de Carvalho; *Sangue, amor e neve*, de Waldir Magalhães Pires, que narra a epopéia da Força Expedicionária Brasileira; *Cântaros vazios*, de Waldir Ribeiro do Val; e *Bilhete para Cervantes* e *Poesia entressonhada*, de Renato Pacheco. Cristiano Dias Lopes Filho, sob inspiração de Feline Tiago Gomes, de Pernambuco, organizou em 1948 a Campanha Nacional de Educandários Gratuitos que, em pouco tempo, criou dezenas de ginásios, no interior do Estado, hoje transformada na Campanha Nacional de Escolas da Comunidade. A ligação inicial dos dois movimentos se deu porque o jovem educador pernambucano procurara, em Vitória, a Academia Capixaba dos Novos, porém logo, em 1949, a CNEG ganhou autonomia, tendo rendido frutos mesmo depois da extinção da Academia dos Novos.

As reuniões ordinárias da Academia eram verdadeiras tertúlias literárias nas tardes de sábado e se realizavam na sala do 3º andar do antigo edifício do Banco de Crédito Agrícola do Espírito Santo (hoje Banestes) cedida à Academia Espírito-santense de Letras. Após a leitura da ata e do expediente, religiosamente feita, todos os presentes liam suas produções literárias da semana. Os livros de atas e de trabalhos apresentados no período, arquivados na Seção de Memória do Centro Cultural Carmélia M. de Souza atestam o que estamos afirmando.

Terminado o impulso inicial, que durou quatro anos, o grupo inicial da Academia Capixaba dos Novos – muitos de seus membros assumiram novas obrigações, casaram-se ou se mudaram para o interior, como bancários ou promotores, outros entraram nas lides políticas – foi substituído por uma nova geração de escritores que, já no final da década de 50, houve por bem extinguir a Academia e criar o Clube do Olho, de que participaram Jeová de Barros (último presidente da ACN), Xerxes Gusmão Neto, Cláudio Antônio Lachini, Olival Mattos Pessanha, Carlos Chenier.

O novo grupo, refletindo o estado da sociedade circundante, tinha

conotações ideológicas de que estava livre a Academia Capixaba dos Novos, podendo dizer-se que, à época, a maioria de seus membros tinham inclinações esquerdistas, procurando fazer uma literatura a serviço da reforma⁸.

Em 1951 a Academia Capixaba dos Novos, por ocasião dos festejos do quarto centenário de Vitória, publicou um folheto, ilustrado com fotografias, contendo uma lista das realizações da Academia e o texto dos seus estatutos (ACADEMIA, 1951).

⁸ Depoimento manuscrito de Renato Pacheco, destinado especificamente à inclusão neste trabalho.

QUARTA PARTE DE 1951 A 1978



L) CENÁRIO CULTURAL NOS ANOS 50 E 60

Se se permite a metáfora, pode-se dizer que o Espírito Santo cruzou o meridiano da década de 50 com bons auspícios, inclusive na área cultural. Tomou posse como governador, em 1951, Jones dos Santos Neves (1901-1973), que trazia consigo um projeto de desenvolvimento abrangente. Em seu primeiro ano de governo fez comemorar, com um grande programa cultural, o quarto centenário de Vitória, embora a história oficial indicasse o ano de 1550 como ano de fundação da cidade. Na área do ensino superior, começou por criar uma série de faculdades e escolas – inclusive a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras –, como base para a fundação da Universidade do Espírito Santo, projeto que concretizou em maio de 1954. Já em 1944, como interventor federal, preocupado com a valorização da identidade local, dera guarida à iniciativa de João Calazans de publicar uma Coleção Autores Capixabas, de que só saiu o primeiro volume, com recursos da interventoria. Como governador, custeou em 1951 a edição da *História do Estado do Espírito Santo*, de José Teixeira de Oliveira, que continua sendo, até hoje, instrumento indispensável para o estudo da história do Estado¹. Convidou, também, Rubem Braga e Carybé para fazerem uma viagem pelo Espírito Santo e produzirem um livro. Esse livro, *Uma viagem capixaba de Carybé e Rubem Braga*, viria a ser publicado somente em 1981, pelo Departamento Estadual de Cultura em parceria com a Aracruz Celulose. Ele mesmo, Jones, produziu alguns poemas na mocidade, compondo o retrato amistosamente satírico de colegas do Rotary Club de Vitória – empreendimento que lembra o de Mendes Fradique em *Hipocratéia*, no qual retratara os colegas do curso de medicina. Os poemas de Jones foram reunidos, juntamente com outros de autoria de Francisco Sarlo (daí o pseudônimo Jota-Esse), no livro *Roda de perfis*, de 1935.

O candidato de Jones dos Santos Neves para suceder-lhe, Eurico de Aguiar Salles, não foi eleito, o que de certa forma sustou o seu plano de desenvolvimento sócio-econômico e cultural para o Espírito Santo. A Universidade, porém, era uma realidade irreversível, e continuou a exercer influência cultural sobre a comunidade capixaba, especialmente sobre as novas gerações.

Renato Pacheco, que no começo da década mantém na *Vida Capixaba* uma coluna literária com o nome “Pólo Norte... Pólo Sul... – Notas de literatura”, parte em 1951 para um empreendimento ousado, as Edições Renato Pacheco, ensaio de editora local que, ao encerrar suas atividades, tinha cinco títulos em catálogo: *Fragmentos* (1951), poemas de Antenor de Carvalho; *Cariacica*, ensaio de Omyr Leal Bezerra (1951); *Pretos e brancos: poemas traduzidos* (1952), de Eugênio Sette; *Praça Oito* (1953), crônicas, também de Eugênio Sette; e *Impressões sobre arte* (1955), conferência de Luiz Derenzi.

¹ Uma segunda edição revista pelo autor foi lançada em 1973 pela Fundação Cultural do Espírito Santo.



Cabeçalho do Boletim Âncora.

O cenário cultural em meados da década de 50 em Vitória apresenta tendências divergentes. Nas fileiras da Tradição, o Instituto Histórico e Geográfico do Espírito Santo e a Academia Espírito-santense de Letras continuam em atividade, o primeiro mantendo com persistência a sua *Revista*, a segunda empossando sucessivas levas de imortais em cerimônias revestidas de pompa e circunstância. No entanto, a revista *Vida Capixaba*, depois de mais de trinta anos de presença marcante nesse cenário, será vendida a um grupo que a manterá circulando com grande irregularidade até o final da década, quando se extingue definitivamente. Não se criam espaços similares para a difusão do beletrismo local, que fica circunscrito aos suplementos literários dos jornais. Nas fileiras da Novidade, abre-se, em meados da década, a Livraria Âncora, com grandes expectativas de se tornar um núcleo de divulgação e de debate de idéias. A livraria, de propriedade dos padres pavonianos, gerenciada por Nestor Cinelli (falecido em 2002), mantém o *Boletim Âncora*, “boletim bibliográfico” que conta com a colaboração de “todos os intelectuais do Estado”. O seu número 5, de janeiro de 1960, inclui uma crônica de Carmélia M. de Souza, um poema de Renato Pacheco, uma “Bibliografia do folclore capixaba”, de Guilherme Santos Neves, e uma resenha de *Lolita*, de Vladimir Nabokov, escrita por Jair Dessaune, entre outras colaborações. A livraria promove também um ciclo de palestras aos sábados pela manhã, que se tornou conhecido como as “Sabatinas Âncora”. Torna-se o ponto de encontro dos intelectuais de Vitória, tanto dos veteranos como dos mais jovens: representantes de ambas as correntes proferem palestras nas sabatinas, programa obrigatório das elites intelectuais da cidade. Os intelectuais mais jovens passam a ocupar espaço nos suplementos literários – Luiz Guilherme Santos Neves mantém em *A Gazeta* uma coluna de crítica literária, “Literatura e História”, e Wilson Borges Miguel (falecido em 2000), que publicara crônicas na *Vida Capixaba*, no início dos anos 40, com o pseudônimo Wilson Maranguape, agora publica como Fabrício Lima em *O Diário* – e nas rádios – produzido por Ivan Borgo e Aly da Silva, vai ao ar durante cerca de um ano, pela Rádio Capixaba, um programa radiofônico com o nome euclidiano de “Contrastes e confrontos” (Ivan Borgo descreve a experiência numa das crônicas que publicou com o pseudônimo de Roberto Mazzini) (BORGO, 1995, p. p. 121-124). Lê-se e discute-se a literatura contemporânea, desde Guimarães Rosa a Gustavo Corção, desde Somerset Maugham a Graham Greene, mas a preferência reverente é para o triunvirato dos autores americanos, William Faulkner, John Steinbeck e Ernest Hemingway. Cogita-se da publicação de uma antologia de contos, que incluiria trabalhos de Ivan Borgo, Luiz Guilherme Santos Neves, Wilson Borges Miguel, José Luiz Moreira Cacciari, Renato Pacheco e outros, projeto que não foi adiante.

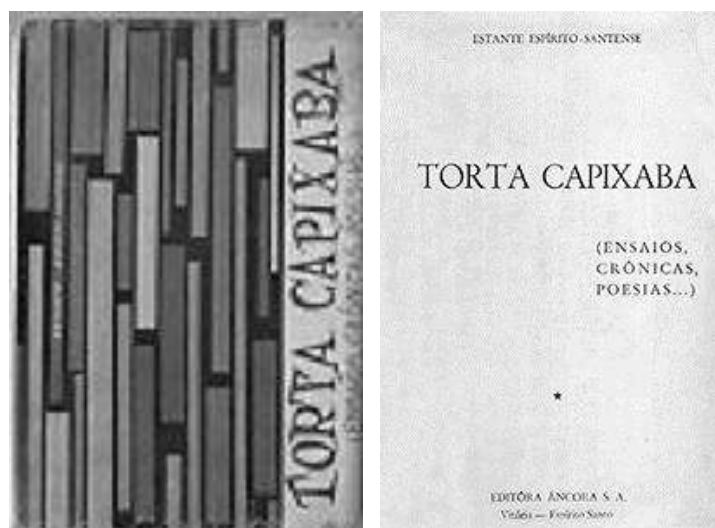
O que os novos não fizeram, fizeram os velhos. Repetindo a ousadia de Renato Pacheco dez anos antes, a Livraria Âncora dá início a uma editora cooperativa, e em 1962 edita, em grande estilo, a coletânea *Torta capixaba*, incluindo onze autores, dez deles membros da Academia Espírito-santense de Letras (Eugênio Sette, a exceção, entraria na Academia mais tarde). O livro é uma miscelânea de ensaios, contos e poemas, assinados por Augusto Lins, Beresford Martins Moreira, Christiano Ferreira Fraga, Eugênio Sette, Eurípedes Queiroz do Valle, Geraldo Costa Alves, Guilherme Santos Neves, José Paulino Alves Júnior, Nelson Abel de Almeida, Renato Pacheco e Ruy Côrtes.

À semelhança do projeto mirabolante da Coleção Autores Capixabas, de João Calazans, o projeto da Editora Âncora era também ambicioso, pois da sua programação editorial constavam quatro coleções, como se lê no prefácio de Antônio Simões dos Reis à *Torta capixaba*:

As coleções programadas dão bem uma noção do trabalho orientado: uma coleção de assuntos capixabas, uma coleção de traduções de livros internacionais, uma coleção de livros didáticos, uma biblioteca das obras dos grandes viajantes que visitaram o Espírito Santo (REIS, 1962, p. 6).

E encerra o prefaciador:

Só nos resta agora apelar para o povo do Espírito Santo, para que nos dê a mão e nos empreste seus olhos atentos, assim atingiremos o seu espírito nesta luta de frutos fartos e vitórias sem mancha. Uma luta só de vitoriosos, com o livro e pelo livro (REIS, 1962, p. 6).



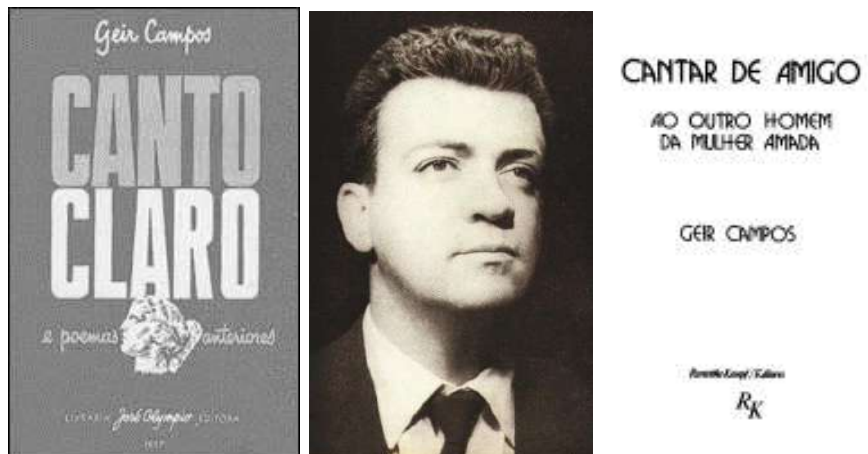
Capa e folha de rosto da coletânea *Torta capixaba*.

Se a Coleção Autores Capixabas, vinte anos antes, ficou no primeiro livro, a programação da Editora Âncora foi um pouco mais longe: ficou no segundo – uma *História do Espírito Santo*, de Maria Stella de Novaes (1894-1981), publicada pela editora já como Fundo Editorial do Espírito Santo, sem indicação de data –, se não contarmos uma ou outra co-edição com a Organização Simões, do Rio de Janeiro.

A coletânea *Torta capixaba* pode ser vista como o canto de cisne da velha geração literária do Espírito Santo, produtora, principalmente, do que se convencionou chamar “literatura do convento da Penha”. A partir daí as coisas começariam, ainda que quase imperceptivelmente, a mudar.

M) A GERAÇÃO DE 45

Geir Campos (1924-1999), nascido em São José do Calçado, radicou-se no Rio de Janeiro e ali se tornou um dos principais representantes do que se convencionou chamar geração de 45. Sua obra poética é bastante vasta, incluindo, entre outros, os livros: *Rosa dos rumos* (1950), *Arquipélago* (1952), *Coroa de sonetos* (1953), *Da profissão do poeta* (1956), *Canto claro & poemas anteriores* (1957), *Tema com variação* (1957), *Operário do canto* (1959), *Canto provisório* (1960), *Cantigas de acordar mulher* (1964), *Cantar de amigo: ao outro homem da mulher amada* (1964), *Metanáutica* (1970), *Canto de peixe & outros cantos* (1977), *Tarefa* (1981, coletânea).



Capa de *Canto claro e poemas anteriores* e *Cantar de amigo ao outro homem da mulher amada*, de Geir Campos.

Publicou também: *Pequeno dicionário de arte poética* (1960, reeditado em 1965 e 1978), *O vestibulo* (1960, reeditado em 1976), contos, e *Conto e vírgula* (1982), contos. Publicou traduções de Rilke, Kafka, Defoe, Brecht, Whitman, Shakespeare e Hesse. Maria Thereza Coelho Ceotto estudou-lhe a obra em *Geir Campos e a geração de 45* (1992).

Expatriada também é **Marly de Oliveira** (1935–), que iniciou na poesia com *Cerco da primavera* (1957). Sua obra poética tem cerca de quinze títulos, entre os quais *Explicação de Narciso* (1960), *A suave pantera* (1961), *A vida natural – O sangue na veia* (1967), *Contato* (1975), *Invocação de Orpheu* (1980), *Aliança* (1980), *A força da paixão & A incerteza das coisas* (1982), *O banquete* (1988), *O deserto jardim* (1990) e *O mar de permeio* (1997). Francisco Aurelio Ribeiro a considera uma legítima herdeira da geração de 45 e a define como cultora da linguagem objetiva e da reflexão (RIBEIRO, 1998, p. 193).



Capa de *A vida natural – O sangue na veia* e *O mar de permeio*, de Marly de Oliveira.

N) AUDÍFAX E DEPOIS: A POESIA DOS ANOS 60 E 70

Em fevereiro de 1963 **José Carlos Oliveira** veio a Vitória para o lançamento de seu primeiro livro, *Os olhos dourados de ódio*, uma coletânea de crônicas (CARVALHO, 1982). Dez anos antes, José Carlos deixara Vitória, sua cidade natal, com uma mão na frente, outra atrás, para tentar a carreira de escritor no Rio de Janeiro. Retornava agora na condição de cronista do *Jornal do Brasil*, aclamado, ao lado de Rubem Braga, como um dos grandes cultores do gênero no país.

José Carlos pertencia à mesma geração que muitos dos jovens promissores da década anterior – Ivan Borgo, Luiz Guilherme Santos Neves, Aly da Silva, Audífax Amorim, entre outros. Fora ele a única promessa que frutificara: sempre quis ser escritor, e era. Os demais se tinham transformado em pais de família e andavam ocupados em ganhar a vida, deixando a literatura para quando Deus desse bom tempo. Exceção era Audífax de Amorim (1933-1964) que, embora pai de família como os outros, continuava publicando poemas e crônicas nos jornais de Vitória, principalmente no semanário *Sete dias*. Inovador por excelência, Audífax, segundo Oscar Gama Filho, “renovou a poesia capixaba com a sua ânsia de experimentar novas formas e suas incursões pelo Concretismo” (GAMA FILHO, 1990, p. 559).



Auto-retrato e capa de *Poemas*, de Audífax de Amorim.

Sua morte aos 31 anos interrompeu uma carreira totalmente fora dos padrões vigentes na literatura local. Seu único livro, *Poemas* (1982), resulta do esforço de José Augusto Carvalho para reunir seus poemas inéditos e aqueles publicados em jornais e dar-lhes forma definitiva.

Na esteira de Audífax, uma geração de novos poetas tentava sacudir as rígidas estruturas da poesia capixaba em busca de inovação. Xerxes Gusmão Neto (1942–), então estudante na Faculdade de Direito, Cláudio Antônio Lachini (1941–), diretor do jornal da Faculdade, *Jus*, e Carlos Chenier de Magalhães (1938-1989), dublê de poeta e pintor, ligados pelo inconformismo diante da estagnação cultural capixaba, resolveram promover a I Semana dos Novos, uma espécie de reedição da Semana de Arte Moderna de 22 que, segundo eles, não chegara ao Espírito Santo. A Semana, realizada em fevereiro de 1963 na Faculdade de Filosofia, com apoio do Departamento de Educação e Cultura da Ufes, incluiu conferências e leituras de poemas de vanguarda, seguidas de debates, além de apresentações musicais; entretanto, nenhum dos escritores convidados – Ferreira Gullar, Geir Campos e José Carlos Oliveira (este último presente em Vitória para o lançamento do seu primeiro livro) – compareceu (CARVALHO, 1982).

A esse primeiro evento seguiu-se um Seminário Cultural da Juventude Capixaba, em abril. De mais prático, o que se conseguiu foi a adesão de outros poetas de vanguarda – Domingos de Azevedo, Zélia Stein, Newton Copolillo – e o convite de Jeová Barros, então presidente do que restava da Academia Capixaba dos Novos, para uma aliança. Embora tivessem participado das reuniões da Academia, os poetas de vanguarda acabaram por criar uma ala própria, o Clube, ou Grupo, do Olho, publicando seus trabalhos na “Coluna dos Novos” no semanário *Folha Capixaba*. Segundo Oscar Gama Filho, esse grupo literário produziu um manifesto que, “dotado de preocupações estéticas e sociais, apesar de escrito, nunca foi publicado na íntegra” (GAMA FILHO, 1990, p. 559). Como os jovens intelectuais de uma década antes, também se discutiu a possibilidade de publicação de uma antologia, tendo havido contatos em Vitória, com a Editora Âncora, e no Rio. A antologia, que reuniria poemas de Xerxes Gusmão Neto, Carlos Chenier, Cláudio Lachini, Olival Mattos Pessanha, Fernando Tatagiba, Renato Viana Soares, Ronaldo Alves, Domingos de Azevedo, Sérgio Régis e Arlindo Castro Filho, três poemas de cada, não chegou a se transformar em livro.

O advento da ditadura militar, em 1964, contribuiu para inibir esses poetas novos, quase todos eles adeptos de ideologias de esquerda; muitos deles saíram de Vitória, como Cláudio Lachini, Renato Soares, Sérgio Régis e Arlindo Castro Filho. Quem reaparece no cenário da poesia nessa época é o príncipe dos poetas capixabas de 1947, **Geraldo Costa Alves**, que publica *Cem quadras* em 1965 e *A árvore* em 1966; deste último disse José Augusto Carvalho:

Poemas de grande beleza, alguns de exaltação cívica de raro lirismo, em que a árvore é tema único em seus múltiplos aspectos. Mesmo as imagens superconhecidas e as comparações superexploradas aparecem aqui com rara felicidade, sem lugares-comuns chocantes. O objetivo fundamental da obra é condenar a destruição sistemática de nossas reservas florestais (CARVALHO, 1967, p. 74).

No sul do Estado, a partir de 1960, **Evandro Moreira** (1939–) publica livros de poesia numa linha tradicionalista, como *A lenda das rosas* (1960), *Cárcere de almas* (1965), *A outra face do espelho* (1966), a que se seguiriam, nas décadas seguintes, *Operário morto* (1974), *Cantempo* (1978), *Ofertório* (1981) e *Taça vazia* (1983). Já **Kátia Bento** (1941–), também do sul do Estado (Castelo) mas radicada no Rio de Janeiro, publica alguns livros de poesia mais sintonizada com as vanguardas da época, como *O azul das montanhas ao longe* (1968), *Principalmente etc.* (1972), *Romanceiro de Amuia* (1980) e *Contrafala* (1982).



Evandro Moreira e Kátia Bento.

Em 1967, quando a Universidade Federal do Espírito Santo lança o primeiro número de sua *Revista de Cultura* (de que, nessa primeira fase, só saíam sete edições), Cláudio Lachini é o diretor-assistente da revista. A seção de literatura desse primeiro número inclui um poema seu e outro de Xerxes Gusmão Neto, além de ensaios de José Augusto Carvalho (“De Kafka a Rubião”) e de Dieter Woll (“Influência de Nietzsche e Schopenhauer no *Canaã* de Graça Aranha”). Na seção de resenhas, José Augusto Carvalho faz o registro do melhor que se publicou no Espírito Santo entre 1965 e 1967: quinze títulos, de autoria de Margarida Pimentel, Ciro Vieira da Cunha, Levy Rocha, Geraldo Costa Alves, Samuel Duarte, Neida Lúcia Moraes, Evandro Moreira, Clóvis Ramallete e Augusto Lins, entre outros. Prosa, a maior parte.

Em 1967 uma entidade de nenhuma tradição na área de literatura, o Museu de Arte Moderna do Espírito Santo, toma a iniciativa surpreendente de se propor a editar uma antologia de poetas capixabas. Quem o anuncia é José Augusto Carvalho, que deu à iniciativa a medida exata de seu valor:

Os nomes que nela se incluem, alguns claudicantes ainda na expressão de suas idéias, são mais do que poetas. São todos eles nomes de valor e de mérito. Se, às vezes, o valor e o mérito não se exprimem em ato, exprimem-se em potência, pela força de vontade, pelo idealismo. Não é fácil produzir nem criar num ambiente estéril, provinciano, falho de recursos, desprezado pelas autoridades. A verdadeira poesia, o verdadeiro grande poema que cada um desses poetas escreveu, não está na Antologia, mas na luta para que a Antologia seja publicada. E se a Antologia for publicada, não o será para elevar seus nomes e poemas em letras de forma, numa vaidade despudorada, mas para mostrar aos que vivem, e aos que viverão, em

Vitória, que alguma coisa foi feita para, mesmo precariamente, tirar o Espírito Santo da fossa da Idade Média (CARVALHO, 1967b).

A cautela e o ceticismo de José Augusto Carvalho tinham razão de ser. A antologia do Museu de Arte Moderna do Espírito Santo não passou, como tantas outras, da intenção.

1967 é o ano em que toma posse como governador do Estado um dos membros da velha Academia Capixaba dos Novos, Cristiano Dias Lopes Filho, que ali se destacara como implantador, no Espírito Santo, da Campanha Nacional dos Educandários Gratuitos. Cristiano fora assessor de Jones dos Santos Neves durante a administração deste; ao assumir o governo, começou a pôr em prática o seu próprio plano de desenvolvimento para o Espírito Santo. Foi ele quem criou as condições infra-estruturais para a instalação do Centro Industrial de Vitória que serviriam, posteriormente, para atrair para o Estado os chamados Grandes Projetos – a Companhia Siderúrgica de Tubarão, a Aracruz Celulose, e outros mais – que mudariam a face do Espírito Santo, social e economicamente, de forma irreversível. As consequências dessa revolução industrial no Estado não podiam deixar de atingir o setor cultural, como acentua Oscar Gama Filho:

Com a implantação do capitalismo, surgiu – principalmente em Vitória – o capital cultural industrial, que permitiu a estruturação de um aparelho ideológico cultural dinâmico e definitivo. Pela primeira vez em sua história, o movimento cultural capixaba se tornou ininterrupto, melhorando em qualidade e aumentando em número de manifestações. Nasce, a partir de Dias Lopes, a Fundação Cultural do Espírito Santo, a Editora da Fundação Ceciliano Abel de Almeida/Ufes, a Editora Ímã e as revistas *Sim*, *Letra*, *Ímã* e *Cuca* (GAMA FILHO, 1991, p. 110).

Essas consequências ainda levariam alguns anos para se fazerem sentir. Ao final da década, em 1968, um grupo de poetas encabeçados por Olival Mattos Pessanha (1946-1993) e Fernando Tatagiba (1946-1988) cria o Clube de Poesia do Movimento Artístico Capixaba, que promove quatro recitais de poesia (na linha do movimento Catequese Poética, de Lindolf Bell, segundo José Augusto Carvalho), o último dos quais em setembro de 1971. Do terceiro recital, realizado em 29 de março de 1969 no salão nobre da Faculdade de Filosofia (Fafi), com declamação a cargo do Grupo Geração, foi impressa, em mimeógrafo, uma antologia, com introduções assinadas por José Augusto Carvalho (“A poesia é necessária?”) e Olival Pessanha (“Há lugar para a poesia neste mundo despoetizado?”). Participam da antologia Xerxes Gusmão Neto, Ronaldo Alves, Domingos Azevedo, Delano Câmara, Izabel Helena de Oliveira, Amílcar Haddad Alves, Fernando Tatagiba, Miguel Depes Tallon, Freddy Guimarães, Cláudio Lachini, Carlos Dorsch, Carlos Chenier e Olival Pessanha (ANTOLOGIA, 1969).

Em 17 de dezembro de 1972, numa promoção do Serviço de Turismo da Prefeitura de Vitória, com apoio da Fundação Cultural do Espírito Santo, foi realizada no Teatro Carlos Gomes uma montagem de textos de poetas capixabas, a que se deu o nome de *Ultimato*. A montagem incluiu os seguintes autores: Olival Pessanha, Fernando Tatagiba, Osmar Silva, Carlos Chenier, Bernadette Lyra, Wanda Santos Sily, Walter Brumatte, Joel Laranja, Antônio Roberto Simões, João Amorim Coutinho, José Luiz do Amaral e Fernando

Achiamé. É mais uma vez de Olival Pessanha a apresentação, lançada em termos poético-dramáticos, com o título *Ultimato*:

lutar pela vida, para os homens
 abrir caminhos por entre a cidade sitiada e o tempo morto
 para plantar esperanças e nascentes no poente
 colher o filho do povo e a mulher do povo
 para um sonho eterno e terno nascer do pão repartido
 ser mão e irmão no ultimato dos mesmos ideais
 a empunhar punho ou afago diante do inevitável
 a poesia é gênero de primeira necessidade:
 coma poesia! use poesia! consuma poesia! antes que acabe!
 não é o estar-na-vida que faz do homem um ser vivente ou
 SOBvivente: é a fome de vida é o insaciável nada
 pregamos apenas este prego em nós mesmos
 na nossa poética violada de todos os dias adiados
 não temos senão a paisagem como cúmplice
 de nossas vontades inconsumadas
 e aqui lançamos o ultimato poético contra
 o desamor, a violência, a indiferença, a fome, o silêncio,
 o medo, a chama apagada, a fuga e a mentira
 o lugar é este, agora e sempre, e nós somos
 os escolhidos para o ultimato do último amor... (PESSANHA et ali.,
 1972).

Na década de 70 os poetas capixabas vão encontrar apadrinhamento na Fundação Cultural do Espírito Santo (criada em 1968, durou até 1980, quando se transformou em Departamento Estadual de Cultura, hoje Secretaria Estadual de Cultura), que em 1973 promoveu um concurso para tentar “reunir o melhor da poesia que o capixaba de todo o Espírito Santo está produzindo hoje”. O concurso teve, na comissão julgadora, Maria Tereza Lindenberg Coelho Ceotto, representando a Ufes; Xerxes Gusmão Neto, representando o Clube de Poesia do Espírito Santo; Gilson Sarmento, representando a Fundação Cultural; e, como convidados especiais, os escritores Geir Campos e José Augusto Carvalho. Foram selecionados 16 poetas, a maioria deles constituída por nomes jovens. Seus poemas, antes de serem reunidos em livro publicado em 1974 com o título prosaico de *Poetas do Espírito Santo*, foram interpretados em público pelos Jograis da Fundação Cultural, “tendo obtido”, segundo se lê na apresentação da coletânea, “entusiástica acolhida do público em geral e especialmente dos estudantes de 2º grau e universitários”. São os seguintes os 16 autores: Bernadette Lyra, Carmem Lúcia Có, Delano Câmara, Delton Souza, Fernando Achiamé, Joaquim Beato, Joel Laranja, José Irmo Gonring, José Luiz Teixeira do Amaral, José Maria Coutinho, Julmar Cruz da Fonseca, Luiz Fernando Tatagiba, Mariângela Pellerano, Rita de Cássia Fernandes Rosa, Roberto Almada e Ruy Côrtes. Dentre eles, Ruy Côrtes aparecia como representante isolado da Academia Espírito-santense de Letras, enquanto outros sete (se aí incluirmos José Irmo Gonring) tinham vivido a era dos recitais do Clube de Poesia. Bernadette Lyra e Fernando Tatagiba (na prosa de ficção) e Roberto Almada (na poesia) se revelariam como autores de ponta na década seguinte. José Irmo Gonring publicaria seu primeiro livro de poesia (*A água dos dias e o curso do rio*) somente em 1989, enquanto **Fernando Achiamé** (1950–) publicou o seu, *A obra incerta*, somente em 2000, com recursos da Lei Rubem Braga. Os demais não deram continuidade à sua obra poética ou, se deram, não divulgaram.

Dentre os autores que partiram para a publicação em livro na década de 70 está **Sebastião Maciel de Aguiar** (1952–) que, com *A sede de cada dia*, publicado em 1970, dá início a uma série de livros de poesia que prossegue com *Remanso em velhos rumos* (1971), *O anjo acidentado* (1972), *Andança* (1977), *A poeira do tempo* (1978), *Porto das águas e das mágoas* (1979), *A toada do barabandi* (1980) e *O labirinto das horas* (1982), além da antologia *Poemas para a liberdade* (1991). A poesia de Maciel de Aguiar, em que se notam com frequência características da poesia popular, como o paralelismo, tem profundas raízes no legado cultural familiar e capixaba – sobretudo do norte do Estado: Conceição da Barra e São Mateus –, sem perder de vista referências estéticas e históricas do mundo exterior. Dela disse Jorge Amado: “Sua poesia carrega a angústia e a esperança do dia de hoje: ‘a cólera, a anarquia e o consolo’, porque o poeta sabe que ‘amanhã é o dia que faltava no mundo’. Uma poesia madura, sumarenta e generosa” (AMADO, 1982). E Assis Brasil: “Um jovem poeta como Maciel de Aguiar, o que procura fazer, independente, é aproveitar o que chamo de ‘tradição nova’, para marcar o seu próprio mundo poético, com os recursos de uma linguagem simples, coloquial e não menos inventiva” (ASSIS BRASIL, 1982).

Paralelamente, Xerxes Gusmão Neto publica *Poesias de Xerxes* em 1977 pela Fundação Cultural do Espírito Santo; **Renato Viana Soares** (1944–) publica *Poesia seqüestrada* em 1978 em Portugal, onde se auto-exilara, e *Sentido da volta* em 1982 em Vitória.

Nos últimos anos da década de 70 os jovens poetas capixabas – em sua maior parte pertencentes à geração subsequente à dos recitais – vivem um clima de efervescência criativa que se traduz em vários projetos e atividades, alguns deles dirigidos à viabilização de alternativas editoriais. Em 1978 Oscar Gama Filho criou a Associação Cooperativa de Escritores Capixabas, destinada a viabilizar a publicação dos seus afiliados, dentre os quais se encontravam Miguel Marvilla, Marcos Tavares, Benilson Pereira, Gilson Soares e outros. A iniciativa não teve sucesso, mas inaugurou, com encontros na Aliança Francesa, a era das oficinas literárias. Subseqüentemente, alguns desses poetas passam a divulgar seus trabalhos por meio de edições marginais mimeografadas. Benilson Pereira inicia, com *Expressão poesias* (1978), uma longa série de publicações alternativas que o tornarão conhecido como o mais ativo autor marginal do Espírito Santo. Oscar Gama Filho e Miguel Marvilla, depois de uma primeira experiência em parceria, *De amor à política* (1979), partem para publicações individuais: Oscar publica *Congregação do desencontro* (1980); Miguel, *A fuga e o vento* (1980) e *Exercício do corpo* (impresso sem data de edição, saiu em 1981). Marginais, sim, mas desejosos da chancela acadêmica. José Augusto Carvalho, doutor em Letras pela USP, prefacia o livro de Oscar; Tânia Chulam, mestre em Comunicação pela UFRJ, prefacia *Exercício do corpo*, de Miguel; ambos são, na época, professores do Departamento de Línguas e Letras da Ufes. Também no final da década Valdo Motta, poeta que deixará marcas profundas na literatura do Espírito Santo, inaugura com *Pano rasgado*, de 1979, uma série de publicações alternativas que culminará em 1984 com *Salário da loucura*.

A par disso, esses e outros poetas continuam aproveitando todo e qualquer

espaço impresso para a divulgação de seus poemas, desde jornais diários como *A Gazeta* e *A Tribuna*, até revistas como a *Revista de Cultura* da Ufes, além, naturalmente, de participarem dos concursos promovidos pela Ufes e outras instituições, onde sempre lhes cabe, pelo menos, uma menção honrosa, que depreciam como “menção honorosa”. Oscar Gama Filho descobre outros meios de divulgação, como a “exposição poético-plástica de arte ambiental” intitulada *Varais de edifícios*, que promoveu em 1978. Atraído pelo teatro, escreve e encena duas tragicomédias, *A mãe provisória* (1978) e *Estação Treblinka Garden* (1979).

Na “primavera de 1978” **Jairo de Britto** (1952–) lança, com João Amorim Coutinho, a revista *Sim* – revista de contos e poesia, com parênteses para ensaios, resenhas, depoimentos etc. – de que saíram dois números. No que chamou “Pré-fácil”, escreveu ele, com muito bom-senso, modéstia e sinceridade:

A ideia é simples e antiga: reunir poemas e contos de capixabas; guardar espaço para ensaio, resenha ou entrevista; selecionar material estrangeiro para eventual publicação e reservar também espaço para um contista convidado a cada número.

A execução não é tão simples: temos que investir em tempo e dinheiro. Não pretendemos um compromisso maior com a periodicidade, embora cultivemos a discreta proposta de uma publicação trimestral. A seleção do material é parcial: publicamos aqui o que eu e Amorim gostamos. O que acreditamos ser significativo nas letras capixabas contemporâneas. Sem preconceitos mas com nítida reserva – lemos diariamente péssimos poemas e contos medíocres. Entre nós e alhures. Infelizmente, o bem fazer literário não é uma mera questão de gosto, coisa que, ao contrário de muitos, acho bastante discutível. Diria que tão discutível quanto a conveniente baboseira da “imparcialidade editorial”.

A pretensão não é grande: mas gostaríamos que *Sim* resultasse numa antologia útil do que por aqui se escreve. E sabemos que isso seria possível num mínimo de dez edições. Gostaríamos também de contar com uma opção de leitura de ficção que não pretenda ser panfletária nem parnasiana, como muitas daquelas que nos atravessam o caminho e que facilmente se perdem no pobre mar das boas intenções. Assim, espero que *Sim* frutifique. Na primeira vez que pensei em editar uma revista de ficção me associei a um amigo. Um artista das artes gráficas que sem dúvida enriqueceria qualquer publicação no Brasil ou no exterior, como aliás o fez. Corria o ano da desgraça de 1974 e Hélio Dutra morreria no ano seguinte. O projeto foi engavetado, outras tentativas resultaram frustradas e finalmente *Sim* chega às suas mãos, pobre e pequena, porém decente. Aos contistas e poetas aqui reunidos devemos esta homenagem.

Leia, *Sim*? (BRITTO, 1978).

Na terceira capa, João Amorim Coutinho assina um “pós-fácil” que ressoa como um depoimento típico dos *angry young men* da época:

Em 1973, eu e Rubinho Gomes iniciamos uma proposta editorial que morreu no número zero. Tratava-se de “A ilha”, uma publicação cheia de sonhos e contradições, que não deu em nada e não poderia mesmo dar. É claro que saiu um número, Carmen Miranda na capa, no corpo

Caetano, Augusto, David Bowie e até Akira Kurosawa, deu muito comentário, grilos e ressentimentos.

E, provavelmente, só.

Em 1978, tudo isso não importa mais, agora os caminhos são outros, embora as pedras sejam as mesmas. Agora, *Sim*, cinco anos depois, as estrelas são outras: Carlos Chenier, Fernando Tatagiba, Amylton de Almeida, João Amorim Coutinho, Bernadette Lyra, Osmar Silva, Jairo de Britto, Olival Pessanha, José Irmo Gonring, Paulo Torre. Esses estão, há pelo menos 10 anos, escrevendo duro. Em geral, legítimos filhos da festiva e fervilhante década dos 60. E são os que de verdadeiramente significativo tem a moderna (e viva) literatura capixaba. Dos nossos dias. Por isso, serão os obrigatórios habitantes desse espaço chamado *Sim*. Porque mantêm-se ativos, na labuta literária. Porque realmente escrevem, esperam, acreditam, a literatura está no fundamental de suas vidas. Há ainda outros, como Xerxes Gusmão Neto, Carmélia, Paulo de Paula, Milson Henriques, Arlindo Castro, Luiz Tadeu Teixeira, Ewerton Guimarães e poucos, bem poucos além.

No mais, a quase totalidade [da] minoria alfabetizada dos 1,5 milhões de capixabas gostam de escrever: um poema, uma crônica, um algo qualquer sem classificação de gênero. E podem até publicar, de vez em quando lemos coisas assim. Mas não significa nada, nada. Que me desculpem possíveis bons inéditos que pode haver por aí. Se existem, que apareçam pois. Que vençam los toros, que essa arena é nossa. Sem morrer de medo, porque hoje, *Sim*, há prenúncio de primavera no ar (COUTINHO, 1978).

O primeiro número divulgou contos de João Amorim Coutinho, Álvaro José Silva, Fernando Tatagiba e Bernadette Lyra, e poemas de Carlos Chenier, Jairo de Britto, Osmar Silva e José Irmo Gonring, além de um ensaio de Paulo de Paula sobre tradução de Cecília Meirelles e de um conto de Jeferson de Andrade como autor convidado.

O segundo número, lançado no “inverno de 1979”, com “pré-fácil” em duas partes, assinadas por um e outro editor, incluiu contos de Paulo Eduardo Torre, Jayme Santos Neves e, como autora convidada, Maria Amélia Mello, e poemas de Xerxes Gusmão Neto, Roberto Almada, Olival Mattos Pessanha e Arlindo Castro Filho, além de um excerto de romance (“ainda sem nome”) de Amylton de Almeida.

E foi só.

O) A REDESCOBERTA DO ROMANCE E OUTROS SINAIS DE PROSA NOS ANOS 60 E 70

O primeiro sinal de mudança na prosa de ficção capixaba quem anuncia é Renato Pacheco. Com a publicação, em janeiro de 1964, de seu romance *A oferta e o altar*, pela editora carioca GRD, Renato Pacheco ao mesmo tempo reintroduz na literatura local um gênero literário praticamente intocado desde o século XIX e inaugura o moderno romance regional capixaba, além de garantir a edição do seu livro por uma editora de grande centro. Fato é que, desde os

anos 30, a Editora Pongetti, do Rio de Janeiro, agasalhava autores capixabas sob sua égide, mas eram, quase todas, senão todas, edições financiadas pelos autores, esquema que Renato Pacheco consegue subverter mediante um contrato profissional entre editora e autor.



Renato Pacheco e capa de *A oferta e o altar* e *Fuga de Canaã*.

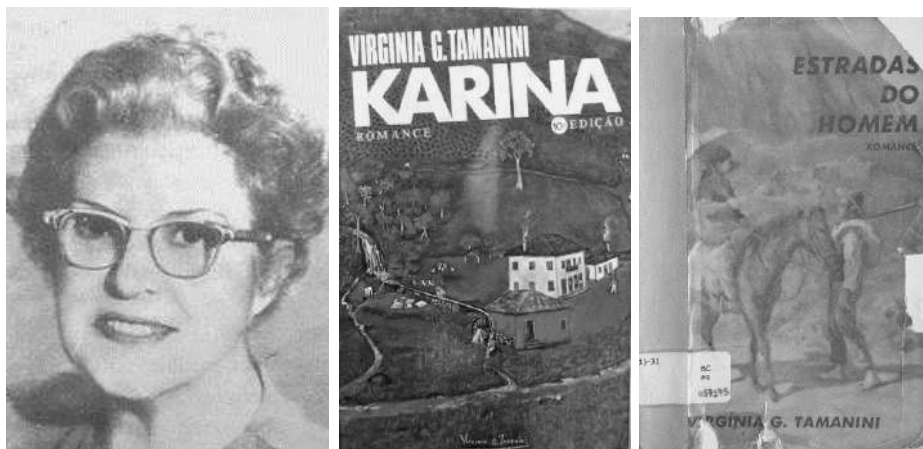
Renato Pacheco (1928–2004) iniciara-se como poeta, com *Poesia entressonhada* (1947), a que deu sequência bem mais tarde com *Presente de Natal para três pessoas simples* (1968). Valendo-se de seu olhar de sociólogo, de um conhecimento enciclopédico sobre o Espírito Santo, e de sua passagem, como juiz de direito, por diversos municípios do Estado (dentre eles Conceição da Barra e Santa Leopoldina), dedicou-se a criar uma obra de interpretação ficcional do Espírito Santo, de que fazem parte: *A oferta e o altar* (1964; reeditado em 1973 e, com duas tiragens, em 1983); *Fuga de Canaã* (1981); *Reino não conquistado* (uma trilogia, 1984, composta por *O manuscrito de Joseph Koster*, *Portal de ouro* e *Folhas ao vento*, de que a primeira e a terceira parte foram publicadas em folhetim em *A Tribuna*, respectivamente entre 18 de maio e 7 de setembro de 1980 e entre 26 de julho e 29 de novembro de 1981). Mais recentemente vem-se dedicando à literatura juvenil, tendo publicado *Eu vi nascer o Brasil* (1997, de que saíra uma edição alternativa, com o título *Vilão farto*, em 1991) e *Tião Sabará* (1999), este último em parceria com Luiz Guilherme Santos Neves. Numa tríptica parceria com o mesmo Luiz Guilherme e com Reinaldo Santos Neves, produziu três textos informativos sobre o Espírito Santo, patrocinados, respectivamente, pela Companhia Vale do Rio Doce, Xerox do Brasil e Chocolates Garoto: *Espírito Santo: Impressões* (1991), *Espírito Santo: Brasil* (1994) e *Vila Velha de Nossa Senhora da Penha* (1997). É também autor de uma *Antologia do jogo de bicho* (1957). Quanto à sua retomada da poesia, veja-se o item “A década de 80: poesia”.

No mesmo ano em que foi lançado *A oferta e o altar*, 1964, **Virgínia Tamanini** (1897-1990), que até então se dedicara à poesia e ao teatro, lançou um romance também na linha regionalista, *Karina*. A autora valeu-se de todo um acervo de informações familiares sobre a imigração italiana em terras do Espírito Santo para compor esse romance, que se tornou imediatamente um clássico capixaba, tendo tido onze edições até 1985 e, em 1980, uma tradução para o italiano pelo

Museo degli Usi e Costume della Gente Trentina S. Michele All'Adige, Trento.
Segundo Luiz Busatto,

o romance *Karina* é um repositório altamente significativo de toda uma ideologia do sistema cultural italiano. Uma das marcas mais importantes deste sistema, por exemplo, está na imagem da 'nonna'. A 'nonna' sempre tem uma autoridade moral maior que nenhum homem, sobretudo nos momentos cruciais. [...] Impulsiva, Karina é primária pela autenticidade. Acredita em si, na sua intuição, nas suas estratégias e até na sua força física. É uma mulher de bem consigo mesma e que luta para estar de bem com o mundo. Mas a rudeza exterior não anula sua visão frequentemente política e sentimental da vida (BUSATTO, 1994).

Na mesma linha temática a autora publicou um segundo romance, *Estradas do homem*, em 1977.



Capa de *Karina* e *Estradas do homem*, de Virgínia Tamanini.

Levy Rocha (1916–2004), mais conhecido pela sua numerosa produção na área de história do Espírito Santo – *Viagem de Pedro II ao Espírito Santo* (1960; reeditado em 1980); *Crônicas de Cachoeiro* (1966); *Os Vieira da Cunha e o jornal “O Martello”* (1969); *Viajantes estrangeiros no Espírito Santo* (1971; reeditado em 1972); *De Vasco Coutinho aos contemporâneos* (1977) – publicou um romance regionalista, *Marapé* (1978).

Outros romancistas surgidos na década de 60 são Armando Oliveira Santos, Margarida Pimentel (1936–), Samuel Duarte (1934–) e Neida Lúcia Moraes (1929–), que exploram, em quase todos os seus romances, temáticas urbanas. **Armando Oliveira Santos** publicou *Targo* (1961), memórias de um cão de circo (obra inspirada, provavelmente, em Jack London), e uma biografia romanceada, *Solar de Itaparica* (1963); **Margarida Pimentel** publicou os romances *Apenas um homem* (1965) e *Adultério sem flagrante* (1968), além de um livro de crônicas, *Vento macho* (1967); **Samuel Duarte** é autor do romance *Ilha de fim de mar* (1966). Os dois primeiros não publicaram outras obras; Samuel Duarte, depois de um longo hiato de 35 anos, publicou um segundo romance, *As duas faces de Eros* (2001). **Neida Lúcia Moraes** foi, dos quatro, quem manteve uma regularidade de produção. Sua obra novelística inclui *Olhos de ver* (1968), que pode ser classificado como romance regionalista, *Sete é número ímpar* (1971), *Simbiose* (1987), além dos romances

de ambientação histórica *O mofo no pão* (1994), traduzido para o romeno, e *O sentido da distância* (1997).

O grande acontecimento dos anos 60, portanto, é a redescoberta do romance. O autor capixaba perde, por assim dizer, o medo desse gênero literário, desmistifica-o e dessacraliza-o. A partir de Renato Pacheco, outros autores, principalmente dentre as fileiras mais jovens, escolherão o romance como gênero principal de seus projetos literários ou chegarão a ele como sequência natural de suas experiências com o conto. E mais: quase todos os autores capixabas de prosa de ficção nas décadas subseqüentes tentarão realizar seus projetos dentro das propostas da modernidade.

Já no início dos anos 70, **Amylton de Almeida** (1946–1995) e **Reinaldo Santos Neves** (1946–) publicam prosa de ficção buscando fugir aos padrões convencionais de estrutura e linguagem. Amylton publica, em 1972, em edição independente, o romance *Blissful agony*, e no mesmo ano conclui sua obra-prima, *Autobiografia de Hermínia Maria*, romance que só seria editado em 1994. Em 1977 publica um terceiro romance, *A passagem do século*.



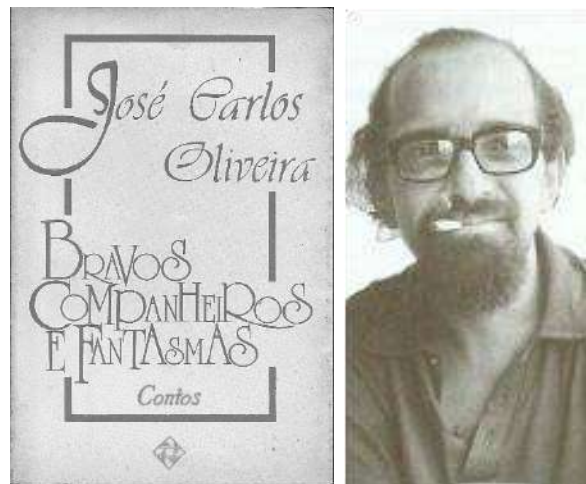
Capa de *Blissful agony* e *Autobiografia de Herminia Maria*, de Amylton de Almeida.

Reinaldo estréia em 1971 com *Reino dos medas*, que em 1973 lhe valeu menção honrosa no Prêmio Nacional de Ficção, do Instituto Nacional do Livro, na categoria obra publicada. No final da década, em 1978, publica seu segundo romance, *A crônica de Malemort*, em que desenvolve uma proposta de recuperação da linguagem portuguesa arcaica, mediante um simulacro de crônica medieval.

Um terceiro autor que estréia no romance nessa década é **José Augusto Carvalho**, com *A ilha do vento sul* (1973). Todos eles buscam e conseguem editar seus livros em centros maiores (no caso de Amylton, *A passagem do século*), ainda que por editoras de menor expressão.

Radicado no Rio de Janeiro desde 1952, **José Carlos Oliveira** (1934-1986), cronista emérito do *Jornal do Brasil*, estréia no romance em 1972 com um texto de grande força dramática e poética, *O pavão desiludido*, cujos capítulos, no entanto, podem ser lidos como crônicas autônomas. José Carlos continuará nas trilhas do romance com *Terror e êxtase* (1977), que ganhou versão cinematográfica, *Um novo animal na floresta* (1979) e *Domingo 22* (1984), além do livro de contos *Bravos companheiros e fantasmas*, publicado postumamente.

em 1986, no qual se dá o capricho de incluir um prefácio escrito por uma de suas personagens, Iael Askasuna. Em vida José Carlos publicou três livros de crônicas selecionadas: *Os olhos dourados do ódio* (1962), *A revolução das bonecas* (1967) e *O saltimbanco azul* (1979); o *Diário da patetocracia: crônicas brasileiras 1968* foi organizado e publicado postumamente em 1995. Em 1999 Jason Tércio publicou *Órfão da tempestade: A vida de Carlinhos Oliveira e da sua geração, entre o terror e o êxtase*, biografia fundamental do homem por trás e por entre o escritor.



Capa de *Bravos companheiros e fantasmas*, de José Carlos Oliveira.

Como cronista, uma das grandes vozes a surgir no final dos anos 50 e a consolidar-se na década seguinte foi a de **Carmélia Maria de Souza** (1936-1974), que publicava em jornais textos em que alternava a melancolia e o deboche. Suas crônicas foram reunidas por Amylton de Almeida no livro póstumo *Vento sul* (1976), editado pela Fundação Cultural do Espírito Santo. Dela disse Francisco Aurelio Ribeiro:

Vivendo intensa e apaixonadamente a contestação da juventude dos anos 60, Carmélia personifica o espírito dessa geração de transição dos 'anos dourados' do pós-guerra aos 'anos rebeldes' dos revolucionários de 68. [...] Suas crônicas refletem o lado sobretudo humano da vida, que estava sendo massacrado pela tecnocracia que se implantava num país dominado pelos militares e pela cultura norte-americana. Carmélia escrevia com a paixão, o coração, mais do que com a razão. Suas crônicas não são só jornalísticas mas, principalmente, repletas de sentimento de abandono, ódio, amor, compaixão (RIBEIRO, 1998, p. 64).



Capa de *Vento sul*, de Carmélia M. de Sousa.

Também cronista, **Marcos Alencar** (1946–) começou a escrever em jornais de Vitória em 1968, publicando em 1978 *Três anos de chorinho: retrato crítico de uma época, em branco e preto e sem retoques*, a que se seguiria mais tarde *Adoráveis peruas* (1990). Nos anos 90 Marcos Alencar se torna cronista de *A Gazeta* e reúne em *Aceita um lexotan?* (1996), publicação da Secretaria de Turismo da Prefeitura de Vitória, crônicas publicadas entre 1991 e 1995 naquele jornal. Seu livro seguinte, *O segredo da grã-fina* (2000), também de crônicas, saiu pela Divisão Cultural da Gráfica Espírito Santo.

A Fundação Cultural do Espírito Santo, que dera algum apoio aos poetas capixabas com a publicação da antologia de 1974, fez o mesmo com os contistas do Estado ao editar, em 1979, a *Antologia dos contistas capixabas*. Em sua apresentação, o diretor presidente da Fundação, Marien Calixte, anuncia mais um “projeto de edições de livros, que se tornou viável em virtude de um convênio com a Fundação Ceciliano Abel de Almeida, da UFES, que se responsabiliza pela composição e impressão das obras” (CALIXTE, 1979, p. 5). Explica ele, a seguir, que a seleção dos contistas da antologia se baseou em dois concursos de contos realizados pela Fundação nos dois anos anteriores, mais um texto de Rubem Braga (a crônica “Aula de inglês”), como convidado especial. Além de Rubem Braga, estão presentes na antologia Jayme Santos Neves, Fernando Tatagiba, Miriam Leitão, Carlos Chenier, Paulo de Paula, Carmen Schneider Guimarães, Álvaro José Silva, Bernadette Lyra e Marien Calixte.

A imprensa de Vitória, nessa década, procurou fazer um pouco mais do que abrir-se como espaço passivo para o autor local. Na edição de *A Gazeta* de 4 de setembro de 1977 editorial do Caderno Dois anuncia que,

a partir de hoje, estamos abrindo as portas para autores novos inéditos. A exigência é apenas ‘uma mente arejada’, para ser selecionado e ter seu trabalho publicado. [...] Está aberto, portanto, o Caderno Dois para universitários, bancários, escriturários, motoristas, balconistas, enfim a todos os escritores novos capixabas (A GAZETA, 1977).

Em duas páginas reeditaram-se vários textos em prosa de autores novos publicados no Caderno Dois, “numa homenagem à abertura desse suplemento ao escritor novo inédito, a quem nunca negamos valor, mas por quem agora decidimos lutar juntos” (A GAZETA, 1977). Os autores incluídos na

“homenagem” são Bernadette Lyra, João Amorim Coutinho, Carlos Chenier, Álvaro José Silva, Oscar Gama Filho, Lauro Antônio Puppim e José Maria Batista, este último participando com uma reportagem, como “um exemplo de um estilo jornalístico, seguro, preciso e humano, antimanchete e por isso mesmo literário” (A GAZETA, 1977).

QUINTA PARTE A MODERNIDADE



P) A ÉPOCA ÁUREA: OS ANOS 80

Na introdução ao seu *Panorama das letras capixabas*, publicado em 1982 na *Revista de Cultura* da Universidade Federal do Espírito Santo, José Augusto Carvalho assim se referia à literatura feita no Espírito Santo:

A literatura no Espírito Santo, conseqüentemente, não vive: não tem uma existência atuante e pode ser ignorada totalmente por um brasileiro culto. Os nomes capixabas que atuam nacionalmente pouco ou nada têm em comum com o Espírito Santo, a não ser, na maioria das vezes, o acaso do nascimento. Nosso Estado não surgiu nas suas obras como surgiu Minas Gerais, por exemplo, na poesia de Carlos Drummond de Andrade, ou na prosa de Guimarães Rosa, ou como surge a Bahia nas histórias de Jorge Amado, ou o Pará (Marajó), nos romances de Dalcídio Jurandir. Ainda se vive, em terras capixabas, na órbita cultural do Rio de Janeiro. Vislumbra-se, todavia, na moderna geração de intelectuais, um sentimento regionalista, sequioso de transformações, favorecido pela existência de um teatro local, de uma universidade nova, porém atuante, e de uma editora, que muito tem trabalhado pela difusão da cultura: a editora da Fundação Ceciliano Abel de Almeida, vinculada à Universidade Federal do Espírito Santo (CARVALHO, 1988).

A Universidade Federal do Espírito Santo, de que fala José Augusto Carvalho, fora criada em 1954 como universidade estadual, sendo federalizada em 1961. Pouco fizera, até então, pelo desenvolvimento cultural local em termos editoriais; uma revista de cultura, criada em 1967, circulara com grande irregularidade, e foi só. O processo cultural estimulado pela Universidade se fazia nas salas de aula, nos corredores das escolas, nas festas de sábado à noite na Faculdade de Filosofia.

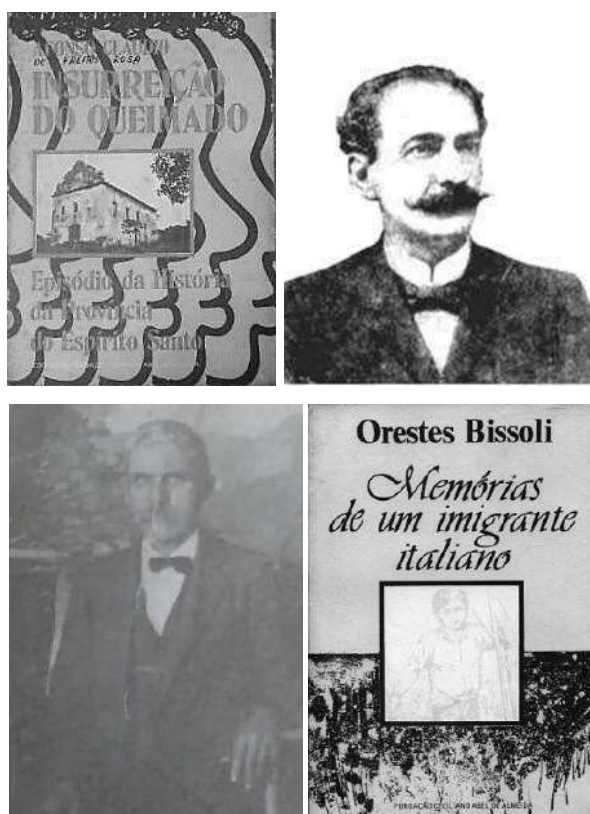
Em 1978 foi criada a Fundação Ceciliano Abel de Almeida, vinculada à Ufes, tendo como um dos seus objetivos principais, que logo realizou, instalar a imprensa universitária. A primeira medida de caráter editorial da Fundação foi repor em circulação, com perfil marcadamente jornalístico, a *Revista de Cultura* da Ufes.



Capas dos n. 21, 22 e 23 da *Revista de Cultura* da Ufes.

A seguir, em novembro de 1978, saiu o primeiro livro editado pela imprensa universitária, uma coletânea, *Estudos em homenagem a Ceciliano Abel de Almeida*. Comemorava-se nesse ano o centenário de nascimento do patrono da Fundação, o engenheiro Ceciliano Abel de Almeida (1878-1965), primeiro reitor da universidade em sua fase estadual e autor de um livro de memórias, *O desbravamento das selvas do rio Doce* (1959; reeditado em 1978), incluído na Coleção Documentos Brasileiros, da José Olympio Editora, com prefácio de Luís da Câmara Cascudo.

A diretriz inicial da Fundação foi a publicação de obras de importância para o conhecimento do processo de evolução sócio-econômico do Espírito Santo. Criou-se então a Coleção Estudos Capixabas, em que saíram, como primeiros títulos, as *Memórias de um imigrante italiano*, de Orestes Bissoli, e uma reedição da *Insurreição do Queimado*, de Afonso Cláudio.



Capa de *Insurreição do Queimados*, de Afonso Cláudio, e *Memórias de um imigrante italiano*, de Orestes Bissoli.

Três fatores determinaram a incorporação de obras literárias à linha editorial da FCAA: a) a presença, no comando do setor editorial da Fundação, de Reinaldo Santos Neves, Renato Pacheco e Oscar Gama Filho, escritores estreitamente ligados à literatura de ficção; b) a atmosfera de intensa criatividade por parte dos autores locais, sem opções formais de divulgação de seus textos; c) a pressão por parte da imprensa local, liderada, nesse particular, por Amylton de Almeida. Criou-se assim, na FCAA, a Coleção Letras Capixabas, destinada à publicação de obras literárias de autores capixabas. *O sol no céu da boca*, um livro de contos de Fernando Tatagiba, inaugurou a coleção em 1980, seguido imediatamente por outro livro de contos, *As contas no canto*, de Bernadette Lyra, em 1981. Este

livro, premiado em 1975 com menção especial no Concurso Fernando Chinaglia, continuava inédito até então. A esses seguiram-se, até 1989, outros 38 títulos.

Essa biblioteca de 40 volumes abrange todos os gêneros – romance, conto, poesia, crônica e sátira –, incluindo reedições de autores clássicos como Azambuja Susano e Mendes Fradique, textos de autores consagrados como Renato Pacheco, Rubem Braga, José Carlos Oliveira e Amylton de Almeida, e autores novos, revelados nessa coleção, como Fernando Tatagiba, Bernadette Lyra, Valdo Motta, Luiz Guilherme Santos Neves, e tantos mais. A maior parte dos autores capixabas hoje em atividade na literatura foi revelada nessa coleção ou aí publicou um ou mais livros. Francisco Aurelio Ribeiro analisou detidamente o significado da Coleção Letras Capixabas no contexto da literatura feita no Espírito Santo (RIBEIRO, 1993, p. 53-65).

Nº	TÍTULO	AUTOR	GÊNERO	ANO
01	<i>O sol no céu da boca</i>	Fernando Tatagiba	Conto	1980
02	<i>As contas no canto</i>	Bernadette Lyra	Conto	1981
03	<i>Fuga de Canaã</i>	Renato Pacheco	Romance	1981
04	<i>Poemas</i>	Audifax de Amorim	Poesia	1982
05	<i>Poetas do Espírito Santo</i>	Elmo Elton (org.)	Poesia	1982
06	<i>Cantar de amigo</i>	Geir Campos	Poesia	1982
07	<i>A nau decapitada</i>	Luiz Guilherme S. Neves	Romance	1982
08	<i>Nas raízes do grito</i>	Flávio Sarlo	Poesia	1982
09	<i>Tigres de papel</i>	Sebastião Lyrio	Conto	1983
10	<i>O jardim das delícias</i>	Bernadette Lyra	Conto	1984
11	<i>Reino não conquistado</i>	Renato Pacheco	Romance	1984
12	<i>A possível fuga de Ana dos Arcos</i>	Adilson Vilça	Conto	1984*
13	<i>As mãos no fogo: o romance graciano</i>	Reinaldo Santos Neves	Romance	1983
14	<i>Grammatica portugueza pelo methodo confuso</i>	Mendes Fradique	Sátira	1984
15	<i>Interiores</i>	Paulo Roberto Sodré	Poesia	1984
16	<i>Crônicas do Espírito Santo</i>	Rubem Braga	Crônica	1984
17	<i>O bicho antropeide</i>	Luiz Busatto	Poesia	1985
18	<i>Rosa dos ventos</i>	Gilson Soares	Poesia	1985
19	<i>Cantos de Fernão Ferreiro</i>	Renato Pacheco	Poesia	1985
20	<i>Cantáridas e outros poemas fesceninos</i>	Paulo Velloso e outros	Poesia	1985
21	<i>Vitória 25</i>	Carlos Chenier	Poesia	1985
22	<i>O pais d'el Rey e A casa imaginária</i>	Roberto Almeida	Poesia	1986*
23	<i>Rua</i>	Fernando Tatagiba	Cr�nica	1986
24	<i>Bravos companheiros & fantasmas</i>	Jos� Carlos Oliveira	Conto	1986
25	<i>Pus</i>	S�rgio Blank	Poesia	1987
26	<i>No escuro armados</i>	Marcos Tavares	Conto	1987
27	<i>Batendo na porta errada</i>	Debson Afonso	Conto	1986
28	<i>O despedaçado ao espelho</i>	Oscar Gama Filho	Poesia	1988
29	<i>Diga adeus a Lorna Love</i>	Francisco Grij�	Conto	1987*
30	<i>Eis o homem</i>	Valdo Motta	Poesia	1987
31	<i>A baixa de Matias</i>	Azambuja Susano	Novela	1988
32	<i>Blissful agony</i>	Amilton de Almeida	Romance	1988
33	<i>O desejo aprisionado</i>	Deny Gomes	Poesia	1988
34	<i>Nada de novo sob o n�on</i>	Sebastião Lyrio	Conto	1988
35	<i>Os mortos estão no living</i>	Miguel Marvilla	Conto	1988
36	<i>O deus do trovão</i>	Ivan de L. Castilho	Conto	1988
37	<i>Lhec�dio: gravuras de Sherazade na penúltima noite</i>	Paulo R. Sodré	Romance	1989*
38	<i>Sueli</i>	Reinaldo Santos Neves	Romance	1989
39	<i>Lição de labirinto</i>	Miguel Marvilla	Poesia	1989*
40	<i>Um outro pa� para Alice</i>	Francisco Grijó	Conto	1989



15

Fatores paralelos contribuíram para que a década de 80 visse um despertar da atividade literária no Espírito Santo, mais especificamente em Vitória. Um deles – tendo também a Ufes como agente dinamizador – foi a política de estímulo à criação literária adotada pela Coordenação de Literatura da Sub-Reitoria Comunitária. Atuou-se aí em duas linhas simultâneas: os concursos e as oficinas literárias. É sintomático que, dos oito autores premiados no II Concurso Universitário de Contos – realizado em 1980, tendo na comissão julgadora João

¹⁵ O gráfico e os livros da coleção constam no artigo “A série Letras Capixabas: uma contextualização”, de Francisco Aurelio Ribeiro [2005], atualizado e publicado no site Tertúlia, dirigido por Pedro J. Nunes.

Antônio, Deny Gomes e Bernadette Lyra –, nada menos que seis estivessem destinados a se destacar no correr da década como editados na Coleção Letras Capixabas da FCAA: Adilson Vilaça, Miguel Marvilla e Ivan de Lima Castilho, classificados em primeiro, segundo e terceiro lugares, respectivamente, e Debson Afonso, Marcos Tavares e Sebastião Lyrio, premiados com menções honrosas. Todos eles, à exceção de Ivan Castilho, eram alunos de cursos da Ufes na época (COORDENAÇÃO, 1980). Paralelamente, foi realizada uma série de oficinas literárias pela professora Deny Gomes, das quais participaram alunos de Letras e jovens da comunidade interessados no ofício da literatura. Esse projeto, que teve seu embrião no I Seminário de Produção do Texto Literário, promovido em 1981 pela Coordenação de Literatura (então dirigida por Deny Gomes) da Sub-Reitoria Comunitária da Ufes, e que se institucionalizou a partir de 1982 como projeto da Sub-Reitoria e do Departamento de Línguas e Letras da Ufes, deixou pelo menos três registros impressos nessa década: *Ofício da palavra* (1982), contendo trabalhos realizados durante o Seminário de 1981, *Traços do ofício* (1983), contendo textos de oficina literária realizada em 1982, e *Toques* (1984), contendo textos de uma oficina de poesia realizada em 1984. Três dos “graduados” da oficina literária de 1982 – Francisco Grijó, Paulo Roberto Sodré e Valdo Motta – vão ser encontrados, mais tarde, na Coleção Letras Capixabas.

Outro fator foi a atividade de um grupo de sete autores, autodenominado Grupo Letra, que procurou movimentar o cenário das letras em Vitória, primeiro por meio de um suplemento literário (“Letra”) veiculado em nove edições dominicais de *A Tribuna* no ano de 1980, e em seguida por meio de uma revista, igualmente denominada *Letra*, de que saíram sete edições, entre 1981 e 1987. Fechada quase exclusivamente aos membros do grupo em seus quatro primeiros números (em alguns criou-se espaço para “convidado especial”), a revista se abre nos três últimos para abrigar, ao lado de autores consagrados, muitos dos jovens iniciados nas oficinas literárias coordenadas por Deny Gomes.



Capas da revista *Letra*.

A revista *Letra* de 1981 abre com o “Manifesto do Grupo Letra”, redigido por Oscar Gama Filho e assinado por todos os componentes do grupo:

As raízes do *Grupo Letra* encontram-se na página *Letra*, publicada dominicalmente, durante alguns meses, no jornal *A Tribuna*. Já naquela época, *Letra* era constituído por um grupo fixo de pessoas afetiva e intelectualmente ligadas. Com o término da página, alguns membros de afastaram do convívio intenso mantido até então,

enquanto que outros, por conviverem mais assiduamente, não alteraram o costume do debate diário, feito em círculo menor, mas por isto mesmo, mais condensado e mais espesso.

Algumas idéias nos unem:

– Não vemos por que o Espírito Santo deva estar asfixiado por Bahia-Minas-Rio. Vitória é a segunda mais antiga dentre as capitais do país (precedeu as cidades do Rio de Janeiro e de São Paulo), só perdendo para Salvador. Somos anteriores a Minas, contemporâneos do Rio e da Bahia, e mais antigos, em nossos quatro séculos e meio, do que boa parte dos estados restantes. Drummond já confessou que o “espírito de Minas” foi inventado a partir da (e pela) geração modernista mineira. Na qualidade de artistas, fazemos parte do único grupamento social, o dos criadores, capaz de poder inventar ou um espírito capixaba ou uma consciência de raça (ambos conceitos abstratos que transcendem a realidade científica das miscigenações). Ainda mais que eles já existem, esquecidos em séculos guardados em velhos arquivos, em bibliotecas, e em manuscritos empoeirados. No mínimo, de certo modo, não ter traços característicos já seria um traço característico.

– Nosso grande auxiliar na difícil tarefa de iluminar o passado é a ânsia de enciclopedismo que se manifesta com mais vigor do que nunca, não só em alguns de nossos membros, mas na própria sociedade capixaba. Assim, consideramos que não basta apenas fazer arte. O movimento artístico capixaba, desde Anchieta, sempre existiu. Verdade é que nem sempre o gesto conseguiu se realizar com toda força de que seria capaz. Mas tal não se deu por falta de conhecimento de sua origem, das posições que o seu deslocamento o levou a ocupar no espaço, e do sentido do movimento finalmente esboçado.

– Portanto caminhamos com ousadia e inovações para o futuro apenas porque estamos solidamente firmados pelo passado demolido e pelo passado a ser preservado.

– A teoria é esterco imprescindível a qualquer movimento cultural. Repugna, no entanto, a muitos teóricos da prática, o que só confirma sua imprescindibilidade. Não é possível fazer arte do século XX sem se saber até que ponto o que foi feito no passado permite ou se revoluciona com a execução da proposta formal de determinada obra.

– *Letra* não se opõe a nada nem a ninguém que seja co-habitante, ativo ou não, do espaço da criação. Antes acha que o que pode fazer, junto com o que podem fazer os demais artistas do Estado, é vital para todos. Não nos opomos às academias porque sabemos ser esta atitude elitista pelo avesso, na medida em que marginaliza pessoas detentoras de considerável patrimônio cultural. Não nos opomos às chamadas vanguardas porque sabemos que os paramentos ortodoxos de que se revestem são preciosos por trazerem a crise e o irracionalismo, fundamentais para a compreensão do fato artístico, do fato humano, e do fato histórico. Isso não quer dizer que não estamos na vanguarda ou nas academias: pelo contrário.

– Somos a favor do artista capixaba criando na sua terra natal. É melhor ser poça no deserto do que lago no Rio.

– Finalmente, em um Estado oprimido pela miséria, pela injustiça, pelas guerras que o envolvem, pelo consumismo, pela mecanização do homem, pela superficialidade dos meios de comunicação de massa,

pelo supercientificismo, achamos que a grande tarefa da arte é ser reserva do humano, de forma a oferecer ao homem o lastro cultural de que necessita para se reconhecer como individualidade capaz de transformar o mundo (GAMA FILHO et al., 1981).

O número 5 da revista, lançado em 1985, incluiu o texto “Invenção do Escritor Residente”, de José Carlos Oliveira, que na época desenvolvia na Ufes o Projeto Escritor Residente, de sua própria concepção. De posse de um exemplar da revista, José Carlos escreveu, numa das faces de um envelope da Fundação Ceciliano Abel de Almeida, o seguinte comentário:

Os autores — veteranos e novatos, já publicados e até aqui inéditos — me surpreenderam, antes de tudo, pela limpidez do texto. Mesmo quando os temas se oferecem ao tratamento escabroso — tanto em algumas ficções quanto em alguns poemas — as palavras se agarram a uma cristalina distância desses abismos. Como se não houvesse água turva nessas amostras de alma capixaba. Dito de outra maneira: como se as opressões habituais — da sociedade lá fora, do ego neurótico aqui dentro — estivessem ausentes na hora em que esses escritores escrevem. Do ponto de vista da saúde mental, não se podem desejar melhores provas. Mas a turbulência, que também seria saudável, não comparece a essa festa de estilos. E só pode haver um motivo para a serenidade que aqui substitui a turbulência: é a indiferença da cidade.

Ora, essa indiferença, feita de pura — para não dizer inocente — inércia, deve ser vencida, do contrário a produção literária não florescerá. O primeiro gesto contra a indiferença, em minha opinião, será o rompimento, pelos autores, dos estreitos limites em que se movimentam. Eles devem experimentar o conto e o poema de maior extensão: maior número de parágrafos e estrofes.

Devem, então, levar a escrita a um espaço mais largo, menos bem comportado, e principalmente obscuro. Um pequeno salto no FORMATO DESCONHECIDO.

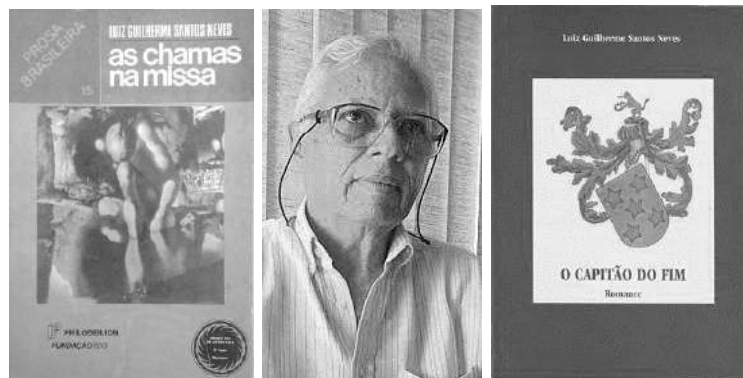
Aposto que então a turbulência surgirá, e as palavras ficarão turvas, tensas, descontentes. É desse descontentamento que a literatura se alimenta; e só essa literatura assim alimentada poderá sacudir os indiferentes (OLIVEIRA, 1985).

Esse número da revista incluía, além do texto de José Carlos, poemas de Roberto Almada, Maria de Lourdes Brandão Fonseca (1958–), Miguel Marvillá, Paulo Roberto Sodré, Gilson Soares, Valdo Motta, Luiz Busatto e Carlos Chenier, e contos de Ivan Borgo, Marcos Tavares, Fernando Tatagiba, Francisco Grijó, Regina Célia Cerri Silva (1965–), Aldi Corradi Tristão (1962-1986), Anilton Trancoso (1959–), Mária Santos Neves (1963–), Paulo Roberto Ceotto (1962–), e Sinval Paulino (1964–), bem como o primeiro ato de *A mãe provisória*, tragicomédia de Oscar Gama Filho.

Q) A DÉCADA DE 80: PROSA DE FICÇÃO

Os principais autores capixabas de prosa de ficção na década de 80 são os seguintes:

– **Luiz Guilherme Santos Neves** (1933–) iniciou sua atividade literária em 1978 com uma peça de teatro, *Queimados*, inspirada na revolta de escravos ocorrida em 1849 na localidade de Queimados, na Serra. Professor de História do Espírito Santo na Ufes, toda sua obra ficcional, executada com extremo apuro formal, tem pano de fundo histórico: *A nau decapitada*, seu primeiro romance, publicado em 1982 na Coleção Letras Capixabas, parte de episódio relatado por um dos presidentes da província em meados do século XIX para criar uma aventura de cunho picaresco em que compõe um painel detalhado da sociedade provincial; *As chamas na missa*, que mereceu menção honrosa em concurso promovido pela Fundação Rio, e que foi publicado em 1986 e reeditado em 1998, trata de uma suposta visita da Santa Inquisição a uma Vitória do período colonial; *Torre do delírio: contos eróticos e fantásticos*, inspirado em *O livro dos seres imaginários*, de Jorge Luis Borges, é de 1992; *Escrivão da frota*, de 1997, reúne as crônicas que publicou na revista *Você* com o pseudônimo de Luís de Almeida; *Crônicas da insólita fortuna*, de 1998, incluem 21 narrativas envolvendo, cada uma delas, um personagem histórico do Espírito Santo colonial; *O templo e a força*, de 1999, é uma releitura em formato de romance do episódio de Queimados; o romance *O capitão do fim*, de 2001, tem como tema a vida dramática do primeiro donatário da capitania do Espírito Santo, Vasco Fernandes Coutinho. Luiz Guilherme é autor, ainda, de *História de Barbagato* (1996), literatura infantil, e, em parceria com Renato Pacheco, de *Tião Sabará* (1998), destinado ao público juvenil.



Capa de *As chamas na missa* e *Capitão do fim*, de Luiz Guilherme Santos Neves.

– **Bernadette Lyra** (1938–) estreou em livro em 1981 com os contos de *As contas no canto*, a que se seguiu em 1983 outro livro de contos, *O jardim das delícias*, ambos incluídos na Coleção Letras Capixabas. A partir daí, Bernadette Lyra rompe as fronteiras do Estado para atingir um público leitor de âmbito nacional com *Corações de cristal ou A vida secreta das enceradeiras* (1984), contos, *Aqui começa a dança* (1985), novela, *A panelinha de breu* (1992), romance, *Memórias das ruínas de Creta* (1997), romance, e *Tormentos ocasionais* (1998), romance. Bernadette Lyra é uma das grandes representantes da vertente pós-moderna da literatura brasileira, a partir de sua preferência por tramas instigantes, com intrincado jogo de referências e alusões, e por sofisticadas estruturas narrativas. Segundo Oscar Gama Filho, sua linguagem concisa fornece cor e música às palavras, de maneira a torná-las cortantes o bastante para rasgar e desmontar o estranho paraíso de seus textos. Tratando dos seus dois primeiros livros de contos, escreveu Francisco Aurelio Ribeiro:

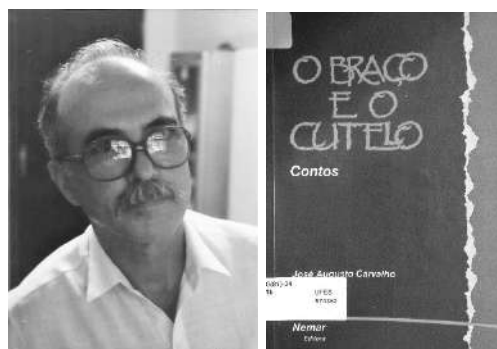
O que predomina em sua temática é: a negação do amor, a ironia pura e simples, o deboche às convenções sociais da classe média e pequena burguesia, a amargura, a solidão, o 'nonsense' do cotidiano, [...], a dissimulação, o isolamento do homem preso na ilha de si mesmo, a descrença no futuro como utopia. Elabora-as em figuras recorrentes, trabalhando-as numa linguagem simples, sem neologismos ou arcaísmos, hiper-real, extremamente concisa, limpa de qualquer artifício linguístico ou metalingüístico e, sobretudo, ferina. Seu humor não se disfarça, como o machadiano, antes agride como o humor antropofágico de Oswald de Andrade (RIBEIRO, 1993, p. 152).

Paralelamente, Bernadette Lyra se destaca como intelectual de ponta, pelos seus trabalhos acadêmicos de sólida fundamentação semiótica e pelas suas profundas reflexões sobre a arte cinematográfica, como o comprovam os ensaios sobre o cinema de Júlio Bressane – *A nave extraviada* (1995) – e de Pedro Almodóvar – *Urdidura de sigilos* (1996).



Capa de *A panelinha de breu* e *Tormentos ocasionais*, de Bernadette Lyra.

– **José Augusto Carvalho** (1940–), mineiro de nascimento, radicado no Espírito Santo, publicou os romances *A ilha do vento sul* (1973) e *Candaína* (1984), além de *O braço e o cutelo* (1993) e *Órfã de filha* (1993), ambos livros de contos.



Capa de *O braço e o cutelo*, de José Augusto Carvalho.

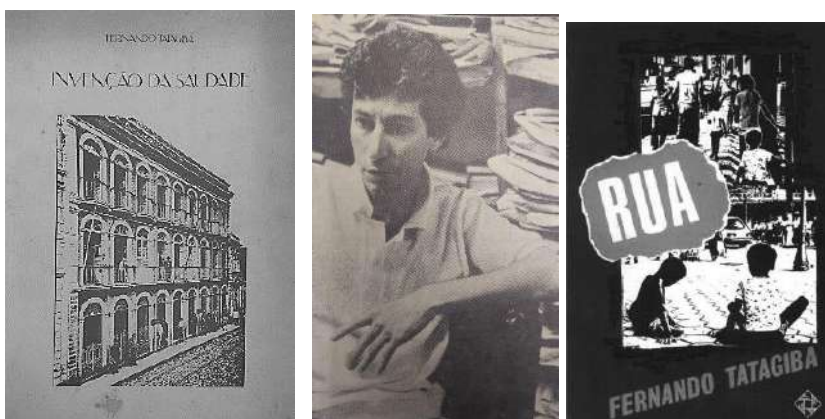
– **Antônio Carlos Neves** (1944–), formado em direção de cinema e televisão pela Academia de Artes Cinematográficas de Moscou, tem papel destacado na história do teatro do Espírito Santo. Publicou os romances *Outra vez a esperança* (1982) e *Um lugar sem importância* (1993), dedicando-se mais tarde à literatura juvenil, com *Terror nas sombras* e *Hipergame: a máquina do terror*.

– **Amylton de Almeida** (1946-1995) foi um dos principais nomes da cultura capixaba nas últimas décadas do século. Sua atuação se fez sentir em diversas áreas, desde o teatro até o romance, desde a crítica cinematográfica ao vídeo e ao próprio cinema, desde o jornalismo até a militância política. Publicou em 1972, em edição independente e tiragem reduzida, o romance *Blissful agony*, reeditado em 1988 na Coleção Letras Capixabas; a ele se seguem outros dois romances, *A passagem do século* (1977) e *Autobiografia de Hermínia Maria* (1994), romance escrito originalmente em 1972. Deste último disse Deny Gomes que,

apesar de só ter sido (infelizmente) publicado vinte anos depois de escrito, funciona, na trilogia romanesca de Amylton de Almeida, como a matriz dos temas, do tratamento formal experimentalista dado a eles, da recuperação e personalização de textos de outros escritores, por meio do diálogo intertextual, e como afirmação de um talento poderoso e independente, que acreditava, assim como Sartre, que o mundo só importa na medida em que se converta em tinta impressa em páginas coladas (GOMES, 1999, p. 27).

Já Oscar Gama Filho definiu que, “no mergulho com que tenta captar a angústia e a alma de sua geração e do mundo, Amylton de Almeida usa como trajes alegorias, sensibilidade, senso trágico, técnicas modernas e angústia social” (GAMA FILHO, 1990, p. 559).

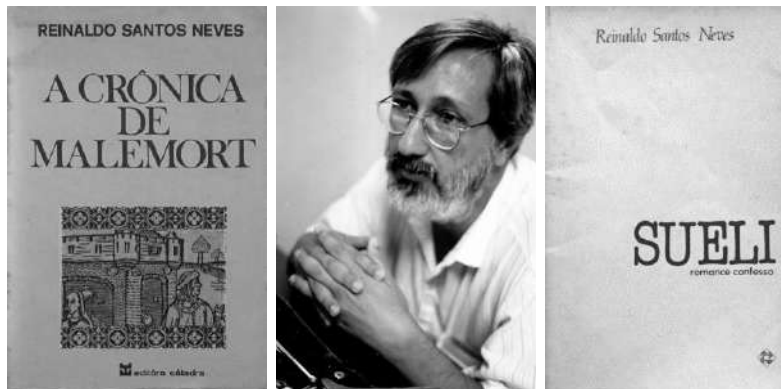
– **Fernando Tatagiba** (1946-1988) publicou um livro de contos, *O sol no céu da boca* (1980), com que se inaugurou a Coleção Letras Capixabas, e dois livros de crônicas, *Invenção da Saudade* (1982) e *Rua* (1986), este último na coleção acima citada. Foi um mestre da história curta, ambientando seus textos em um clima de realismo mágico, nostalgia e entusiasmo pela experimentação das possibilidades formais do espaço gráfico. É também autor de *História do cinema capixaba* (1988) e de *Um minuto de barulho e dois poemas de amor* (1994), poesia, este último póstumo.



Capa de *Invenção da saudade* e *Rua*, de Fernando Tatagiba (foto de Joecyr Secreta).

– **Reinaldo Santos Neves** (1946–) estreou com o romance *Reino dos medas* (1971), a que se seguiram outros três romances, *A crônica de Malemort* (1978), *As mãos no fogo: o romance graciano* (1984) e *Sueli: romance confesso* (1989), os dois últimos na Coleção Letras Capixabas, e um livro de contos, *Má notícia para o pai da criança* (1995), publicado como encarte no

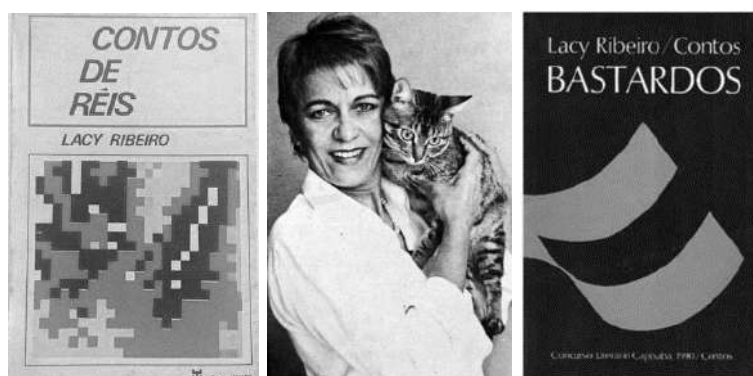
jornal *A Gazeta*, dentro do projeto Nossolivro. Publicou, ainda, *Poema graciano*¹⁶, *Muito soneto por nada* (1998), poesia, e *A confissão* (1999), novela.



Capa de *A crônica de Malemort* e *Sueli: romance confesso*, de Reinaldo Santos Neves.

Na composição de seus textos, Reinaldo Santos Neves utiliza em larga escala recursos como intertextualidade e metalinguagem: em *A crônica de Malemort*, romance ambientado na Idade Média, propôs-se recuperar a linguagem portuguesa arcaica como linguagem literária moderna; em *As mãos no fogo*, em contraponto com a descrição da decadência de uma família burguesa do Espírito Santo, há todo um jogo de citações, referências e alusões, principalmente relativas à poesia ibérica tradicional, ao folclore capixaba e a autores clássicos e modernos; em *Sueli* todo o romance é construído sobre uma estrutura metalingüística; e em *Má notícia para o pai da criança*, cada um dos nove contos apresenta uma releitura, em termos de forma e conteúdo, de uma história versificada do romancista tradicional.

– **Lacy Ribeiro** (1948–2013) publicou *Contos de réis* (1986), contos; *Avenida República* (Diário na madrugada) (1987), crônicas; *Rocks e baladas de Marcos Furtado* (1991), romance; e *Contos bastardos* (1991), contos.



Capa de *Contos de réis* e *Bastardos*, de Lacy Ribeiro.

– **Álvaro José Silva** (1950–), presente na *Antologia dos contistas capixabas*, da Fundação Cultural, publicou em 1986 *Um dia diferente dos outros*, contos, pela mesma Fundação, então transformada em Departamento Estadual de Cultura.

¹⁶ Publicado na revista *Letra*, n. 2, de 1982.

Em 2000, publicou o romance *Madrugada em Piedade*, que, inspirado em fatos verídicos, tem como temas a criminalidade e a violência, culminando em linchamento de presos.

– **Adilson Vilaça de Freitas** (1956–), mineiro de nascimento, veio ainda criança com a família para Ecoporanga, no Espírito Santo, radicando-se no Estado a partir de então. Em 1983, ganhou o Concurso Literário da Fundação Ceciliano Abel de Almeida com o livro de contos *A possível fuga de Ana dos Arcos*, publicado pela FCAA no ano seguinte. Além desse livro, publicou: *Espiridião e outras criaturas* (1987), contos; *Purpurina e outras desfolias* (1992), contos; *Trapos* (1992), novela e contos; *Albergue dos querubins* (1996), romance; *A derradeira folia* (1996), contos; *A mulher que falava pássaros* (1996), novela; *O lugar das conchas* (1997), romance; *Cotaxé* (1997), romance; *Quando eu era beija-flor* (1998), contendo os contos publicados em *Trapos*, com alterações; *Memórias do primeiro tempo* (1999), contos e crônicas; *Coração ilhéu* (1999), romance-folhetim originalmente veiculado na “home-page” da Prefeitura de Vitória; *Carinhos de solidão lilás* (1999), contos; e *A ceia dos querubins* (2000), uma nova edição reestruturada do seu romance *Albergue dos querubins*. Escreveu ainda o roteiro para o filme *Cotaxé*, de Joelzito Araújo, baseado em seu romance com o mesmo título. Em toda sua obra de ficção Adilson Vilaça utiliza, fundamentalmente, temas da história e da cultura capixabas.



Capa de *Albergue dos querubins* e *Cotaxé*, de Adilson Vilaça.

Segundo Oscar Gama Filho, Adilson “mune-se de antíteses, paradoxos, modernidade, denúncia social e talento narrativo para transubstanciar magicamente a neo-realidade que descreve” (GAMA FILHO, 1990, p. 560). Francisco Aurelio Ribeiro assim descreve a obra de Adilson Vilaça:

Sua literatura, um misto de realismo documental, recriação histórica e um forte apelo ao imaginário e à fantasia, além de um labor artesanal, que torna seu discurso característico da narrativa pós-moderna ou neobarroca, revelam uma qualidade artística pouco comum nos escritores brasileiros contemporâneos. Superando a tentativa de fazer da literatura obra de ‘denúncia’ das contradições sociais, comum nos anos setenta, e buscando o compromisso com a literariedade, a principal marca do trabalho com a linguagem, Adilson Vilaça utiliza vários recursos das conquistas literárias da modernidade: o diálogo entre os textos; o embasamento do literário no discurso mítico, no filosófico e no metafísico; o inter-relacionamento Ficção/História; o enfoque centrado no processo narrativo, na figura do narrador e no

diálogo narrador/narratário; o humor, a ironia, a paródia, provocando a reflexão crítica; o saber/sabor da linguagem (RIBEIRO, 1999, p. 27).

– **Marcos Tavares** (1957–) publicou apenas um livro de contos, *No escuro, armados* (1987), na Coleção Letras Capixabas, além de grande número de poemas dispersos em revistas e jornais. Todo texto de Marcos Tavares comprova o seu esmerado trabalho de fusão de forma e conteúdo, a par de sua quase obsessiva preocupação com a linguagem.



Capa de *No escuro, armados*, de Marcos Tavares.

Radicado, por razões de carreira profissional, em Dorcas do Rio Preto, no sudoeste do Estado, Marcos Tavares está presentemente afastado da literatura. Segundo Francisco Aurelio Ribeiro, o livro de contos de Marcos Tavares “revela uma escritura extremamente cerebral, em que a tônica é a auto-referencialidade, uma reflexão sobre o fazer literário e um questionamento da instância produtora da ficção” (RIBEIRO, 1993, p. 112).

– **Sebastião Lyrio Loureiro** (1958–) publicou dois livros de contos, *Tigres de papel* (1983) e *Nada de novo sob o néon* (1988), ambos na Coleção Letras Capixabas. Oscar Gama Filho entende que Sebastião Lyrio

usa do intertexto – sob a forma de paródia – como uma forma de permitir que seus textos sejam invadidos pela civilização do consumo e pelos desencantos e descaminhos de sua geração. Sua técnica narrativa – que realmente “prende” o leitor – deve muito à montagem cinematográfica e ao estilo *noir* de Dashiell Hammett e Raymond Chandler (GAMA FILHO, 1990, p. 560).

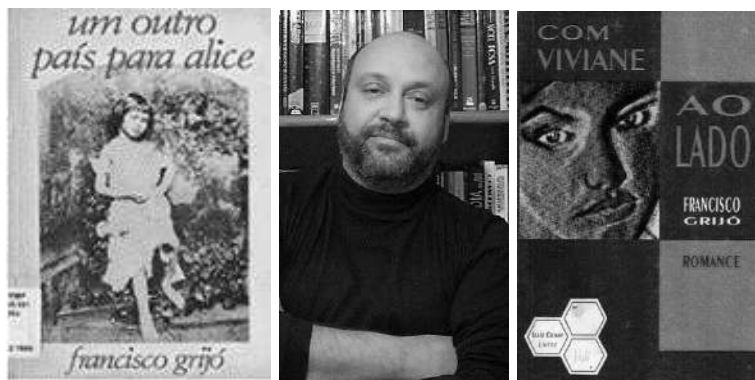
Na orelha de *Nada de novo sob o neon*, Bernadette Lyra conclui que Sebastião Lyrio

maneira seus contos com a esmerada dissimulação de um pirata, com a técnica astuta de um falsário que, jogando de viés com o empréstimo, o desvio, a citação de outros estilos, modela sua própria ourivesaria que se serve de tudo para desmascarar a pretensa, afetada, aborrecida face ilusória da realidade (LYRA, 1988).

À exceção de sua participação numa coletânea, *Mulher: diversa caligrafia*, Sebastião Lyrio está, como Marcos Tavares, afastado da literatura.

– **Francisco Amalio Grijó** (1962–) publicou *Diga adeus a Lorna Love* (1987), contos premiados no Concurso Literário da Fundação Ceciliano Abel de Almeida,

e *Um outro país para Alice* (1989), contos, um e outro na Coleção Letras Capixabas, além de *Com Viviane ao lado* (1995), romance.



Capa de *Um outro país para Alice* e *Com Viviane ao lado*, de Francisco Grijó.

Francisco Aurelio Ribeiro opina que os contos de Francisco Grijó, como os de Sebastião Lyrio, já que ambos apresentam características estéticas similares, apresentam pontos de contato “no diálogo que estabelecem com o cinema e outros textos literários”, na “reflexão metalingüística que fazem sobre o papel e a função da literatura e do escritor na modernidade” e na “postura pós-moderna de fragmentação e dissolução” (RIBEIRO, 1993, p. 225). Sobre o romance *Com Viviane ao lado*, em que o autor emprega a técnica da entrevista como processo narrativo, Paulo Roberto Sodré assinala que Francisco Grijó realiza com sucesso “a difícil elaboração de personagens por estratégias narrativas indiretas (o perfil é traçado, juntamente com a história, através das respostas [à entrevista])”, e que “Francisco Grijó começa sua produção romanesca com agilidade: irônico, culto e ferino na concepção e realização de seu ‘simples relato’” (SODRÉ, 1995, p. 39).

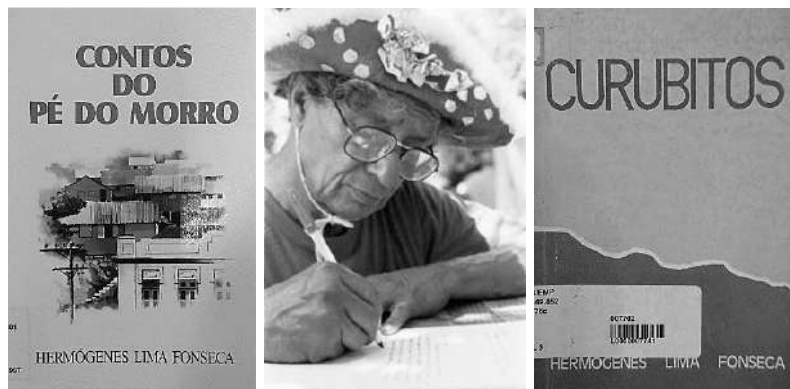
Ainda entre os autores de prosa que despontaram nessa fase devem-se citar os contistas Debson Afonso (1956–), autor de *Batendo na porta errada* (1986) e Ivan de Lima Castilho (1961–), autor de *O deus do trovão* (1988), ambos publicados na Coleção Letras Capixabas. Sobre os contos de Debson Afonso escreveu Francisco Aurelio Ribeiro:

Ao fazer da literatura um espelho da realidade, ele utiliza as técnicas próprias do discurso cinematográfico, da televisão ou do teatro, tornando o texto extremamente visual, um espetáculo aos olhos do leitor. [...] Seu maior valor, no entanto, está na utilização da ironia ferina, extremamente lúcida, marca dominante de outra grande escritora capixaba, Bernadette Lyra, talvez sua maior fonte de inspiração (RIBEIRO, 1990, p. 74).

Já sobre o trabalho de Ivan Castilho escreveu Marcos Tavares, na orelha do livro:

Quanto à forma, estes contos – na maioria, curtíssimos – não possuem, como é quase óbvio, os tradicionais princípio, meio e fim; não há neles uma gradação narrativa nem episódica; constituem-se, em geral, por uma espécie de flagrante, de uma determinada situação, de uma única personagem – sempre em conflito (TAVARES, 1988).

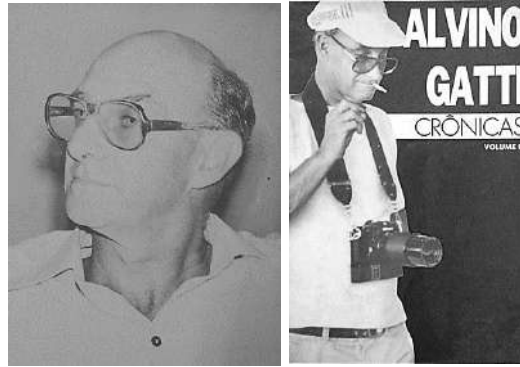
Jayme Santos Neves, um dos autores, nos anos 30, dos poemas fesceninos de *Cantáridas*, que se vinha dedicando à prosa curta, tendo sido premiado e publicado na revista *Status* e na *Antologia dos contistas capixabas*, em 1989 publicou o livro de contos *A centopéia* (ele é autor, ainda, da pesquisa *A outra história da Companhia de Jesus* (1984), sobre a tuberculose entre os jesuítas). Quanto a **Orlando Moraes** (1915-2003), que já lançara os livros de crônicas *Caderno de crônicas (ou crônicas incertas)* (1967) e *Não fica bem a revolução chegar a pé*, lança nessa década o romance regionalista *Seu Manduca e outros mais* (1986). Já **Hermógenes Lima Fonseca** (1916-1996) é autor que escapa a qualquer categoria. Embora rotulado como folclorista, e o foi, Hermógenes deu uma contribuição importante na criação de fábulas tendo como personagens as pessoas simples do norte do Estado, sobretudo Conceição da Barra e São Mateus. Nesse estilo foi cronista da revista *Você*. Dentre as inúmeras obras que deixou, a maioria em forma de folhetos, se destacam *Estórias de bichos contadas pelo povo* (1984), *Curubitos* (1992) e *Contos do pé do morro* (1993).



Capa de *Contos do pé do morro*, de *Curubitos* e retrato (de Rogério Medeiros) de Hermógenes Lima Fonseca.

Paralelamente, alguns poetas capixabas dessa fase ensaiaram textos em prosa. Miguel Marvillá publicou, em 1988, *Os mortos estão no living*, contos, e Paulo Roberto Sodré, em 1989, *Lhecídio: gravuras de Sherazade na penúltima noite*, romance com que venceu o concurso literário promovido pela FCAA no ano anterior. Ambos os títulos fazem parte da Coleção Letras Capixabas.

Se Eugênio Sette pode ser considerado o grande nome da crônica local nos anos 50 e Carmélia M. de Souza nos anos 60, **Alvino Gatti** (1925-1982) é sem dúvida nenhuma o grande cronista dos anos 80. Embora tenha colaborado como cronista em alguns jornais de Vitória na segunda metade dos anos 40, são as crônicas publicadas diariamente em *A Tribuna* entre março de 1980 e outubro de 1981 que representam uma contribuição memorável a esse gênero em que o autor capixaba costuma se dar tão bem. Amylton de Almeida organizou a edição, em dois volumes, dessas crônicas, com o título de *Crônicas*, publicada em 1987. As crônicas veiculadas entre 1946 e 1951 em *A Gazeta*, *A Tribuna* e *Folha Capixaba* foram reunidas por Maria da Penha Gatti no livro *A violência elegante e outros escritos*, publicado em 1994 com recursos da Lei Rubem Braga.



Capa de *Crônicas*, de Alvino Gatti.

Fernando Tatagiba, que se destacou no gênero conto, é outro cronista importante dos anos 80. Nesse gênero publicou *Invenção da saudade* (1982) e *Rua* (1986), incluindo neste último um manifesto em sete partes, “Por uma Literatura-Povo, por uma Literatura-Rua”, em que investe contra o que para ele é a bem-comportada literatura local. Eis o texto da IV parte:

Existem inúmeras estórias, episódios e cenas, tipos humanos, personagens folclóricos nas avenidas.

É preciso deixar de lado a varanda aveludada e partir para os subúrbios, perambular pelas zonas, redutos boêmios, nos ônibus e barcas da baía.

O cotidiano está ali, na paisagem urbana, para quem quiser pescá-lo. É necessário, com a nova época, que o beletrismo sintecado dos solares seculares seja sepultado de vez (TATAGIBA, 1986, p. 16).

R) A DÉCADA DE 80: POESIA

Dentre os 40 títulos publicados na Coleção Letras Capixabas entre 1980 e 1989, os livros de poesia são em número de dezesseis, os de contos, treze, os romances, oito, os de crônicas, dois, a que se soma um livro de sátira, a reedição da *Grammatica portuguesa pelo methodo confuso*, de Mendes Fradique. Ou seja, o autor capixaba continua sendo, essencialmente, um poeta.

No ano de 1982 a FCAA publicou seis títulos na coleção, sendo dois romances (de Renato Pacheco e de Luiz Guilherme Santos Neves) e quatro livros de poesia. Entre estes se contam uma reedição do livro *Cantar de amigo*, do expatriado Geir Campos, e uma antologia, *Poetas do Espírito Santo*, organizada por Elmo Elton, em que a maioria dos autores do século XX ali incluídos é constituída pelos representantes das escolas tradicionalistas. Ao final da coletânea, porém, ordenada por ordem cronológica de nascimento, já se percebe a intrusão de poetas, ainda inéditos em livro, que vão conferir à poesia capixaba nessa década e na seguinte uma fisionomia de modernidade. Todos os demais títulos de poesia incluídos na Coleção Letras Capixabas são primeiras edições de poetas capixabas natos ou radicados no Espírito Santo:

– Audífax de Amorim (1933-1964) teve reunidos no livro *Poemas* (1982) tanto

seus poemas inéditos como aqueles que publicara esparsamente em jornais e revistas. A organização do livro ficou a cargo de José Augusto Carvalho, que realizou aí excelente trabalho de ecdótica.

– **Flávio Sarlo** (1959–), que estreou com *Nas raízes do grito* (1982; reeditado em 1986), é, segundo Oscar Gama Filho, um continuador, dentro da poesia marginal, das idéias e da técnica da geração *beat*. Dele disse Bernadette Lyra:

A contemporaneidade não nos permite fechar questões. No máximo, dela podemos registrar flagrantes quando usamos para isso todos os poros abertos da intuição. Não me arrisco, portanto, a vaticinar o futuro deste poeta. Mesmo porque seu trabalho não é feito de preocupações com o porvir. É todo ele presente. Faz o jogo do mundo em que vive: o rock, a dor, a cólera, o sonho, o delírio, o silêncio, o excesso e, de repente, como o grito de um anjo, a iluminação (LYRA, 1982).

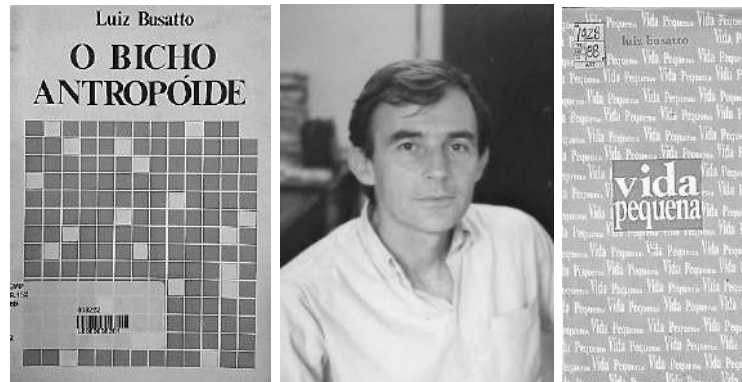
Flávio Sarlo publicou, posteriormente: *O desgaste da flutuação* (1984), poemas; *Os panfletários – contos & crônicas da era do rock* (1986; segunda edição revista e ampliada, 1997); *Estrada para o próximo sonho* (1989), poemas; *Dias belos e negros* (1992), romance; *Álbum de férias* (1994), poemas, e *Maçãs do paraíso* (1999), romance.

– **Paulo Roberto Sodré** (1962–) publicou *Interiores* (1984), *Dos olhos, das mãos, dos dentes* (1992), premiado no concurso literário do DEC, e *De Ulisses a Telêmacos e outras epístolas* (1998), além de *Lhecidio: gravuras de Sherazade na penúltima noite* (1989), que o autor classifica de “poema romanceado”, e *Um trovador na berlinda: as cantigas de amigo de Nuno Fernandez Torneol* (1998), ensaio de análise literária. De seu estilo poético disse Oscar Gama Filho que é “um tríptico em parte por neologismos dotados de uma fluência digna de Guimarães Rosa, em parte por poemas figurativos e recursos visuais e em parte por uma preocupação melódica que transforma seus poemas em semimúsicas” (GAMA FILHO, 1990, p. 560).

– **Luiz Busatto** (1937–) publicou *O bicho antropóide* (1985, reeditado em 1992) e *Vida pequena* (1992), além de textos de análise literária: *Montagem em Invenção de Orfeu* (1978), *Amor de asas e outros ensaios* (1985) e *O modernismo antropofágico no Espírito Santo* (1992). *O bicho antropóide*, segundo Deny Gomes,

é uma coletânea de quarenta e dois poemas, dividida em três partes que se integram harmoniosamente por meio de um fio condutor que é a presença do eu lírico, com seus sentimentos e idéias, enunciando-se explicitamente ou nem tanto, mas sempre identificável, mesmo nos poemas que têm como componente estrutural predominante o não-eu, o mundo exterior, os fatos objetivos [...]. Os temas recorrentes são o amor, a solidão, o medo, a humilhação, o ser humano desumanizado, o mundo hostil, o poema enquanto via para romper o silêncio frustrante e restabelecer a ordem e o equilíbrio nas relações entre o homem e o mundo. [...] E dividido entre o amor e o desamor (“Nunca mais direi”), o mistério e a revelação (“Confidência aos poetas”), o passado arcádico do sonho colonizado e o presente/futuro intergaláctico da esperança e da auto-afirmação (“Lira feroz”), entre o jugo e a libertação (“As grades”, “Redenção”), o poeta pode ser irônico, suave, reflexivo, gozador, incisivo, manejando com autoridade e mestria as formas livres

do verso, do ritmo, da estrofe, criando neologismos, recorrendo ao diálogo intertextual ("Aula de literatura"), a toda uma rica herança de figuras e tropos clássicos, gostosamente mesclados a gírias, tecnologismos, palavras chulas, que fazem de seus textos um bem exemplar modelo de modernidade" (GOMES, [s.d.]).



Capa de *Vida pequena*, de Luiz Busatto.

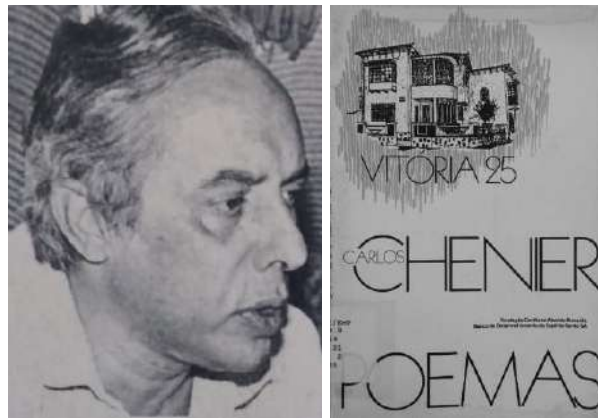
– **Gilson Soares** (1955–) publicou *Rosa-dos-ventos* (1985, reimpresso em 1986) e *Canção da meia-idade* (sem data; provavelmente 1997), com apresentação de Adilson Vilaça.

– **Renato Pacheco**, depois de se revelar como romancista, retorna à poesia com um livro definitivo, *Cantos de Fernão Ferreiro e outros poemas heterônimos* (1985), longo poema heteronímico inspirado nos *Cantos* de Ezra Pound, em que o regional se eleva a uma dimensão mítica universal. Uma antologia de sua obra poética, *Porto final*, foi lançada em 1998, com seleção e estudo crítico de Reinaldo Santos Neves.

– **Carlos Chenier de Magalhães**, surgido nos anos 60 como um dos líderes do Clube do Olho, publica em 1985 seu primeiro – e único – livro, *Vitória 25*. Dele disse Oscar Gama Filho, na orelha do livro:

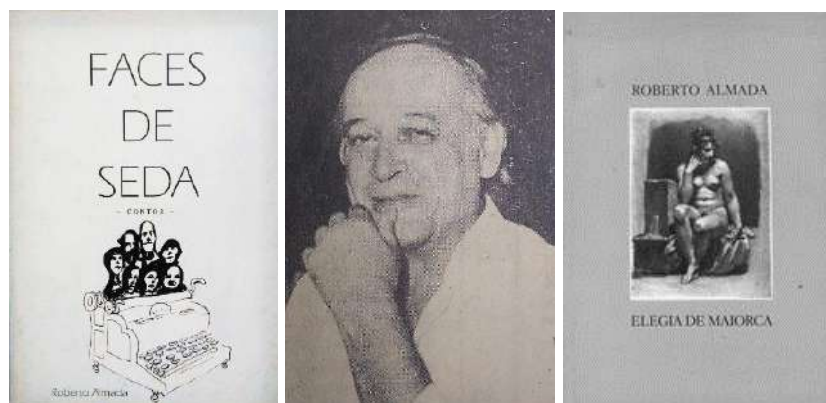
Carlos Chenier é, entre os poetas capixabas dos anos 60, o mais representativo dos caminhos de sua geração. Pelo seu corpo e pelas suas mãos passaram, gravando sinais no seu físico e no papel de seus poemas, os principais momentos da década de 60, momentos cheios de angústia existencial, de paixão, de militância política, de juventude, de jornalismo, de sexo, de protesto, de drogas, de revolta, de tédios, de falta de horizontes, de repressão, de exploração capitalista, de preocupação social, de fugas e – em especial – de arte (GAMA FILHO, 1985).

Carlos Chenier, que faleceu em 1989, deixou alguns poemas inéditos produzidos esporadicamente nos anos que se seguiram à publicação de seu livro.



Capa de *Vitória 25*, de Carlos Chenier (foto de José A. Magnano).

– **Roberto Almada** (1935-1994), incluído na coletânea *Poetas do Espírito Santo*, da Fundação Cultural, em 1974, vence em 1985 o concurso literário da FCAA com *O país d'El Rey & A casa imaginária*, publicado em 1986 e reeditado em 1991. Publicou a seguir: *Dissertação sobre o nu* (1990), *Elegia de Maiorca* (1991), e *O livro das coisas* (1992), além de *O doente disfarçado e outros poemas* (1997), edição póstuma organizada por Geraldo Matos. Publicou também *Faces de seda*, contos, em 1993. De Roberto Almada poeta disse Reinaldo Santos Neves: “Sua poesia, de estrutura formal que prima pela simplicidade, com versos curtos e límpidos e linguagem lacônica, consegue condensar profundas reflexões humanísticas e alinhar imagens surpreendentes pela força plástica e pela fulgurante originalidade” (NEVES, 1994, p. 36). Geraldo Matos analisou a poética do primeiro livro de Roberto Almada em *A poesia a(l)mada: uma reflexão sobre O país d'El Rey & A casa imaginária* (1997).



Capa de *Faces de seda* e *Elegias de Maiorca*, de Roberto Almada (foto de Ailton Lopes).

– **Sérgio Blank** (1964–) estreou com *Estilo de ser assim, tampouco* (1984), edição alternativa, a que se seguiram *Pus* (1987), *Um* (1989), *A tabela periódica* (1993) e *Vírgula* (1996), além de *Safira* (1991), literatura para crianças. A obra de Sérgio Blank abrange sombrias canções, escritas em idioma de algaravia, que flagram o *homo sapiens* perdido e confuso num mundo em adiantado estado de decomposição.

Capas de *Pus* e *Safira*, de Sérgio Blank.

Francisco Aurelio Ribeiro define-o como “poeta totalmente inserido na ‘condição pós-moderna’. Seus poemas têm como marcas recorrentes dessa estética a morte da inocência, a destruição do outro, o cinismo assumido, a simulação da realidade, o narcisismo, o escatológico e a desconstrução” (RIBEIRO, 1993b).

– **Oscar Gama Filho** (1958–), que já tinha publicado, em edições alternativas, *De amor à política* (1979), em parceria com Miguel Marvilla, e *Congregação do desencontro* (1980), lançou posteriormente *O despedaçado ao espelho* (1988) e *Eu conheci Rimbaud* (1989), que inclui uma tradução de “O barco ébrio”, de Arthur Rimbaud. Segundo Reinaldo Santos Neves, a poesia de Oscar Gama Filho é “uma poesia digna do mundo de hoje. Obra que prima pela sátira e pela ironia, pela antítese e pelo paradoxo. Uma poesia cortante e ferina: que esfolia a nossa civilização humana, arranca-lhe as flores da pele e expõe a carne viva do caos” (NEVES, 1980). Sobre *O despedaçado ao espelho* assim se pronunciou Herbert Daniel em carta ao autor:

Gostei muito da ‘cerebração’ de corpo e alma que você promove nos seus versos. Cerebrar é um verbo que inventei certa vez, dizendo que servia para comemorar os feitos e legados da palavra. É o que li na tua poesia. Agrada-me essa sensibilidade ao constante incômodo que o corpo real encontra no mundo real-izado. A tua saída da perdição, através da feitura de um verbo que era no início antes que o começo fosse, parece ser um portal comum de quem ainda, desconfiado, crê na palavra. Mais um detalhe: na densidade dos teus versos, tantas vezes sonoros e fartos como Whitman, encontro muito do jeito barroco que invoco como maneira de ser da cultura brasileira (DANIEL, 1988).

Capa de *Eu conheci Rimbaud* e *O relógio marítimo*, de Oscar Gama Filho.

– **Valdo Motta** (1959–) iniciou divulgando seu trabalho numa série de edições marginais – *Pano rasgado* (1979), *Os anjos proscritos e outros poemas* (1980, em parceria), *O signo na pele* (1981), *Obras de ardeiro* (1982), *As peripécias do*

coração (1982), *De saco cheio* (1983) e *Salário da loucura* (1984), este último com prefácio analítico de Deny Gomes – que vendia nos semáforos, até publicar, na Coleção Letras Capixabas, *Eis o homem* (1987), uma coletânea de sua poesia anterior, incluindo, na íntegra, *O salário da loucura*. Em seguida publicou *Poiezen* (1990), *Bundo e outros poemas* (1996), este pela editora da Universidade de Campinas, contendo *Bundo*, escrito em 1995, e *Waw*, entre 1982 e 1991, e ainda *Transpaixão* (1999), uma coletânea. Oscar Gama Filho considera-o o maior expoente da poesia marginal capixaba e define:

Parte da tensão interna dos poemas de Valdo Motta ocorre devido ao choque entre palavras requintadas e termos eschachados e marginalizados até o palavrão. Contudo, nessa poesia feita de antíteses, o chulo nunca é vulgar, e o que parece vulgar nunca é um clichê, mas sim um metaclichê, ou seja, um clichê sobre os clichês, um clichê cuja função é, ao mesmo tempo, tanto incorporar todas as partes da realidade (terminando com a separação entre fatos poéticos e não-poéticos), quanto satirizar os clichês que inundam as realidades poética e existencial. Em Valdo Motta, clássico e popular são duas faces da mesma moeda e o amor é uma busca sem limites e despida de regras, busca que passa pelo deboche e pelo erótico com que capta o mundo. Sua poesia é um turbilhão de sarcasmo e de críticas à sociedade de classes e à opressão ao homossexual, ao negro, ao desviante, ao miserável, etc. (GAMA FILHO, 1990, p. 560).



Capa de *Poiezen* e *Bundo e outros poemas*, de Valdo Motta.

– **Deny Gomes** (1938–), maranhense radicada em Vitória desde criança, foi professora de Teoria Literária na Ufes de 1964 a 1991 e contribuiu em muito, com o seu esforço e idealismo, promovendo e ministrando uma longa seqüência de oficinas literárias, para o desenvolvimento de uma literatura jovem no Espírito Santo.



Capa de *O desejo aprisionado* e *Promessas do tempo*, de Deny Gomes (foto de Cesar Musso).

Em 1988 publicou seu primeiro livro de poesia, *O desejo aprisionado*, a que se seguiriam, em 1994, *Promessas do tempo* e, em 1998, *Revelação do olhar feminino*. Analisando o primeiro livro da autora, Nilzett Silva afirma:

O desejo aprisionado é um discurso apologético da mulher. Seus poemas captam uma mulher real, a mulher ser humano. Não a musa inspiradora de interesses masculinos, mas a mulher desdobrável, que vive, ri, chora, deseja, ama, sofre e que, caleidoscopicamente, monta-se em pedaços, procurando conquistar seu espaço e seu direito como pessoa (SILVA, 1994, p. 19).

– **Miguel Marvilla** (1959–), publicado anteriormente em edições mimeografadas *De amor à política* (1979), com Oscar Gama Filho, *A fuga e o vento* (1980) e *Exercício do corpo* (1981), foi premiado no concurso literário da FCAA em 1988, tendo seu livro *Lição de labirinto* publicado em 1989. Posteriormente publicou *Tanto amar* (1991), *Sonetos da despaixão* (1996) e *Dédalo* (1996). É autor também de um livro de contos, *Os mortos estão no living* (1988). Oscar Gama Filho sugere que Miguel Marvilla

alia, em sua ficção, uma sensibilidade refinada a um apuro técnico que o leva a burilar a palavra, a intertextualizar o universo, a explorar o espaço gráfico e a usar imagens surrealistas e eróticas para retratar o cotidiano, elevando-o à condição mágica e arrebatadora de revelação (GAMA FILHO, 1990, p. 560).



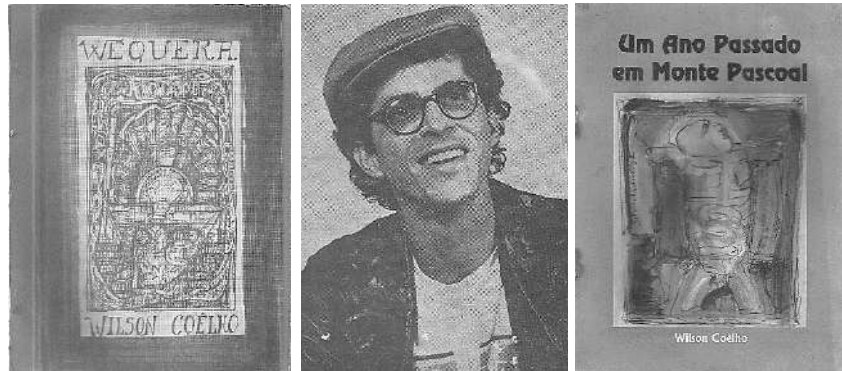
Miguel Marvilla e capa de *Exercício do corpo* e *Dédalo*.

Poeta importante dessa fase é Marcos Tavares, que, no entanto, não publicou livro de poesia. Uma amostragem de seu trabalho está no primeiro número da revista *Letra* (1981). Seu trabalho, segundo Oscar Gama Filho, possui “traços neobarrocos, já que se caracteriza pelo jogo de idéias (Conceptismo) e pelo jogo de palavras (Cultismo)” (GAMA FILHO, 1990, p. 560). Segundo o mesmo crítico, Marcos Tavares

apropriou-se inconscientemente de várias das técnicas do poema-práxis. Como os praxistas, Tavares faz, antes de escrever, um levantamento das palavras que serão usadas; além disso, muitos de seus textos podem ser lidos em diversos sentidos e em bom número deles nota-se uma preocupação com o espaço em preto (GAMA FILHO, 1990, p. 560).

Outros poetas a que cabe referência são **Benilson Pereira** (1956–), que estreou com o livro *Expressão poesias* (1978), publicação marginal a que se

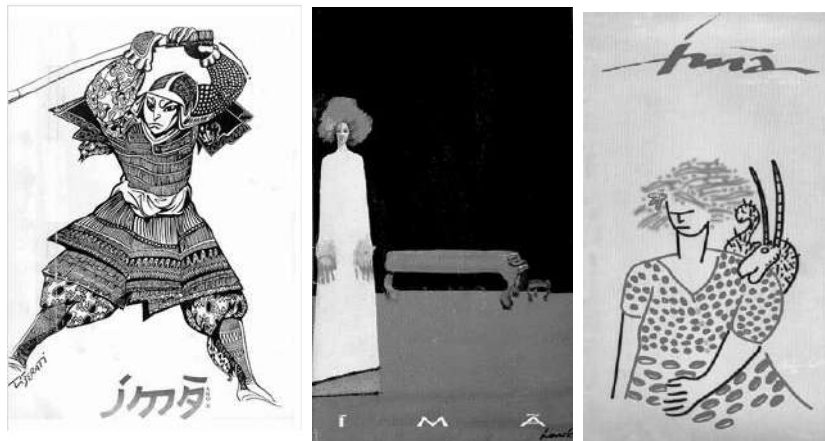
seguiram *Caminhando* (1980), *In-versos* (1981), *Canção de rua* (1982), *Carícias ao vento* (1984), *A cumplicidade do beijo* (1986, em parceria), *O espaço do sonho* (1989), *Caminho de labirinto* (1994) e *Objeto de paixão* (1996); **Wilson Coêlho** (1959–), que publicou *Deixem-me falar* (1981), em Vitória, seguido de algumas publicações em Belo Horizonte, onde viveu durante alguns anos e, de novo em Vitória, *Tempo de confissões* (1988), *Wequera* (1991) e *Um ano passado em Monte Pascoal* (1997);



Capa de *Wequera* e *Um ano passado em Monte Pascoal*, de Wilson Coêlho.

Waldo Morenno, já falecido, originário, como Valdo Motta, de São Mateus, que publicou *Uma gota de sangue* (1982) e *As maldições da noite* (1984); **Marcus Nicodemus Cysne** (1961–), autor de *Invernica chilena* (1981), *O discreto inflamar-se no mundo* (1982) e *Branco* (1985); **Atílio Gomes Ferreira**, que, com o pseudônimo **Nena B**, publicou *Vereda tropicália (argumento para video tape)* (1985), primeiro título da Ímã Edições, que depois marcaria época com a revista *Ímã*; e **Ivan Alves**, mais conhecido como artista gráfico, que publicou *Só & Cia* (1987), também pela Ímã Edições.

Os três primeiros números da revista *Ímã* foram editados em Vitória, entre julho de 1985 e dezembro de 1986, por Sandra Medeiros e Ivan Alves, com primoroso projeto gráfico e participação de autores locais e de fora do Estado. Dentre os autores capixabas estão Valdo Motta, Gelson Santana Penha, Marcos Tavares, Flávio Sarlo, Fernando Tatagiba, Bernadette Lyra, Reinaldo Santos Neves, Luiz Busatto, Ivan Alves, Roberto Almada, Adilson Vilaça, Amylton de Almeida, José Irmo Gonring e Oscar Gama Filho. Em 1988 Sandra Medeiros passou a residir no Rio de Janeiro, onde editou os números subseqüentes da revista, com participação eventual de autores capixabas.



Capas da revista *Ímã*, dirigida por Sandra Medeiros.

S) OS ANOS 90

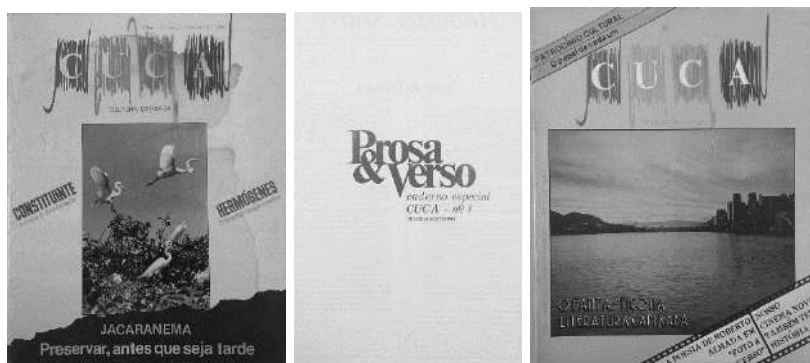
Em 9 de janeiro de 1990, a jornalista Márzia Figueira escreveu, no Caderno Dois de *A Gazeta*:

A editora da Fundação Ceciliano Abel de Almeida fecha as portas, devolve a gráfica à Ufes e encerra o projeto Letras Capixabas que, na década de 80, revelou talentos, editou autores consagrados e publicou uma média de quatro livros por ano (apud RIBEIRO, 1993, p. 55).

Se, por um lado, a decisão de desativar a Coleção Letras Capixabas foi definitiva, por outro lado o programa editorial da FCAA não seria totalmente desativado na década de 90, tanto que o próprio *A modernidade das letras capixabas*, de Francisco Aurelio Ribeiro, foi publicado em 1993 com o selo da Fundação, em parceria com a recém-criada Secretaria de Produção e Difusão Cultural da Ufes.

Com o recuo da FCAA, o eixo editorial nos anos 90 vai se deslocar justamente para a SPDC e para outras instituições públicas, às quais caberá a tarefa de editar e divulgar o trabalho da geração de autores revelados na década anterior bem como dos novos autores que despontam a partir de 1990. Com poucas exceções, uns e outros continuam dependendo basicamente do patrocínio de órgãos públicos para editarem suas obras.

O sucessor imediato da FCAA no agasalhamento do autor capixaba foi o Departamento Estadual de Cultura, órgão a que se tinha rebaixado a antiga Fundação Cultural do Espírito Santo. Entre as contribuições do DEC ao movimento cultural na década anterior contam-se a revista *Cuca*, de que saíram alguns números entre julho de 1985 e dezembro de 1986,

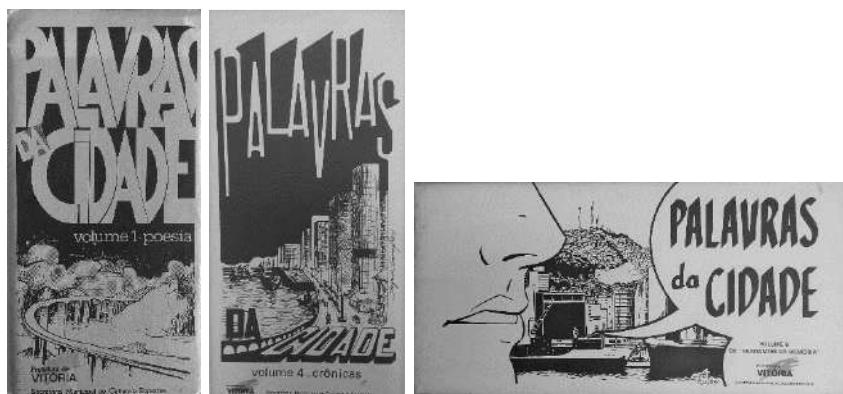
Capas e folha da seção literária da revista *Cuca*.

e a revista trimestral *Painel*, em formato tablóide, que durou mais de cinco anos.

Números do tablóide *Painel*.

Além disso, em 1989 o DEC instituiu o Concurso Literário Permanente para revelar talentos locais nos gêneros poesia, conto e romance. Em 1991, numa parceria com Massao Ohno Editor, e a costumeira exibição de logomarcas institucionais (do DEC, da Secretaria de Educação e do Governo do Estado), são lançados os livros de José Irmo Gonring, vencedor do concurso de poesia com *A água dos dias e o curso do rio*, e de Lacy Ribeiro, vencedora do concurso nos gêneros romance, com *Rocks e baladas de Marcos Furtado*, e contos, com *Contos bastardos*, livro que, segundo a autora, deveria chamar-se apenas *Bastardos*.

Da parte da Secretaria de Cultura da Prefeitura de Vitória brota o projeto Palavras da Cidade, constituído de coletâneas de textos impressos em folhas soltas (grampeadas a partir do volume 3) embaladas em envelopes, formato gráfico popular bem condizente com o perfil do Partido dos Trabalhadores, então no poder municipal.



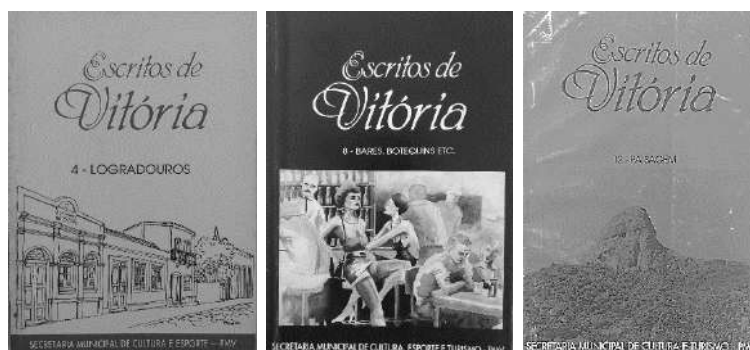
Capas de *Palavras da cidade*.

O editor do projeto, Miguel Marvilla, adverte na apresentação do primeiro volume da série, de poesia, lançado em 1990:

Ao selecionarmos os poemas e os poetas para este primeiro volume de PALAVRAS DA CIDADE baseamo-nos exclusivamente em critérios técnicos pessoais, numa tentativa de homogeneizar a coletânea. Assim, em outros volumes subseqüentes, os autores que não constam deste número estarão presentes, pois a nossa proposta é de publicar, a passo e passo, amostras de toda manifestação literária de Vitória (MARVILLA, 1990).

Oito dos onze poetas incluídos na coletânea (as exceções são José Augusto Carvalho, Reinaldo Santos Neves e Marcos Tavares) tiveram livros de poesia publicados na extinta Coleção Letras Capixabas: Roberto Almada, Luiz Busatto, Oscar Gama Filho, Deny Gomes, Miguel Marvilla, Valdo Motta, Renato Pacheco e Paulo Roberto Sodré. O projeto Palavras da Cidade durou até o final da gestão do PT à frente da Prefeitura de Vitória, tendo sido editados seis volumes de poesia, de contos e de crônicas entre 1990 e 1992 (integram os volumes 4 e 5 os textos selecionados, respectivamente, nos concursos de crônica e de poesia – este exclusivo para os servidores municipais – promovidos pela Prefeitura).

Foi substituído, na gestão seguinte, por uma coleção de textos temáticos intitulada *Escritos de Vitória*, de que saíram cerca de vinte volumes, o primeiro dos quais em setembro de 1993.



Capas de *Escritos de Vitória*.

A Universidade Federal do Espírito Santo participou do movimento editorial dos anos 90 sobretudo via Secretaria de Produção e Difusão Cultural, criada em

1992 na gestão do reitor Roberto Penedo. Dirigida por Francisco Aurelio Ribeiro, a SPDC atuou editorialmente em duas frentes: a publicação de um periódico mensal de cultura, a revista *Você*, e a edição de livros na Coleção Cultura-Ufes.

A revista *Você* foi concebida (inclusive o título) por João Carlos Simonetti Jr., na época estudante de Comunicação Social na Ufes e, por incrível que pareça, estagiário na SPDC. A revista circulou durante sete anos – de junho de 1992 a outubro de 1998 –, em duas fases distintas. Na primeira fase, que durou de 1992 a 1995, ou seja, toda a gestão de Francisco Aurelio Ribeiro à frente da SPDC, seus editores foram Joca Simonetti e Reinaldo Santos Neves, a que se agregou, no final da fase, Adilson Vilaça; na segunda fase, de 1996 a 1998, com Sebastião Pimentel Franco como secretário da SPDC, seus editores foram Adilson Vilaça e Miguel Marvilla.



Foto de de João Carlos Simonetti e Reinaldo Santos Neves na editoria da *Você*, na SPDC da Ufes.

Nesse período de sete anos a revista teve sessenta edições. Em seu primeiro número, no editorial “Começo de conversa”, os editores da revista dizem a que ela vem:

Você por quê? Porque queremos manter com os nossos leitores um diálogo de mesa de botequim. Queremos passar para a frente a idéia de que cultura e conhecimento não têm de ser tratados nem com pompa nem com cerimônia, e muito menos com uma linguagem hermética, que exclua aquele sujeito que está ali, interessado em, digamos, cinema, mas que não é Mestre nem Ph.D. em semiótica ou coisa parecida. O jogo de idéias não tem de ser chato e pode ser empolgante. As duas maiores paixões entre os bizantinos eram as corridas de biga e as especulações sobre o mistério da Santíssima Trindade. E toda noite saíam brigas homéricas nas tabernas de Bizâncio por causa de uma coisa ou de outra.

Você, pronome de tratamento que pressupõe intimidade, diz muito bem qual é a política editorial da revista: linguagem coloquial, humor, cartas na mesa – iscas para que o leitor chegue e converse.

[...]

Aqui está *Você* – a idéia capixaba (NEVES; SIMONETTI JR., 1992).

Nesse primeiro número, a matéria de capa, assinada por Francisco Grijó, é “Quem tem medo de Nelson Rodrigues?”. Reinaldo Santos Neves, em “Chá e fantasia”, reproduz, em tradução, algumas cartas de Lewis Carroll; o sociólogo

Erly dos Anjos trata das causas da violência em “Miséria e violência, ideologias à parte”; Renato Pacheco discorre sobre patrimônio histórico e cultural em “O passado sob custódia”; e Ivan Borgo, na condição de Roberto Mazzini, estréia como cronista oficial da revista.



Capas da revista *Você*.

Diferentemente da FCAA, que distribuiu suas publicações em quatro coleções distintas, embora com ênfase numa só delas, a SPDC incluiu todos os seus títulos na Coleção Cultura-Ufes, que reuniu, assim, tanto ensaios, teses e dissertações como obras de literatura.

A SPDC revelou, na revista *Você*, os talentos de Ivan Borgo, Luiz Guilherme Santos Neves, Adilson Vilaça, Bernadette Lyra e Gilbert Chaudanne como cronistas. Já na Coleção Cultura-Ufes a SPDC publicou, em parceria com o Departamento Estadual de Cultura, boa parte dos títulos premiados no Concurso Literário Capixaba promovido por aquele Departamento nos gêneros conto e poesia. De qualquer forma, nessa coleção estão presentes alguns autores que ou estréiam ou assumem uma maior exposição na década de 90:

– **Pedro José Nunes** (1962–) publicou em 1992 a novela *Vilarejo*, como encarte da revista *Você*; seguem-se *Aninhanha* (1992), romance, e *Vilarejo e outras histórias* (1993), reunindo a novela editada anteriormente e mais quatro contos inéditos, livro que foi adotado no concurso vestibular da Ufes e alcançou sucessivas tiragens.



Capa de *Aninhanha* e *Vilarejo e outras histórias*, de Pedro J. Nunes.

Uma quinta edição, de 1999, apresenta prefácio de Deny Gomes, que vê na literatura de Pedro Nunes a criação de

mundos insólitos, fantásticos, absurdos, ligados numa forte teia de palavras em que velho e novo, mítico e histórico, universal e regional, sagrado e profano, sério e cômico, bem e mal estão em confronto e, ao mesmo tempo, integrados, provocando no leitor a boa e instigante dúvida que, como o riso, nos distingue dos irracionais (GOMES, 1999).

Ainda segundo Deny Gomes, deve-se atentar, na linguagem de Pedro Nunes, “para sua originalidade, suas sutilezas, para a propriedade e a riqueza vocabular, para os recursos figurados, os coloquialismos, o impressionante processo de adjetivação” (GOMES, 1999).

– **José Irmo Gonring** (1949–) participou de recitais de poesia e de antologias mimeografadas no final dos anos 60 e início dos anos 70, publicou em todas as revistas capixabas dedicadas à literatura, e foi premiado em vários concursos literários no Estado, mas só chegou ao primeiro livro trinta anos depois: premiado em 1989 no Concurso Literário Permanente promovido pelo Departamento Estadual de Cultura, na categoria poesia, teve seu livro *A água dos dias e o curso do rio* publicado em 1991. Na Coleção Cultura-Ufes publicou *O cerco ao boi e a rã de fogo* (1994). É autor, ainda, do *Auto de São Benedito dos Pretos do Rosário*, que escreveu, musicou e montou.



Capa de *O cerco ao boi e a rã de fogo*, de José Irmo Gonring.

– **Marcos Igreja** (1965–), egresso de oficina literária, publicou *A estação em volta* (1993, poesia), sendo apresentado por Deny Gomes, que vê nele “um poeta sensível e talentoso” que “percorre os caminhos da linguagem poética sem se deixar atrair pelas facilidades da expressão rotineira nem se intimidar por preconceitos e hipocrisias” (GOMES, 1993).

– **Orlando Lopes** (1972–) publicou *Hardcore blues – Apocalyptic songs* em 1993. A sua poesia, disse Reinaldo Santos Neves,

lancinante na sua irreverência, contundente no seu desespero, cáustica na sua linguagem, é gestada nos desvãos de uma civilização técnico-apocalíptica em que o coração do homem balança entre dois grandes valores – a navalha e o cartão de crédito. [...] Os temas são os de todo o sempre: amor, solidão, agonia, sexo, comunhão, mas tratados com um tesouro de léxico e de imagens, no compasso da surpresa de cair o queixo e da ironia corrosiva do vitríolo (NEVES, 1993).

– **Agostino Lazzaro** (1958–) publicou *Inventário do tempo* (poemas, 1993) e *A árvore do verão* (narrativas sobre os imigrantes italianos, 1993). Ambos foram premiados em concursos literários do DEC: o primeiro em 1992, o segundo em 1991. Dele disse Francisco Aurelio Ribeiro: “Diferente dos poetas pós-modernos, Agostino Lazzaro assume o enfoque da tradição, do passado, da aprendizagem através da recuperação pela lembrança e pela memória. Sua poética dispensa qualquer experimentação linguística, apresentando uma uniformidade rítmica e métrica.”

– **Regina Herkenhoff Coelho** (1945–) foi premiada em 1992 no Concurso Literário Capixaba, promovido pelo DEC, com o livro de contos *Olhos de espanto*, editado em 1993 pela SPDC. Um segundo livro de contos, *O fio da asa*, premiado no Concurso Aracruz Celulose/Edufes, foi publicado em 1997.



Capa de *Olhos de espanto*, de Regina Herkenhoff Coelho.

– **Wanda Santos Sily** (1938–), que já tinha lançado o romance *O longo amanhecer azul* em 1982, publicou em 1994 *Linhas paralelas*, premiado no concurso de contos Aracruz/Ufes.

– **Luiz Carlos Almeida Lima** foi premiado duas vezes no Concurso Literário Capixaba, em 1990 e em 1993, ambas na categoria poesia. Como resultado, teve seus livros *A companhia das palavras* e *O coração da matéria* publicados, respectivamente, em 1991 e em 1994, este último na Coleção Cultura-Ufes, da SPDC.

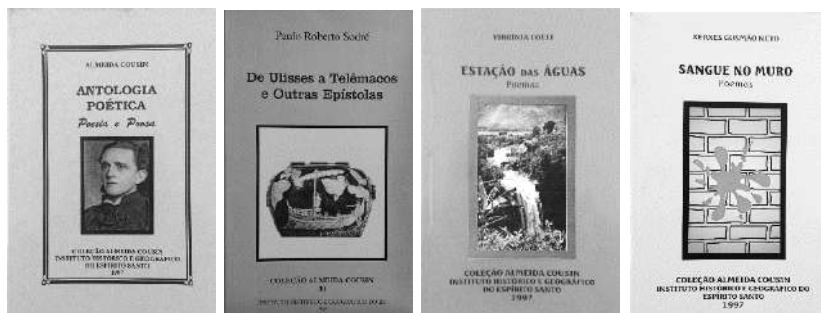
– **Júlio Tigre**, pseudônimo de Júlio César da Silva, premiado no Concurso Literário Capixaba em 1994, teve seu livro de contos *Entre o indicador e o polegar* publicado em 1995.

Além deles, a coleção editou também livros de autores revelados anteriormente, como Amylton de Almeida (*Autobiografia de Hermínia Maria*, romance), Luiz Busatto (*Vida pequena*, poesia), Adilson Vilaça (*Purpurina e outras desfolias*, contos) e Sérgio Blank (*A tabela periódica*, poesia), além de Roberto Almada, este numa incursão pelo gênero conto (*As faces de seda*), e Ivan Borgo (*Crônicas de Roberto Mazzini*, reunindo as crônicas publicadas na revista *Você*).

Ainda outra instituição que, nos últimos anos da década, se incorpora ao movimento editorial capixaba é o Instituto Histórico e Geográfico do Espírito

Santo. Fundado em 1916, mantendo uma longa revista em circulação, o IHGES até então limitara o seu curto programa editorial à sua revista e a uma que outra publicação circunscrita a estudos sobre o Espírito Santo. Com a eleição de Miguel Depes Tallon (1948-1999) como seu presidente em 1996, porém, o IHGES, ao mesmo tempo que intensificou o seu setor de publicações, criando a Coleção Almeida Cousin, passou a investir pesado na área de literatura. A ênfase do Instituto foi sobre a quantidade de títulos, adotando para tanto um formato de bolso para suas publicações, a maioria delas com menos de cem páginas, e muitas impressas em papel reciclado. Ficaram conhecidos como “dezembradas” (termo cunhado por Luiz Guilherme Santos Neves) os lançamentos de fim de ano do IHGES, somando às vezes mais de trinta títulos. Em 1999, para dar chancela a toda essa produção, foi criada a Editora do IHGES.

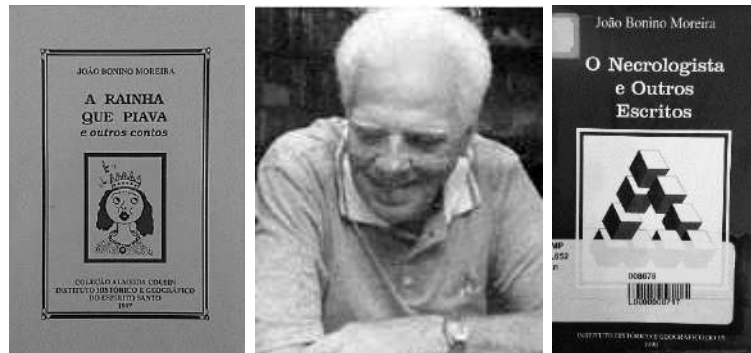
Muitos autores conhecidos estão entre os editados pelo IHGES, dentro e fora da Coleção Almeida Cousin: Renato Pacheco participa com *Castelo de Yama* (ou Vida e morte de Renato Pacheco, poeta menor) (1997), usando o heterônimo Fausto Barbosa, e ainda com dois textos em prosa, *O centauro enlouquecido e o pintor amante* (1998) e *Pedra menina* (1999); Luiz Guilherme Santos Neves, com *Escrivão da frota* (1997, crônicas) e *Crônicas da insólita fortuna* (1998); Ivan Borgo, com os contos de *Navegantes* (1997); Roberto Almada está presente com o livro póstumo *O doente disfarçado e outros contos* (1997), organizado por Geraldo Matos; Xerxes Gusmão Neto, com *Sangue no muro* (1997, poemas); Carlos Nejar, com *Vel âm pa gos* (1997, poemas); Francisco Aurelio Ribeiro, com *Vida vivida* (1997, poemas); Paulo Roberto Sodré, com *De Ulisses a Tel macos e outras epístolas* (1998, poemas); Reinaldo Santos Neves, com *A confissão* (1999, novela); e Pedro J. Nunes, com a quinta edi o de *Vilarejo e outras histórias* (1999).



Capas de *Antologia poética*, de Almeida Cousin, *De Ulisses a Tel macos e outras epístolas*, de Paulo Roberto Sodré, *Estão das águas*, de Virginia Coeli, e *Sangue no muro*, de Xerxes Gusmão Neto.

A revela o do IHGES  , no entanto, **João Bonino Moreira** (1931–). Chegado à literatura depois dos sessenta anos, Bonino edita, pelo Instituto, os livros *O presidente nu* (1997), *A rainha que piava e outros contos* (1997) e *O necrologista e outros escritos* (1998). Autor inteiramente despretensioso, que faz literatura como divertimento, Bonino consegue, porém, aliar um estilo sóbrio, clássico, levemente ir nico, a tramas por vezes de surpreendente modernidade. *O presidente nu*, por exemplo, parte de ep s dio histórico – a loucura do presidente Delfim Moreira – para compor um romance que, no final das contas, não existe, porque, depois de concluído, sua única cópia se perdeu num incêndio ocorrido

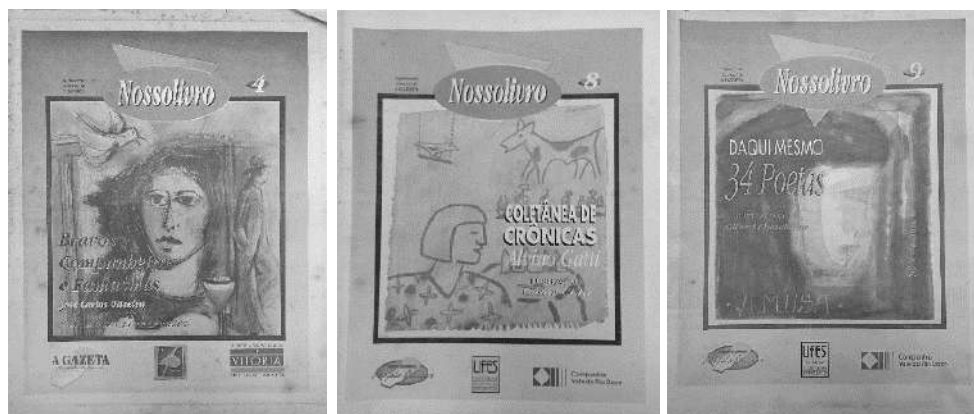
na gráfica onde seria impresso. O que se edita são os textos remanescentes: o prefácio de Renato Pacheco, duas apresentações – uma de Luiz Guilherme Santos Neves, nas orelhas do livro, outra de Miguel Depes Tallon –, uma explicação do próprio Bonino sobre o desastre que atingiu os originais do livro, e finalmente os dois capítulos (dentre dezoito) que se salvaram do incêndio. Não é à toa que a construção desse “romance” se assemelha a certas composições de Jorge Luis Borges. Num dos contos de *O necrologista*, “E eu?”, Bonino cria situação em que se vê claramente o conceito do duplo, tão cara ao escritor argentino.



Capa de *A rainha que piava e O necrologista e outros escritos*, de João Bonino Moreira.

T) OUTRAS CONTRIBUIÇÕES INSTITUCIONAIS

Em 1994 a Rede Gazeta de Comunicações instituiu o Projeto Nossolivro, em parceria com a Secretaria de Produção e Difusão Cultural da Ufes e com apoio da Prefeitura Municipal de Vitória e, depois, da Companhia Vale do Rio Doce, para editar livros de autores capixabas como suplementos encartados no jornal *A Gazeta*.



Capas de *Nossolivro*.

O objetivo do projeto, segundo informação constante em cada edição, era “tornar conhecida a qualidade da literatura capixaba, ilustrada por não menos qualificados artistas plásticos de nossa terra”, e os critérios de seleção dos títulos incluídos no projeto se baseavam “na qualidade literária, capacidade de apelo junto ao público leitor de jornal, amplitude de gêneros, representatividade de épocas e estilos”. As expectativas do projeto eram altas:

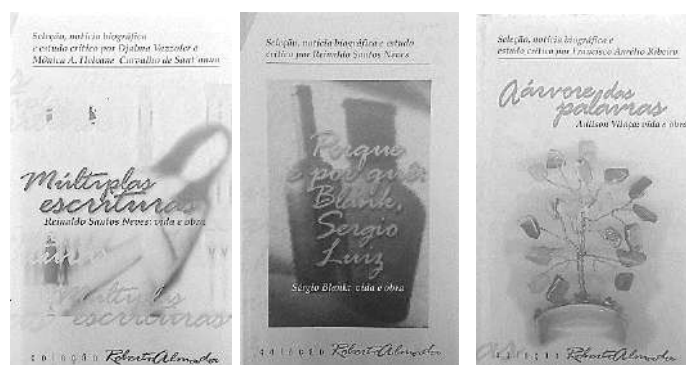
Com *Nossolivro*, estamos viabilizando a chegada das publicações a mais de 40 mil lares, num livro convertido em suplemento pelo preço de um jornal. Temos a certeza de que essas publicações não trarão benefícios restritos aos escritores e artistas incluídos no projeto, mas também a outros bons autores e artistas, através do despertar da consciência de que o capixaba já tem um produto cultural de alta qualidade.

O Conselho Assessor, responsável pela seleção dos títulos e dos artistas ilustradores, era composto por Francisco Aurelio Ribeiro e Reinaldo Santos Neves, representantes da SPDC da Ufes; João Gualberto de Vasconcellos, como representante do Instituto Histórico e Geográfico do Espírito Santo; Renato Pacheco, como representante da Academia Espírito-santense de Letras; e Amylton de Almeida e Maria Alice Lindenberg, como representantes de *A Gazeta*. O projeto teve a duração de um ano, publicando um título por mês. Foram os seguintes os títulos publicados:

1. *Crônicas do Espírito Santo*, de Rubem Braga, com apresentação de Renato Pacheco e ilustrações de Carybé, agosto de 1994;
2. *Vento sul*, de Carmélia M. de Souza, com apresentação de Amylton de Almeida e ilustrações de Wagner Veiga, setembro de 1994;
3. *A nau decapitada*, de Luiz Guilherme Santos Neves, com apresentação de Ivan Borgo e ilustrações de Orlando da Rosa Faria, outubro de 1994;
4. *Bravos companheiros e fantasmas*, de José Carlos Oliveira, com apresentação de José Irmo Gonring e ilustrações de Joyce Brandão, novembro de 1994;
5. *Karina*, de Virgínia Tamanini, com apresentação de Luiz Busatto e ilustrações de Lincoln G. Dias, dezembro de 1994;
6. *A oferta e o altar*, de Renato Pacheco, com apresentação de João Gualberto de Vasconcellos e ilustrações de Ivan Alves, janeiro de 1995;
7. *Má notícia para o pai da criança*, contos de Reinaldo Santos Neves, com apresentação de Paulo Roberto Sodré e ilustrações de Attilio Colnago, setembro de 1995;
8. *Coletânea de crônicas*, de Alvino Gatti, com apresentação de Plínio Marchini e ilustrações de César Cola, outubro de 1995;
9. *Daqui mesmo: 34 poetas*, coletânea de poesia, seleção e apresentação de Reinaldo Santos Neves, com ilustrações de Gilbert Chaudanne, novembro de 1995;

10. *Antologia de contistas capixabas*, seleção e apresentação de Francisco Aurelio Ribeiro, com ilustrações de Maria Helena Lindenberg, dezembro de 1995;
11. *O sol no céu da boca*, de Fernando Tatagiba, com apresentação de João Antônio e ilustrações de Norton Dantas, janeiro de 1996;
12. *As contas no canto*, de Bernadette Lyra, com apresentação de Virgínia de Albuquerque e ilustrações de Nelma Guimarães, fevereiro de 1996.

A Secretaria de Cultura da Prefeitura de Vitória criou, em 1998, a Coleção Roberto Almada, cujos volumes contêm notícia biográfica, estudo crítico e textos selecionados de autores capixabas.



Capas dos volumes da Coleção Roberto Almada.

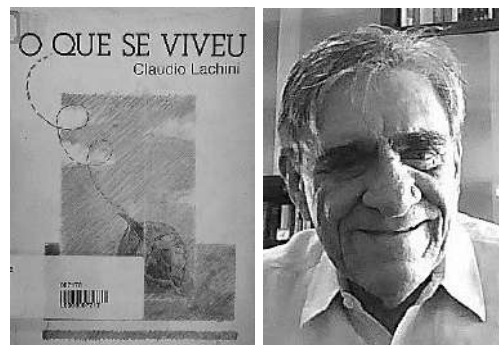
Com previsão inicial de onze volumes, a coleção já editou os seguintes títulos:

1. *De folhas versadas*, de Deny Gomes, sobre Roberto Almada, 1998;
2. *Inquilino da rua da imaginação*, de Fábio Memelli, sobre Fernando Tatagiba, 1998;
3. *Júbilo e agonia*, de Deny Gomes, sobre Amylton de Almeida, 1999;
4. *A árvore das palavras*, de Francisco Aurelio Ribeiro, sobre Adilson Vilaça, 1999;
5. *Metáforas e hieróglifos*, de José Arthur Bogéa, sobre Bernadette Lyra, 2000;
6. *Navegante do imaginário*, de Maria Thereza L. Coelho Ceotto, sobre Luiz Guilherme Santos Neves, 2001;
7. *Dédalo no centro do labirinto*, de Joana D'Arc Baptista Herkenhoff, sobre Miguel Marvilla, 2001.

Por fim, não se pode deixar de citar a criação, junto ao Centro de Ciências Humanas e Naturais da Ufes, em 1996, do Programa de Pós-graduação em Estudos Literários (mestrado), que deu nova perspectiva e profundidade à formação de especialistas em crítica e análise literárias. Dentre as dezenas de mestres produzidos pelo programa, muitos dedicaram-se ao autor capixaba em suas dissertações, monografias, e comunicações apresentadas em congressos ou seminários. Citem-se Maria Thereza Coelho Ceotto, cuja dissertação, *História, carnavalização e neobarroco: Leitura do romance contemporâneo produzido no Espírito Santo*, publicada em formato de livro pela Editora da Ufes em 1999, contemplou a obra de Adilson Vilaça, Bernadette Lyra e Luiz Guilherme Santos Neves; Luiz Romero de Oliveira, que tratou de obras de Reinaldo Santos Neves na sua dissertação ainda inédita – *O destino de uma escrita: O amor e a espera em Sueli: romance confesso e Muito soneto por nada*; e ainda Virgínia Coeli de Albuquerque, Andréia Delmaschio, Maria Isolina de Castro Soares, Maria Lúcia Kopernick, Tânia Vargas Canabarro e Sinval Paulino.

U) OUTROS AUTORES DA DÉCADA DE 90

Algumas figuras por assim dizer históricas do movimento literário capixaba foram editadas em livro pela primeira vez na década de 90. Entre elas se destacam Cláudio Lachini e Paulo Torre. **Cláudio Lachini**, como se viu, fora, trinta anos antes, ao lado de Xerxes Gusmão Neto e de Carlos Chenier, um dos líderes do Clube do Olho, é o último dos três a chegar ao livro de poesia. Em 1991, na primeira parte do livro *O que se viveu*, resgata os poemas escritos em Vitória entre 1962 e 1968.



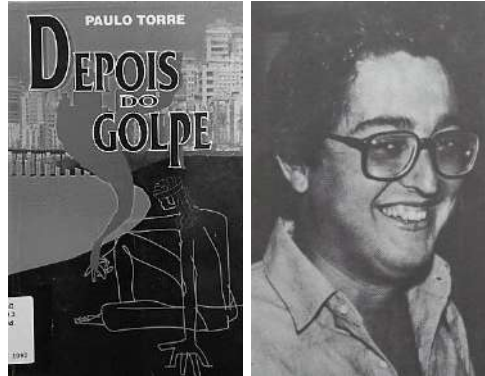
Capa de *O que se viveu*, de Claudio Lachini.

Já **Paulo Eduardo Torre** (1947-1995) participara do movimento cultural em Vitória nos anos 70, produzindo peças de teatro e filmes de curta metragem. Em 1993 lança o romance *Depois do golpe* e, em 1994, o livro de contos *Todos estes anos*. De seu romance disse Amylton de Almeida:

Este livro estrutura-se como uma reflexão entre cínica e terna, entre crítica e elegíaca, entre triste e solidária, sobre a juventude brasileira urbana dos anos 70, completamente confusa e perdida com os rumos políticos do país entregue a um regime ditatorial.

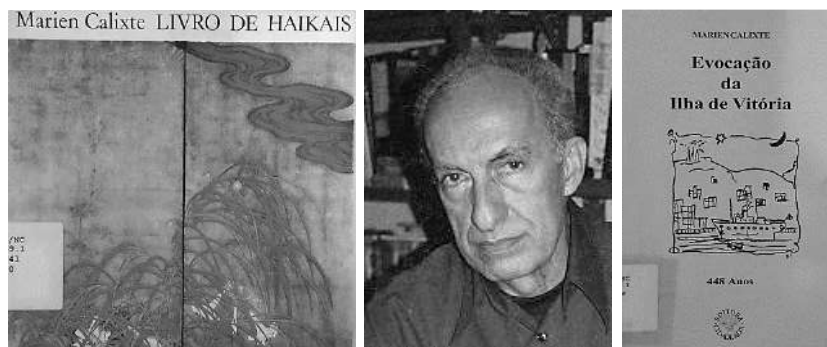
Seus contos são assim apresentados na contracapa do livro:

Dez contos da geração pop, em que os estilos realista e fantástico se fundem para mostrar o universo dos desajustados e dos rebeldes sem causa. E no conto que dá título ao livro, o enterro do personagem principal simboliza o fim das ilusões da geração de 68, ao som de uma canção dos Beatles.



Capa de *Depois do golpe*, de Paulo Eduardo Torre (foto de Ailton Lopes).

Marien Calixte (1935–2013), nascido no Rio de Janeiro e radicado em Vitória desde criança, dedicou-se sobretudo ao poema curto e ao haikai. Publicou *Livro de haikais* (1990; reeditado em 1993; lançado em edição italiana, com o título *Atlantico!*, em 1994), *Não amarás* (1991), *Lua imaginária*, *Evocação da ilha de Vitória* (1995) e *Le vent de l'autre nuit/O vento da outra noite* (1996), edição bilíngüe, com versão para o francês feita por Jô Drummond (uma edição bilíngüe em italiano e alemão, *Il nobile animale/Das edle Tier*, foi lançada na Itália em 1996). É também autor de um livro de contos de ficção científica, *Alguma coisa no céu* (1985; reeditado em 1995; lançado em edição italiana, com o título *Sulla pietra dai due occhi*, em 1996), bem como de literatura para crianças e de uma biografia, *Florentino Avidos – Um homem além do seu tempo* (2000).



Capa de *Livro de haikais* e *Evocação da Ilha de Vitória*, de Marien Calixte.

Wilson Coêlho, já citado anteriormente como poeta, e que tem tido atuação destacada no teatro, lançou nessa década alguns livros de ficção em prosa: *Dionisismos* (1991), *A palavra criatura* (1994) e *Em busca do verbo perdido* (2000). **Álvaro Abreu** publicou *Crônica do meu primeiro infarto* (1996), relato de experiência pessoal que pode ser lido como um romance. **Miguel Depes Tallon** (1948-1999), historiador e professor da Ufes, presidente do Instituto Histórico e Geográfico do Espírito Santo de 1996 até sua morte, deixou obra numerosa e variada, da história ao folclore, da poesia à prosa de ficção.



Capa de *As rãs de Bashô e outros poemas* e *Romanceiro do Rio Pardo*, de Miguel Depes Tallon.

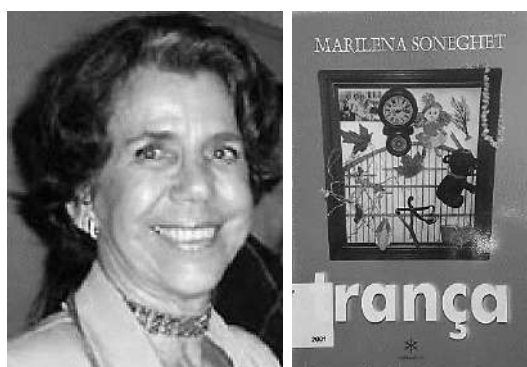
Dentre os livros que publicou na área de literatura estão *Tratado dos povos estranhos, diferentes e desconhecidos* (1991), *Marília* (Vera Cruz) (1992), *As rãs de Matsuo Bashô* (1994), *Poemas de Pedra Azul* (1994), *Carta náutica dos rios, riachos, ribeirões, regatos, córregos, lagos, lagoas, brejos, mares, oceanos, pântanos, tanques, poças, açudes e outras águas* (1995), *A mão que podia cair* (1995), *Torre dos clérigos (poemas de Portugal)*, *Depois de abril* (1998, romance), *Romanceiro do Rio Pardo (Meio-dia em Rio Pardo)* (1999). Publicou ainda *A revolução de 30 no Espírito Santo* (em co-autoria com Luciana Osório Costa), *Quadras populares de Cachoeiro*, *Pequeno roteiro maratimba* (1995), *Pequeno roteiro lírico de Cachoeiro* (1995) e *Breviário de apelidos* (1995), além de *História e ficção em Renato Pacheco* (2000), publicado postumamente. **Erlon José Paschoal**, paulista radicado no Espírito Santo desde 1987, destaca-se na área teatral como diretor, ator e autor. Como tradutor, especializou-se em obras de autores de língua alemã, tendo traduzido Goethe, Kafka, Brecht, Lutero, Büchner, Ernst Cassirer, Klaus Mann e outros. Em 2000 lançou o livro de contos *Espelho da alma* pela Flor&Cultura.

Na crônica, a revista *Você*, da Universidade Federal do Espírito Santo, revelou em suas páginas Ivan Borgo, que se assinava Roberto Mazzini, e Luiz Guilherme Santos Neves, que usava o pseudônimo de Luís de Almeida. As crônicas de um e de outro foram posteriormente reunidas em livros: *Crônicas de Roberto Mazzini* (1995) e *Escrivão da frota* (1997). Na mesma revista Bernadette Lyra, Adilson Vilaça e Gilbert Chaudanne também produziram crônicas de excelente nível. Ainda na crônica, **Paulo Bonates** (1947–), amazonense radicado no Espírito Santo desde 1965, publicou *Guerra é guerra* (1989) e *Arcos da velha* (1992). **Francisco Aurelio Ribeiro** (1955–), mais conhecido como estudioso da literatura local, publicou crônicas de natureza memorialística, *Fantasmas da infância* (1998);



Capa de *Fantasmas da infância* e *Vida vivida*, de Francisco Aurelio Ribeiro

Márzia Figueira, falecida em 2000, publicou *Os inocentes* (1999), uma coletânea de crônicas selecionadas por Francisco Aurelio Ribeiro dentre as que ela publicou em periódicos durante trinta anos. **Marilena Soneghet Bergmann** (1938–), que estreou com *Nas asas do vento* (1992), poemas, se dedica à crônica memorialística em *Trança* (2000), livro que vale sobretudo pela linguagem coloquial e pelo que tem de registro documental do cotidiano de Vitória nos anos 40 e 50.

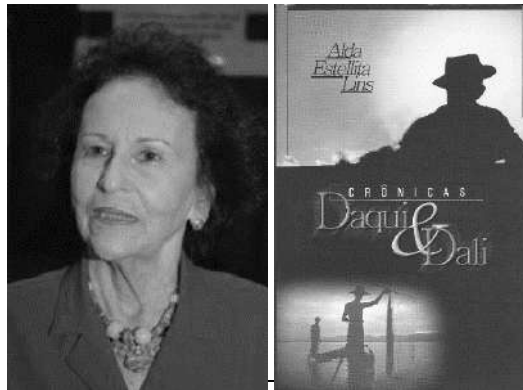


Capa de *Trança*, de Marilena Soneghet.

Em novembro de 1997, José Irmo Gonring inaugura na *Gazeta On-Line* o projeto Crônicas Capixabas, com a participação de quatro escritores locais que divulgam mensalmente contos ou crônicas nesse espaço virtual, permanecendo ali, cada mês, durante uma semana. Esses escritores são Adilson Vilaça, José Irmo Gonring, Reinaldo Santos Neves e Luiz Trevisan, este substituído posteriormente por Márzia Figueira. O projeto foi encerrado em dezembro de 1999. Adilson Vilaça, paralelamente, inseriu na home-page da Prefeitura de Vitória o romance-folhetim *Coração ilhéu*, que publicou como livro impresso em 1999; os textos veiculados por Adilson no projeto Crônicas Capixabas foram publicados no livro *Carinhos de solidão lilás*, também de 1999. Reinaldo Santos Neves reuniu em livro, ainda por publicar, os textos que produziu para o mesmo projeto, dando-lhe o título de *Dois graus a leste, três graus a oeste*.

Alda Estellita Lins (1932–), nascida em Cachoeiro de Itapemirim e radicada no Rio de Janeiro, publicou vários livros de crônicas, como *Milho da minha roça* (1991), *Espelho que me revela* (1992), *Assim como a luz de um fósforo* (1994), e *Três minutos não mais* (1997). Publicou também *Contos curtos* (1999). Segundo Francisco Aurelio Ribeiro, “Alda Estellita Lins é a melhor

herdeira da tradição de Rubem Braga, com suas crônicas líricas, memorialísticas, sentimentais” (RIBEIRO, 1998, p. 28).



Capa de *Daqui e dali*, de Alda Estellita Lins.

Outra capixaba de nascimento que desenvolve atividade literária fora do Estado é **Vera Moll** (1946–). Nascida em Mimoso do Sul e radicada no Rio de Janeiro desde 1965, é autora dos romances *Um homem delicado* (1996), *Mulher de bandido* (1998) e *Meu adorado Pedro* (2001), este último um romance de ambientação histórica que tem como argumento central o casamento de Pedro I com a princesa Leopoldina. Vera Moll é autora, ainda, de *Teias de aranha* (1981), ensaio autobiográfico.



Capa de *Mulher de bandido* e *Homem delicado*, de Vera Moll.

Gilbert Chaudanne (1948–), francês de Besançon, radicado em Vitória desde 1985, conhecido principalmente como artista plástico, é quem vai renovar, no início dos anos 90, o conceito de publicações alternativas ou marginais. Seu estilo é combinar recursos tecnológicos – como a cópia xerográfica – à produção de livros artesanais que se caracterizam pelo texto manuscrito e pela inclusão de ilustrações exclusivas em cada exemplar. Um desses textos é *As metamorfoses da madona* (1991), definido na folha de rosto como “livro escrito a mão em neogótico pós-moderno pelo próprio autor e sua santa paciência com belíssimas xilogravuras impressas a mão e com nuances notáveis segundo o exemplar”. Na mesma linha é *Van Gogh: o pão e o fogo* (1992 e 1993), com “tiragem limitada de mais ou menos 70 exemplares”. *O grande poema da montanha do saber e do não-saber e da ilha feliz cidade redonda* (1990), editado com apoio da Fundação Ceciliano Abel de Almeida, segue o mesmo formato mas com capa dura. Mais tarde, com *A passagem de Marina* (1996), Chaudanne

adere ao livro industrial. Ainda assim, foi feita desse livro uma tiragem especial de trinta exemplares em papel vergé, numerados e autografados pelo autor.



Capas de *A moça da janela* e *A passagem de Marina*, de Gilbert Chaudanne.

Os anos 90 viram um *revival* das oficinas literárias, com Deny Gomes coordenando uma série delas na Livraria da Ilha. No livro *No canto do olho* (1998) estão reunidos textos em prosa de oito participantes dessas oficinas: Anne Ventura, Elizabeth Martins, Leini Veloso, Lucimar Cardozo, Manuella Gómez, Roberta Giovannotti, Sandra Almeida e Sílvia Renata Cohen.

Na poesia, *Kyriale* (1993), texto produzido a quatro mãos como registro de uma experiência amorosa, foi publicado por Jayme Santos Neves e Elídia Franzin sob o pseudônimo Elyme Franes (ver o conto borgesiano “Poética de Franes”, in *A centopéia*, p. 119-26) sem que se identifique a autoria dos poemas individuais.

Ferdinand Berredo de Menezes (1929–), maranhense radicado desde jovem no Espírito Santo, autor do livro de poemas *Catedral dos vácuos* (1955), retomou sua atividade poética nessa década, publicando, entre outros, os livros *A surdez dos clarões* (1993), *Clarividências do nunca* (1993), *Sobras do absoluto* (1997) e *Flauta do azul* (1999).

A década de 90 representa, na vasta obra poética do gaúcho **Carlos Nejar** (1939–), a fase por assim dizer azul e rosa, já que se achava então radicado no Espírito Santo. Entre os livros que aqui produziu está *Elza dos pássaros ou A ordem dos planetas* (1993), editado com recursos da Lei Rubem Braga, além de textos em prosa, como *A idade da aurora* (1990; reeditado em 1991) e *O túnel perfeito* (1991).

Elisa Lucinda Campos Gomes (1958–), que se assina apenas Elisa Lucinda, é autora de *Aviso da lua que menstrua* (1990), *Sósias dos sonhos (poemas e alguma prosa)* (1994), *O semelhante* (1994; 2a. edição, 1998; 3a edição, 2002), e *euteamo e suas estréias* (2000), além do CD *O semelhante* (1997).



Capa de *O semelhante* e *euteamo e suas estreias*, de Elisa Lucinda.

Atriz de televisão, teatro e cinema, Elisa Lucinda leva sua poesia ao palco, numa fusão com o teatro e a música. Sobre ela escreveu Francisco Aurelio Ribeiro:

A melhor poesia erótica feminina, ou poesia-fêmea, é a de Elisa Lucinda, poeta e atriz. Seu primeiro livro, *Aviso da lua que menstrua*, 1990, é um escândalo, pela liberação total do verbo, da paixão e da tesão, que os homens e as mulheres, estas subjugadas por eles, esconderam durante tantos anos (RIBEIRO, 1996, p. 52-53).

E, mais adiante: “Seus poemas retratam o cotidiano mais intimista da mulher esposa, mãe, amante, num realismo gritante de um eu exclusivamente mulher” (RIBEIRO, 1996, p. 53).

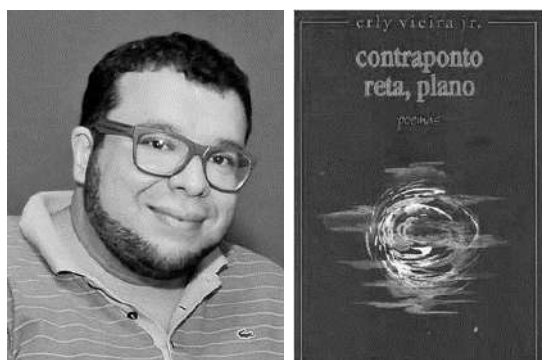
Dentre outros nomes novos surgidos na década estão os de **Viviane Mosé** (1964–), que publicou *Escritos*. (1989), *7 + 1* (1997) e *Toda palavra* (1997);



Capa de *Escritos*, de Viviane Mosé.

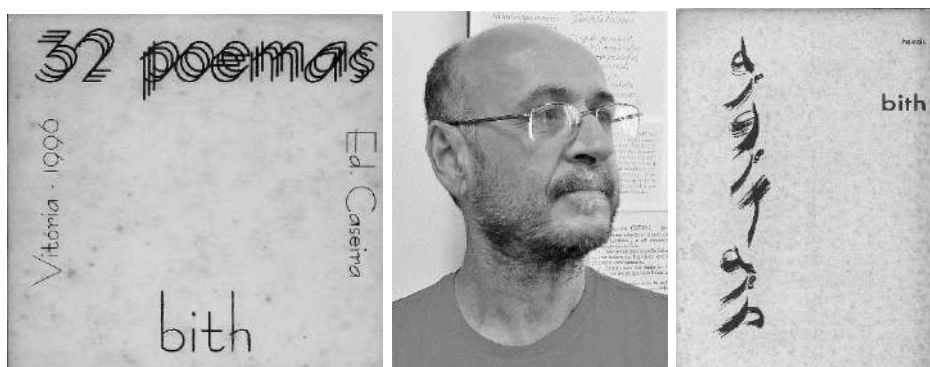
Abner G. Jacobsen, autor de *Poemas* (1991), edição artesanal com ilustrações e gravuras originais de Gilbert Chaudanne e tiragem de cem exemplares; **Magda Lugon** (1944–), cujos livros principais são *As faces de Proteu* (em co-autoria com Evandro Moreira) e *Janelas* (premiado no concurso literário do DEC em 1995), ambos de sonetos; **Lucimar Cardozo** (1961–), autor de *Poemas e não palavras* (1994), *Filete* (1995), *Avesso* (1996) e *Vertente* (2000), este último editado com prefácio de Deny Gomes; **Caê Guimarães** (1970–), autor de *Por baixo da pele fria* (1997), editado também com prefácio de Deny Gomes; **Israel Francisco do Rozário** (1971–), que publicou alguns poemas na

revista *Você*¹⁷; **Antonio Bezerra Neto** (1957–), nascido no Rio Grande do Norte e radicado em Linhares, praticante de uma poesia sóbria e límpida, que publicou *Rendas barrocas* (1996), *Seda sacra* (1999), *Matinas & ângelus* (2000), *À sombra do claustro* (2001), além dos livros de crônicas *Pequeno espólio e outros escritos* (1996) e *Flanando: registro de andanças* (1998); e **Erly Vieira Júnior** (1977–), que publicou *Contraponto, reta, plano* (1998). Na apresentação deste livro, José Augusto Carvalho escreveu: “Em nenhum momento deste livro ocorre ao leitor a idéia de que se trata de um autor estreante”, definindo Erly Vieira Júnior como “um poeta maduro, conhecedor dos recursos estilísticos e dos segredos mais recônditos da língua portuguesa” (CARVALHO, 1999).



Capa de *Contraponto, reta, plano*, de Erly Vieira Jr.

Digno de menção é um grupo de professores do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Espírito Santo, todos eles doutores, todos eles poetas e todos eles vindos de outros Estados e aqui radicados há pelo menos cinco anos. São eles **Alexandre Moraes** (1955–), autor de *Objetos com nomes* (1995) e *Pequenos filmes sobre o corpo* (1997), o primeiro editado pela Secretaria de Cultura da Ufes, o segundo, pelo Instituto Histórico e Geográfico do Espírito Santo; **Lino Machado** (1957–), ainda inédito em livro, mas com poemas publicados em revistas diversas; **Raimundo Carvalho** (1958–), autor de *Sabor plástico* (1983), *Brinde* (1990) e *Conversa com o ciclope* (1997); e **Wilberth Salgueiro** (1964–), que como poeta se assina Bith, autor de 32 poemas e *Digitais* (1990).

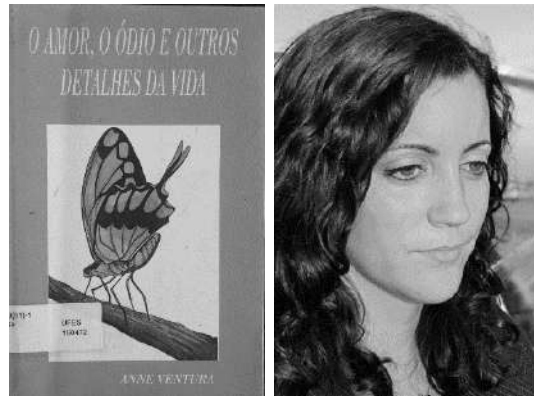


Capa de *32 poemas* e *Digitais*, de Wilberth Salgueiro (Bith).

¹⁷ Cf. n. 47, de julho de 1997, p. 38-40.

Os quatro participaram, em 2001, da série alternativa Folha de Livro: Alexandre com *Algun sinal*; Lino Machado com *Meus & de mais*; Raimundo com *Língua impura*; e Wilberth com *+ caras*. Além destes, **Bernardo de Oliveira** (1965–), também professor do mesmo programa de pós-graduação, publicou alguns trabalhos em prosa em periódicos e coletâneas.

Anne Ventura (1981–) estreou aos quinze anos com *O amor, o ódio e outros detalhes* (1996); os poemas que incluiu numa antologia coletiva, *Escritos entre dois séculos* (2000), revelam um grande amadurecimento na técnica e no discurso de sua poesia.



Capa de *O amor, o ódio e outros detalhes*, de Anne Ventura.

Sobre **Gabriel Menotti Gonring** (1983–), autor de *Ensaaios para taxidermia (uma breve coletânea de artefatos encantados e engenhocas bizarras)* (1999), Francisco Aurelio Ribeiro escreveu que, “da novíssima geração, Gabriel é o poeta que a representará, no próximo milênio”. E define, na orelha do livro:

Ensaaios para taxidermia dialoga com a tradição da poesia simbolista (um outro Rimbaud?), com as estéticas científicas do final do século XIX e com os primeiros modernistas. Diferente de todos eles, no entanto, Gabriel Menotti Gonring faz uma poesia neobarroca, em que os conflitos espírito/matéria, mitologia profana/mitologia bíblica estão evidentes a todo momento.

Marcus Nicodemus Cysne, que já lançara alguns livros de poesia na década anterior, reaparece em grande estilo com *O cavaleiro alumioso* (1999), editado com o selo da Editora da Ufes e apoio das Secretarias estadual e municipal de Cultura e do Instituto Histórico e Geográfico do Espírito Santo.



Capa de *Branco* e *O cavaleiro alumioso*, de Marcus Nicodemus Cysne.

Resultado de um projeto gráfico primoroso, fartamente ilustrado por César Cola, o livro inclui ainda um CD áudio (leitura dos poemas com acompanhamento musical) de que consta também uma faixa multimídia. Do texto em si diz Deny Gomes na contracapa do livro:

As bases da poética de Marcus Nicodemus Cysne assentam na cultura popular, por onde se aproxima do medievalismo, na cultura erudita, que lhe dá alguns traços do antropocentrismo renascentista e um certo colorido barroco, e na literatura contemporânea, cuja diversidade criativa é assinalada pela ruptura dos modelos herdados e pela invenção do inusitado.

Com Eliza Lucinda e Marcus Nicodemus Cysne, que fizeram edições de livros acompanhadas de CDs, com Adilson Vilaça, que publicou um romance-folhetim na internet, e com o projeto Crônicas Capixabas, idealizado por José Irmo Gonring para veicular textos de autores locais na *Gazeta On-Line*, o autor capixaba passa a valer-se também de recursos eletrônicos para divulgar seus trabalhos.

SEXTA PARTE

A ATUALIDADE



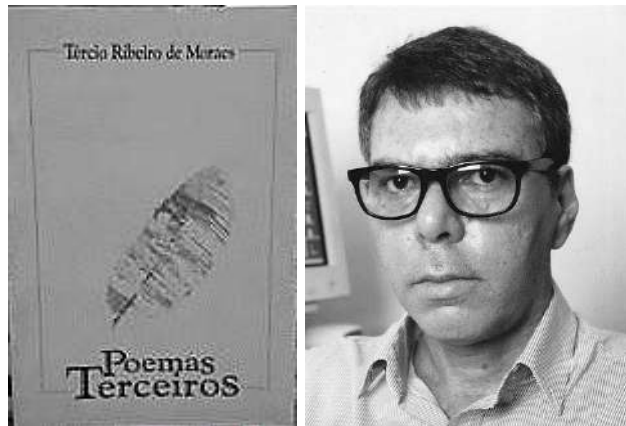
V) OS TRÊS PRIMEIROS ANOS DO SÉCULO XXI

Já lá se foram os três primeiros anos do século XXI. Foi um triênio meio magro para a literatura feita no Espírito Santo.

No gênero romance destacaram-se *O capitão do fim*, de Luiz Guilherme Santos Neves, e *Menino*, de Pedro J. Nunes, lançados, ambos, em 2001. O primeiro, uma publicação do Instituto Histórico e Geográfico do Espírito Santo em parceria com a Cultural-ES, é uma biografia fantástica de Vasco Coutinho, primeiro donatário da capitania do Espírito Santo. O segundo, premiado no Concurso Capixaba de Literatura promovido pela Secretaria de Estado da Cultura em 1998, é um painel da infância numa cidade do interior capixaba na virada das décadas 60 e 70.

Na poesia o grande destaque foi *O relógio marítimo*, de Oscar Gama Filho, lançado em 2001, inaugurando a Coleção Columba, da Editora Imago. O livro é estruturado em duas partes: “O relógio marítimo” é uma antologia de poemas extraídos de seus livros anteriores, enquanto “Últimos poemas — desesperados — de amor” constitui um livro à parte, reunindo poemas até então inéditos, o que permite uma visão panorâmica da obra poética de Oscar. Em seu prefácio, o poeta Carlos Nejar diz que os poemas de Oscar Gama Filho se caracterizam pela ida e volta das palavras, em torno de um núcleo, como roldana — o círculo do tempo e do Destino. E os vocábulos assim se forjam, fosfóricos — criaturas tão mágicas quanto absorventes. Com a inclinação do delírio. A linguagem do poema entra no âmago do sonho, por ter a gramática do delírio”. E, mais adiante: “T. S. Eliot adverte que o grande poeta tem três qualidades: a excelência, a abundância e a diversidade”. Oscar Gama Filho preenche a abundância e a desmedida. Também indubitável é sua excelência, com achados verbais peculiares e espantosos (inseridos no próprio processo de carnavalização). E a diversidade é imperiosa na poesia *oscarina*. Desde a variedade de ritmos e metros, até a exuberância de tons e temas.” O volume inclui também um ensaio de teoria literária, “A essência da poesia”.

Adilson Vilaça deixou a sua esfera habitual — a prosa — para lançar em 2001, pela Secretaria de Esportes da Prefeitura de Vitória, um livro de poemas, *Art&sporte*, tendo como temas as diferentes modalidades esportivas. Cite-se ainda, no gênero poesia, o livro *Poemas terceiros*, de **Tércio Ribeiro de Moraes** (1955-2008), sem data, mas lançado em 2001.



Capa de *Poemas terceiros*, de Tércio Ribeiro de Moraes.

De Tércio Moraes como poeta disse Adilson Vilaça:

Tércio Ribeiro de Moraes é bendito transgressor. Contra a normalidade cabisbaixa da sintaxe permitida alevantou a insurgência aflita, pictórica, daliniana. Suas armas assinaladas são ferino *habeas-corpus* contra a coação imposta pelo conservadorismo, contra o senso comedido dos comuns, contra a inutilidade dos boquiabertos, dos perplexos, dos pasmos. Todo útil é fútil — eis a lição de sua prisão no labirinto (VILAÇA, 2001, p. 7).

Além desses, saiu em 2003 pela Léo Christiano Editorial uma *Antologia poética* de Geir Campos, organizada por Israel Pedrosa. Merecem menção, por fim, três outros lançamentos de 2003: *O abismo*, de Evandro Albani (1973-), *O livro do afeto*, de Luiz Carlos Almeida Lima, e *O camaleão sobre o muro*, de Marco Berger.



Capas de *Antologia poética*, de Geir Campos, e de *Um camaleão sobre o muro*, de Marco Berger.

O gênero que mais se destacou pelo número e pela excelência dos textos foi o conto. Francisco Grijó lançou *Licantropo*, pela Flor&Cultura, em 2001. No prefácio, assinado por Reinaldo Santos Neves, lê-se:

O que realmente importa, *lato sensu*, na literatura escrita por Francisco Grijó é que é uma literatura escrita com *inteligência*. [...] Sua literatura é inteligente, sobretudo, pela maquinação. E maquinação, em literatura, tem a ver com a logística do escritor. Tem a ver com os

preparativos e preparamentos do texto. Tem a ver com o grau de reflexão e de raciocínio que o escritor põe na escolha do tema, no planejamento da trama, no desenvolvimento da narrativa, no fecho — com ou sem desfecho — da história (NEVES, 2001).

Outros livros de contos de qualidade foram *Os fios da trama*, de **Cristina Lugão Porcaro** (1955—), mineira, graduada em Artes Plásticas pela Ufes; *Dessa vez pegaram pesado*, de Rodrigo Cravo Neto (1976—), com prefácio de Reinaldo Santos Neves; e *Corações de barro e outros contos*, de **Marcelo dos Santos Netto** (1978—), todos eles publicados pela Flor&Cultura em 2002. Pela Textus saiu, também em 2002, uma coletânea de contos de Adilson Vilaça intitulada *Identidade para os gatos pardos* – Contos afro-brasileiros, reunindo contos inéditos e alguns publicados em livros anteriores. Pela Cultural-ES saiu em 2002 *A medida de todas as coisas*, de Marco Berger, com orelha de Reinaldo Santos Neves e apresentação de Deny Gomes. Nesse livro, diz Deny Gomes,

a tentação fascinante da morte ou os sombrios caminhos da loucura são sublimados nos contos, salvaguardas que repelem a ameaça do vazio mortal do silêncio. As histórias aliviam as pulsões reprimidas e exorcizam os demônios com o mistério da transformação operado pela palavra da ficção (GOMES, 2002).

Em 2003, ainda no gênero conto, foram lançados *Contos desiguais*, do veterano Marien Calixte, pela Cidade Alta, *A fama e a cama*, do também veterano José Augusto Carvalho, pela Bom Texto, e *O colecionador de segundos*, da estreante **Mara Coradello** (1974—), pela 7Letras.



Capa de *O colecionador de segundos*, de Mara Coradello.

Deste livro disse Robério Oliveira Silva, mestre em Literatura pela Universidade Federal Fluminense:

Mara Coradello mostra-se uma autora contemporaníssima, é do aqui, do agora, e do daqui a pouco que ela nos fala. A impossibilidade de comunicação, tema já decantado pela cultura moderna, declina-se aqui numa configuração angustiante do poder e da transformação que o mundo tecnológico opera sobre a subjetividade: os casais se separam por um mal-entendido de recados virtuais, morrem em frigoríficos de supermercados, entre outras insólitas aventuras (SILVA, 2003).

Em termos editoriais, o Instituto Histórico e Geográfico manteve sua retração no que se refere à publicação de textos de literatura, dando prioridade aos estudos

de história e geografia, mais de acordo com os propósitos originais da instituição. Por outro lado, a Flor&Cultura Editores, de Miguel Marvilla e Christoph Schneebeil, se consolidou como principal produtora de livros de alta qualidade gráfica no Estado. Dentre os títulos publicados, citem-se as coletâneas *Escritos entre dois séculos — textos literários capixabas*, organizada por Miguel Marvilla e Maria Helena Teixeira de Siqueira, *A parte que nos toca — literatura brasileira feita no Espírito Santo*, organizada por Marvilla e Reinaldo Santos Neves, e *Alguns de nós em verso e prosa*, de novo organizada por Marvilla e Maria Helena, as duas primeiras lançadas em 2000, a terceira, em 2001;



Capa das antologias *Escritos entre dois séculos*,
A parte que nos toca e *Alguns de nós em verso e prosa*.

uma segunda edição de *Dédalo*, de Miguel Marvilla e o livro de contos de Francisco Grijó, *Licantropo*, ambos lançados em 2001; e os livros de contos de Cristina Porcaro, Rodrigo Cravo Neto e Marcelo dos Santos Netto, acima citados, todos em 2002.

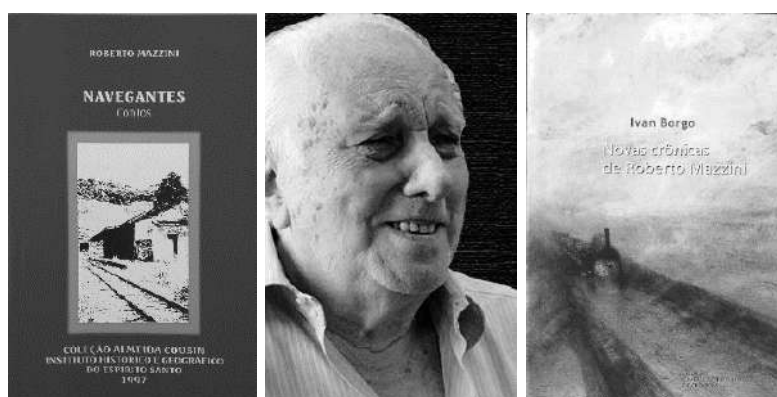
Numa iniciativa da Divisão Cultural da Gráfica Espírito Santo, em parceria com o Centro de Ciências Humanas e Naturais da Ufes e o seu Programa de Pós-Graduação em Letras, foi criada a Coleção Gráfica Espírito Santo de Crônicas, com a finalidade de publicar livros de cronistas capixabas, podendo estes ser cronistas do passado, cronistas em atividade ou cronistas iniciantes. O título inaugural da coleção foi uma reedição de *Praça Oito*, de Eugênio Sette, lançada em setembro de 2001, com apresentação de Renato Pacheco. Durante o ano de 2002 foram lançados *Crônicas daqui e dali*, de Alda Estellita Lins (1932—), uma reedição de *Vento Sul*, de Carmélia M. de Souza, e *Bordando memórias*, da estreante **Sônia Bonzi** (1949—), cujas crônicas tratam, com fina sensibilidade e minúcia de detalhes, da infância da autora na vila onde nasceu, Alto Calçado, no interior do Espírito Santo.



Capa de *Bordando memórias*, de Sônia Bonzi.

Novas crônicas de Roberto Mazzini, de Ivan Borgo, foi o lançamento de 2003. Aí

Roberto Mazzini revisita alguns dos seus temas mais caros, refletindo com ironia [...] sobre questões que afetam o ser humano não só como indivíduo mas também como espécie, ou seja, sobre nossa árdua convivência tanto conosco mesmos, no âmago da alma, como com os que conosco dividem o espaço, cada vez mais estreito e mais tenso, do planeta.



Capa de *Navegantes* e *Novas crônicas de Roberto Mazzini*, de Ivan Borgo.

A Secretaria de Cultura da Prefeitura Municipal de Vitória, através da Lei Rubem Braga, continua sendo também uma alternativa editorial para os escritores capixabas. Em paralelo, a Secretaria publicou mais três títulos da Coleção Roberto Almada, destinada a divulgar a obra de alguns dos mais representativos escritores capixabas contemporâneos. Em 2001 saiu *Múltiplas escrituras*, de Djalma Vazzoler e Mônica Sant'Anna, sobre vida e obra de Reinaldo Santos Neves. Em 2002 saíram *Nomes pra viagem*, de Andréia Delmaschio, sobre vida e obra de Renato Pacheco, e *Porque e por quê: Blank, Sérgio Luiz*, de Reinaldo Santos Neves, sobre vida e obra de Sérgio Blank.

Na internet, o Núcleo de Estudos e Pesquisas da Literatura do Espírito Santo, vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Ufes, criou e colocou no ar a página Bravos Companheiros e Fantasmas, no site Estação Capixaba, contendo informações sobre a produção literária espírito-santense e sobre os autores capixabas.



Página eletrônica de Bravos Companheiros e Fantasma, do Neples.

No ano de 2001 foram inseridos nessa página verbetes relativos a 17 autores, contendo notícia biobibliográfica, amostra da obra, depoimentos e fortuna crítica.



Página inicial do site *Estação capixaba*, dirigido por Maria Clara Medeiros Santos Neves.

Como opção para divulgação de textos, criou-se na mesma página o Canteiro de Obras, à semelhança do projeto *Crônicas Capixabas*, concebido em 1997 por José Irmo Gonring. O Canteiro entrou no ar em 2001 e, desde então, ocuparam esse espaço virtual: Renato Pacheco, com a publicação, em fascículos, do romance *O senhor Kurtz morto*, a que se seguiram os contos de *Veneno para matar uma rata e outros contos*. Ivan Borgo, com *Novas crônicas de Roberto Mazzini*, que em 2003 foram convertidas em livro incluído na Coleção Gráfica Espírito Santo de *Crônicas*; Reinaldo Santos Neves, com alguns textos da segunda parte de *Dois graus a leste, três graus a oeste*, e também “entretenimentos” como o conto “Estudo em ébano”; Luiz Romero de Oliveira (1959—) que, tendo publicado alguns textos na revista *Você* e na antologia *A parte que nos toca*, contribuiu para o Canteiro de Obras com *Corte & costura – reflexões sobre a vida doméstica*, narrativa contemporânea, além de alguns contos avulsos; Luiz Guilherme Santos Neves, com crônicas reunidas sob o título geral de *Chapot Prevost 252*.

Renato Pacheco publicou, em 2003, pelas Edições Galo Branco, *Ensaio de*

sociologia da literatura, livro que reúne três trabalhos compostos originalmente na década de 50: “Emília, personagem de Monteiro Lobato”; “O imigrante na literatura brasileira de ficção”; e “O juiz em alguns romances brasileiros.”

E foi só.

Vitória, agosto de 2000 a novembro de 2003
Reinaldo Santos Neves

Núcleo de Estudos e Pesquisas da Literatura do Espírito Santo
Programa de Pós-Graduação em Letras
Centro de Ciências Humanas e Naturais
Universidade Federal do Espírito Santo

REFERÊNCIAS

A TRIBUNA Ilustrada. *A Tribuna*, Vitória, n. de 9 e 23 de novembro de 1941; de 7, 14 e 21 de dezembro de 1941; de 4 de janeiro de 1942.

ACADEMIA Capixaba dos Novos. *Em homenagem ao IV centenário de Vitória*. Vitória: Academia Capixaba dos Novos, 1951.

AGUIAR, Maciel de. *O labirinto das horas*. São Mateus: Centro de Cultura Negra do Vale do Cricaré, 1982.

AMADO, Jorge. [Orelha]. In: AGUIAR, Maciel de. *O labirinto das horas*. São Mateus: Centro de Cultura Negra do Vale do Cricaré, 1982.

ANTOLOGIA do recital poético de jovens autores capixabas. Vitória: Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras/Ufes, 1969.

ASSIS BRASIL. [Orelha]. In: AGUIAR, Maciel de. *O labirinto das horas*. São Mateus: Centro de Cultura Negra do Vale do Cricaré, 1982.

BANDEIRA, Manuel. Coração de criança. In: _____. *Andorinha, andorinha*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1966.

BORGIO, Ivan. *Crônicas de Roberto Mazzini*. Vitória: Ufes, 1995.

BRANDÃO, Ambrósio Fernandes. *Diálogos das grandezas do Brasil*. Apresentação de Jaime Cortesão. Nota preliminar de Afrânio Peixoto. Introdução de Capistrano de Abreu. Aditamento de Rodolfo Garcia. Rio de Janeiro: Dois Mundos, 1943.

BRITTO, Jairo de. Pré-fácil. *Sim: conto, poesia & ensaio*, Vitória, n. 1, 1978.

BUSATTO, Luiz. *Karina*. In: TAMANINI, Virgínia. *Karina*. Vitória: Rede Gazeta de Comunicações, 1994. (Col. Projeto Nossolivro).

BUSATTO, Luiz. M. F. e sua gramática. In: MENDES FRADIQUE. *Grammatica portugueza pelo methodo confuso*. Rio de Janeiro/Vitória: Rocco/FCAA, 1984.

BUSATTO, Luiz. *O modernismo antropofágico no Espírito Santo*. Vitória: Ufes, 1992.

CALIXTE, Marien. Apresentação. In: ANTOLOGIA dos contistas capixabas. Vitória: Fundação Cultural do Espírito Santo, 1979.

CARDIM, Fernão. *Tratados da terra e gente do Brasil*. Introdução e notas de

Batista Caetano, Capistrano de Abreu e Rodolfo Garcia. 3. ed. São Paulo: Nacional, 1978.

CARVALHO, José Augusto. [Livros] Capixabas. *Revista de Cultura da Ufes*, Vitória, n. 1, 1967a.

CARVALHO, José Augusto. Apresentação. In: VIEIRA JR., Erly. *Contraponto, reta, plano*. Vitória: 1999.

CARVALHO, José Augusto. Panorama das letras capixabas. *Revista de Cultura da Ufes*, Vitória, n. 21, 22 e 23, 1982.

CARVALHO, José Augusto. Ver Vitória. *A Gazeta*, Vitória, n. de 19 de agosto de 1967b.

CLÁUDIO [de Freitas Rosa], Afonso. *História da literatura espírito-santense*. Porto: Oficinas do Comércio do Porto, 1912.

CLÁUDIO [de Freitas Rosa], Afonso. *História da literatura espírito-santense*. Edição fac-similada da de 1912. Rio de Janeiro: Xerox do Brasil, 1981.

COORDENAÇÃO de Literatura da Sub-Reitoria Comunitária da Ufes. II Concurso Universitário de Contos. *Revista de Cultura da Ufes*, Vitória, n. 19, 1981 (Encarte).

COUTINHO, João Amorim. Pós-fácil. *Sim: conto, poesia & ensaio*, Vitória, n. 1, 1978.

DANIEL, Herbert. Carta ao autor sobre *O despedaçado ao espelho*, de Oscar Gama Filho. Texto inédito. 1988.

DALVI, Maria Amélia. *Literatura do Espírito Santo*. Vitória, 2018. Texto inédito.

DOURADO, Mecenas. *A conversão do gentio*. Rio de Janeiro: São José, 1958.

ELTON, Elmo. *Poetas do Espírito Santo*. Vitória: Fundação Ceciliano Abel de Almeida, 1982.

ESTAÇÃO capixaba. Disponível em: <<http://www.estacaocapixaba.com.br/>>. Acesso em: 29 jan. 2019.

FRADIQUE, Mendes [José Madeira de Freitas]. *Idéias em zigue-zague*. Rio de Janeiro: Leite Ribeiro, 1928.

FRAGA, Cristiano Ferreira. *Com a palavra*. Vitória: [s. n.], 1972.

GAMA FILHO, Oscar et al. Manifesto do Grupo Letra. *Letra*, Vitória, n. 1, 1981.

GAMA FILHO, Oscar. A história de um erro: o primeiro escritor

capixaba. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Espírito Santo*, Vitória, n. 35, p. 45-54, 1984a.

GAMA FILHO, Oscar. Espírito Santo. In: COUTINHO, Afrânio; SOUZA, J. Gallante de Sousa. *Enciclopédia de Literatura Brasileira*. Rio de Janeiro: Oficina Literária Afrânio Coutinho, 1990. v. 1.

GAMA FILHO, Oscar. *Grammatica portuguesa pelo methodo confuso*. In: FRADIQUE, Mendes. *Grammatica portuguesa pelo methodo confuso*. Rio de Janeiro/Vitória: Rocco/ Fundação Ceciliano Abel de Almeida, 1984b.

GAMA FILHO, Oscar. Prefácio. In: CARVALHO, José Augusto. Panorama das letras capixabas. *Revista de Cultura da Ufes*, Vitória, n. 21, 1982.

GAMA FILHO, Oscar. *Vitória 25*. In: CHENIER, Carlos. *Vitória 25*. Vitória: Fundação Ceciliano Abel de Almeida, 1985.

GAMA FILHO, Oscar. *Razão do Brasil em uma sociopsicanálise da literatura capixaba*. Rio de Janeiro/Vitória: José Olympio/Fundação Ceciliano Abel de Almeida/Ufes, 1991.

GÂNDAVO, Pero de Magalhães. *Tratado da Terra do Brasil. História da Província Santa Cruz*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1980.

GOMES, Deny. Apresentação. In: BERGER, Marco. *A medida de todas as coisas*. Vitória: Cultural-ES, 2002

GOMES, Deny. Orelha. In: IGREJA, Marcos. *A estação em volta*. Vitória: Ufes, 1993.

GOMES, Deny. Prefácio. In: NUNES, Pedro José. *Vilarejo e outras histórias*. 5. ed. Vitória: Instituto Histórico e Geográfico do Espírito Santo, 1999.

GOMES, Deny. Sobre *O bicho antropeide*, de Luiz Busatto. Texto inédito. [s.d.].

GOMES, Deny. *Júbilo e agonia. Amylton de Almeida: vida e obra*. Vitória: Prefeitura Municipal de Vitória, 1999.

LEITE, Serafim (Ed.). *História da Companhia de Jesus no Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, [1938]. t. I.

LYRA, Bernadette. *Nada de novo sob o neon*. In: LYRIO, Sebastião. *Nada de novo sob o néon*. Rio de Janeiro/Vitória: Espaço e Tempo/ Fundação Ceciliano Abel de Almeida, 1988.

LYRA, Bernadette. *Nas raízes do grito*. In: SARLO, Flávio. *Nas raízes do grito*. Vitória: Fundação Ceciliano Abel de Almeida, 1982.

MARVILLA, Miguel. Apresentação. In: PALAVRAS da cidade. Vitória: Prefeitura Municipal de Vitória, 1990. v. 1.

MESQUITA, Letícia Nassar Matos. *A produção literária feminina nos jornais capixabas na segunda metade do século XIX: a revelação de Adelina Lírio*. Vitória: Programa de Pós-Graduação em Letras da Ufes/Academia Espírito-santense de Letras/Instituto Histórico e Geográfico do Espírito Santo, 1999.

MONTENEGRO, Tulo Hostílio. *Tuberculose e literatura*. Notas de pesquisa. 2. ed. revista e aumentada. Rio de Janeiro: A Casa do Livro, 1971.

NEVES, Guilherme Santos. *Visão de Anchieta*. Vitória: Instituto Histórico e Geográfico do Espírito Santo/Cultural-ES, 1997.

NEVES, Reinaldo Santos. Antes, porém. In: BLANK, Sérgio. *Vírgula*. Vitória: Cultural-ES, 1996.

NEVES, Reinaldo Santos. Da pedra no sapato ao nó na garganta. In: LOPES, Orlando. *Hardcore blues – Apocalyptic songs*. Vitória: Ufes, 1993.

NEVES, Reinaldo Santos. Prefácio. In: GRIJÓ, Francisco. *Licantropo*. Vitória: Flor&Cultura, 2001.

NEVES, Reinaldo Santos. Roberto Almada. *Você*, Vitória, n. 22, abr. 1994.

NEVES, Reinaldo Santos. Uma nova dimensão poética. In: GAMA FILHO, Oscar. *Congregação do desencontro*. Vitória: Fundação Cultural do Espírito Santo, 1980.

NEVES, Reinaldo Santos; SIMONETTI JR., João Carlos. Começo de conversa. *Você*, Vitória, n. 1, 1992.

OLIVEIRA, José Carlos. Invenção do Escritor Residente. *Letra*, Vitória, n. 5, 1985.

PACHECO, Félix. Um dicionário inédito da língua indígena. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Espírito Santo*, Vitória, n. 8, p. 22-32, 1935.

PACHECO, Renato. *A ficção capixaba: 1930-1960*. Texto inédito. 1988.

PESSANHA, Olival Mattos et al. *Ultimato*. Vitória: Prefeitura Municipal de Vitória/Fundação Cultural do Espírito Santo, 1972.

PINTO, Edith Pimentel. *O auto da ingratidão* (Na Vila de Vitória – Anchieta). São Paulo: Conselho Estadual de Artes e Ciências Humanas, 1978.

REIS, Antônio Simões dos. Prefácio. In: LINS, Augusto et al. *Torta capixaba*. Vitória: Âncora, 1962.

RIBEIRO, Francisco Aurelio. Orelha. In: BLANK, Sérgio. *A tabela periódica*. Vitória: Ufes, 1993[b].

RIBEIRO, Francisco Aurelio. *A árvore das palavras. Adilson Vilaça: vida e obra*. Vitória: Prefeitura Municipal de Vitória, 1999.

RIBEIRO, Francisco Aurelio. *A literatura do Espírito Santo: uma marginalidade periférica*. Vitória: Instituto Histórico e Geográfico do Espírito Santo, 1996.

RIBEIRO, Francisco Aurelio. *A modernidade das letras capixabas*. Vitória: Fundação Ceciliano Abel de Almeida, 1993.

RIBEIRO, Francisco Aurelio. *A série Letras Capixabas: uma contextualização*. Vitória: Tertúlia, [2005-]. Disponível em: <http://www.tertuliacapixaba.com.br/paraler/a_serie_letras_capixabas_uma_contextualizacao.html>. Acesso em: 29 jan. 2019.

RIBEIRO, Francisco Aurelio. *Antologia de escritoras capixabas*. Vitória: Ufes, 1998.

RIBEIRO, Francisco Aurelio. *Estudos críticos de literatura capixaba*. Vitória: Fundação Ceciliano Abel de Almeida, 1990.

SANT'ANNA, Affonso Romano de. A gramática pelo método confuso. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 10 mar. 1985.

SILVA, Nilzett. A marca feminina em *O desejo aprisionado*. *Você*, Vitória, n. 26, set. 1994.

SILVA, Robério Oliveira. Apresentação. In: CORADELLO, Mara. *O colecionador de segundos*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2003.

SIQUEIRA, Francisco Antunes de. *Memórias do passado: a Vitória através de meio século*. Edição de texto, estudo e notas de Fernando Achiamé. Vitória: Cultural-ES/Flor&Cultura, 1999.

SODRÉ, Paulo Roberto. *Com Viviane ao lado*, de Francisco Grijó. *Você*, Vitória, n. 36, p. 39, 1995.

SOUSA, Gabriel Soares de. *Tratado descritivo do Brasil em 1587*. Comentários de Francisco Adolfo de Varnhagen. 3. ed. São Paulo: Nacional, 1938.

SOUSA, Pero Lopes de. *Diário da navegação*. Introdução de J. P. Leite Cordeiro. Notas de Francisco Adolfo de Varnhagen e Brasil Bandecchi. São Paulo: Parma, 1979. (Cadernos de História, v. I).

TATAGIBA, Fernando. *Rua*. Vitória: Fundação Ceciliano Abel de Almeida, 1986.

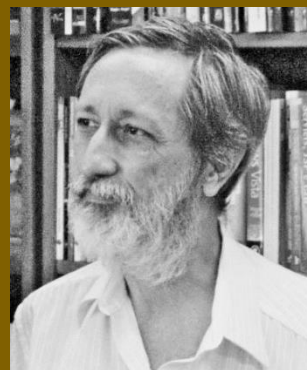
TAVARES, Marcos. Ivan, o terrível. In: CASTILHO, Ivan de Lima. *O deus do trovão*. Vitória: Fundação Ceciliano Abel de Almeida, 1988.

VASCONCELOS, Leão de. *Parmi le soir indéfini...* (poèmes). Traduction et préface de Charles Lucifer. Paris: Elbehnon et Soeurs, 1927.

VIDA Capichaba. Vitória, n. 1, abr. 1923.

VILAÇA, Adilson. Apresentação. In: MORAES, Tércio Ribeiro de. *Poemas terceiros*. Vitória: [s. n.], 2001.

“Neste Mapa incluímos os autores nascidos no Espírito Santo, tanto aqueles que produziram sua obra no Estado natal como fora dele, embora admitamos que, dentre estes últimos, nem todos tenham permeado sua obra, como fizeram Rubem Braga e José Carlos Oliveira, de uma carga palpável de referencialidade regional. Seguindo a lição de Afonso Cláudio, incluímos também aqueles autores que, embora nascidos fora do Espírito Santo, produziram aqui uma parte importante de suas obras, contribuindo para ‘fecundar a seara intelectual’ do Estado. Seguindo a lição de Oscar Gama Filho, tentamos dar uma idéia, no presente trabalho, do que seria um ‘conjunto de obras esteticamente significativas para o Espírito Santo’, aceitando como inevitável o alto grau de subjetividade que implica essa escolha, como bem acentua Oscar. Por fim, divergindo de Afonso Cláudio e de Oscar Gama Filho, preferimos acatar a opinião de José Augusto Carvalho e fugir de formulações como ‘literatura espírito-santense’, ‘literatura capixaba’ e ‘literatura do Espírito Santo’. cremos que o conceito ‘literatura brasileira feita no Espírito Santo’ (apesar de não abarcar os autores capixabas escrevendo fora de seu Estado, presentes neste trabalho) é adequado para o que se produziu de literatura nesta que é ‘uma das menores circunscrições territoriais da pátria’”.



Reinaldo Santos Neves (Vitória, ES – 1946) foi coordenador do Núcleo de Estudos e Pesquisas da Literatura do Espírito Santo (Neples) do Programa de Pós-graduação em Letras (PPGL) do Centro de Ciências Humanas e Naturais (CCHN) da Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes), no período de 1996 a 2012. Além de editor de livros e revistas e de ensaísta, publicou romances: *Reino dos medas* (1971); *A crônica de Malemort* (1978); *As mãos no fogo* (1984); *Sueli: romance confesso* (1989); *Kitty aos 22: Divertimento* (2006); *A longa história* (2007); *A ceia dominicana: romance neolatino* (2008); *A folha de hera: romance bilíngue* (1º v. 2011; 2º v. 2012; 3º v. 2014); *Blues for Mr. Name ou Deus está doente e quer morrer* (2018); novela: *A confissão* (1999); contos: *Heródoto, IV, 196* (2013); *Mina Rakastan Sinua* (2016); *Má notícia para o pai da criança* (2019); poemas: *O poema graciano* (1982); *Muito soneto por nada* (1998); *Poesia 64-14* (2017); crônicas: *Dois graus a leste, três graus a oeste* (2013).

Série Estação Capixaba – volume 20



Editora Estação Capixaba



Neples



Editora Cândia